UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A PRODUÇÃO MEMORIALÍSTICA DE HILDA SIRI PUBLICADA NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sílvia Pretzel

Santa Maria, RS, Brasil

2010

A PRODUÇÃO MEMORIALÍSTICA DE HILDA SIRI PUBLICADA NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*

por

Sílvia Pretzel

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do grau de **Mestre em Letras.**

Orientadora: Prof. Dr. Rosani Ketzer Umbach

Santa Maria, RS, Brasil

2010

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

A PRODUÇÃO MEMORIALÍSTICA DE HILDA SIRI PUBLICADA NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*

elaborada por
Sílvia Pretzel

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Comissão Examinadora

Rosani Ùrsula Ketzer Umbach, Dr.
(Presidente/Orientadora)

Vera Lúcia Lenz Viana da Silva, Dr. (UFSM)

Lizandro Carlos Calegari, Dr. (URI/FW)

Santa Maria, 12 de março de 2010

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Aos meus pais, Leonel e Ilse, pelo apoio, compreensão e incentivo durante esta difícil jornada;

Ao meu noivo, Marcelo Ivan Mentges, pelo carinho, compreensão e ajuda no desenvolvimento deste trabalho;

À professora Dr. Rosani Ketzer Umbach pela orientação da dissertação e pelo auxílio em todos os momentos que necessitei;

Ao Programa de Pós-Graduação pelo apoio técnico;

À Escola de Educação Básica Dom Pedro II do município de Agudo pela compreensão, especialmente à professora Taíse Grings Hoppe que tantas vezes reformulou o horário de trabalho, a fim de adequá-lo às aulas do mestrado;

Ao Instituto Cultural Brasileiro Alemão de Agudo e ao historiador e professor William Werlang pela disponibilidade de material para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos amigos e colegas pelas palavras de apoio e pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

“Se as coisas são inatingíveis ..

Ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que triste os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!”

Mário Quintana

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

A PRODUÇÃO MEMORIALÍSTICA DE HILDA SIRI PUBLICADA NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*

AUTOR: Sílvia Pretzel

ORIENTADOR: PROF[a]. DR. Rosani Ketzer Umbach

Santa Maria, 12 de março de 2010.

Este trabalho apresenta a descrição de parte da história da imigração alemã para o Brasil, centrando-se no Rio Grande do Sul. Este é o estudo inicial que tem como seqüência mostrar o desenvolvimento da imprensa em língua alemã e sua tentativa de preservar a história deste povo. Para exemplificar esta tentativa de preservação, são analisados, neste trabalho, as narrativas de Hilda Siri, publicadas no almanaque *Serra Post Kalender* entre os anos 1952 e 1956. Foi escolhido este almanaque, pois ele caracteriza a época em que circulou (1922 – 1960) e a autora apresenta textos relevantes nos anos em que publicou. Os textos narrativos estão centrados, em sua maioria, na rememoração. Este trabalho está dividido em quatro capítulos tratando, respectivamente, da história da imigração, das teorias sobre memória e história, da imprensa jornalística em língua alemã e da análise dos textos de Hilda Siri. Nesta análise são observados os pontos considerados históricos e que são relevantes para o desenvolvimento destes textos.

Palavras-chave: almanaque, narrativa curta, história, memória.

ABSTRACT

Master Dissertation
Post-Graduate Program in Letters
Federal University of Santa Maria

THE MEMORIAL PRODUCTION OF HILDA SIRI PUBLISHED IN *SERRA POST KALENDER ALMANAC*

AUTHOR: Sílvia Pretzel

ADVISER: PROF. DR. Rosani Ketzer Umbach

Santa Maria, March 12, 2010.

This paper presents a description of the history of German immigration to the central region of Rio Grande do Sul. This is the initial study that has the sequence showing the development of German-language printed and its attempt to preserve the history of this nation. To illustrate this attempt to preserve, it are analyzed in this work, the five stories of Hilda Siri, published in the almanac *Serra Post Kalender* between the years 1952 and 1956. This almanac was chosen because it marks the time when circulated (1922 – 1960) and the author presents relevant texts in the years when she published in this almanac, focusing in large part on remembering. This work is divided into four chapters, respectively, the history of immigration, of the theories on memory and history, the press in German journalism in Southern Brazil and literary analysis of the stories by Hilda Siri. In this analysis the points are seen as historic and that are relevant to the development of these texts.

Keywords: almanac, story, history, memory.

LISTA DE ANEXOS

8.1 Anexo 1 ……86

8.2 Anexo 2 ……93

8.3 Anexo 3 ……96

8.4 Anexo 4 ……108

8.5 Anexo 5 ……111

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....11

2. HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL.....14

2.1 Os alemães e o outro.....18

3. AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA.....26

3.1 Entre literatura e história.....34

3.2 Memória e história: presença na literatura dos almanaques.....37

4. A IMPRENSA.....42

4.1 O desenvolvimento da imprensa em língua alemã.....42

4.2 Os almanaques.....49

4.3 Principais temas desenvolvidos nos textos publicados nos almanaques.....51

4.4 Serra Post Kalender.....53

4.4.1 Hilda Siri.....54

5. TEXTOS DE HILDA SIRI PUBLICADOS NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*. 56

5.1 Os imigrantes e a memória no texto "Die alte Truhe" – O velho baú.....56

5.2 A morte das mães no texto "Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus Familienchronik" – A vingança da floresta. Um destino de imigrante extraído de uma crônica.....61

5.3 "Ein Schulexamen" – Uma prova de escola.....64

5.4 "Das Preisausschreiben" O concurso.....68

5.5 "Die Mutterreiter sind da!" – Os caixeiros-viajantes chegaram 71

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

7. REFERÊNCIAS……80

8. ANEXOS ……85

1 INTRODUÇÃO

A Alemanha está localizada no centro da Europa e, por não possuir obstáculos naturais consideráveis, tornou-se uma área de livre trânsito entre povos, culturas e idéias econômicas, sociais e filosóficas. No entanto, era um dos países que não possuía colônias na América, como Portugal, Espanha e Inglaterra. Assim, a partir dos anos de 1840, a questão da emigração tornou-se de grande relevância para a nação alemã. O governo alemão acreditava que, incentivando a emigração, teria praticamente uma colônia, já que os emigrantes tinham a função de preservar a língua e a cultura, além de fornecer matéria-prima. Este povo ainda deveria consumir o que era produzido na Alemanha.

Por outro lado, o governo brasileiro também demonstrava grande interesse na vinda desses imigrantes, pois, com a absolvição da escravatura, necessitava-se de trabalhadores, principalmente braçais, além de soldados para defender as fronteiras do país, as quais ainda não estavam bem definidas. Dessa forma, prometia aos imigrantes terras documentadas, ferramentas, sementes e o que necessitassem pelo menos no início nessa nova terra.

Apesar de ser a partir dos anos de 1840 que a emigração foi encarada como pertinente para a Alemanha, ela foi intensificada somente após a Primeira Guerra Mundial, a partir do ano de 1920. No entanto, logo após a independência do Brasil, chega a primeira leva de imigrantes, por volta de 1824, sendo composta aproximadamente de 1252 pessoas. Entre 1824 e 1914 estima-se que 48000 alemães chegaram ao Rio Grande do Sul e espalharam-se por diversas regiões.

A região Sul do Brasil estava destinada ao povoamento de imigrantes europeus. Porém, a imigração foi mais intensa no Rio Grande do Sul, sendo reconhecida em todo território nacional devido a sua relevância e ocasionando diversas mudanças tanto no âmbito cultural quanto social deste estado. Neste local, quase um terço da população é de origem alemã. O povo descendente de alemães desenvolveu as regiões que habitou, tentando preservar a cultura de sua terra de origem.

Mesmo com os esforços e com os auxílios do governo alemão, o governo brasileiro não cumpriu com a maior parte das promessas feitas, tornando o sonho

dos imigrantes de melhorarem de vida, produzindo em terras próprias ainda mais difícil, sendo necessária a colaboração mútua para que pudessem ter condições dignas de sobrevivência.

Devido às imensas dificuldades enfrentadas, os alemães que se instalaram no Sul do Brasil, desenvolveram um sentimento denominado germanidade, ou seja, uma tentativa de preservar a cultura de sua terra natal e de seus antepassados, ou mesmo, de lembrar os acontecimentos vivenciados durante a viagem e após a chegada na nova terra. Para isso, reproduziram festas típicas, como a Oktoberfest, e intensificaram a produção da imprensa, que foi o meio encontrado para preservar as histórias vivenciadas para seus descendentes. Isto se deu, principalmente, através dos almanaques em língua alemã, que foram de grande importância, predominantemente, entre os anos de 1850 e 1940. Dessa forma, para manterem vivas as situações sociológicas às quais eram submetidos, os descendentes de imigrantes alemães produziam textos ficcionais preservando não só a língua, mas também a história, sendo tudo possível através da memória.

Nestes almanaques está presente um pedaço da história da Alemanha e das imigrações, apresentando fatos considerados históricos dentro de narrativas ficcionais curtas. Esta imprensa está preservada em diversos acervos, já que atualmente circula menos de uma dezena de publicações em língua alemã.

O produtor desses textos era considerado como jornalista que, por sua vez, escreveu com fim prático de sua profissão e, muitas vezes, se tornou escritor, usando o próprio jornal para publicar suas poesias e trabalhos literários. Com a análise dessas produções, então, percebe-se a literatura de memória que pode ser considerada como literatura confessional[1], ou seja, é a auto-escrita de um *eu* personagem que pode ser confundido com o autor da obra. Na literatura confessional, as memórias são consideradas como construções literárias que remetem o eu para o passado de forma a construir o presente. As memórias só são configuradas como tais, pois, quando relembradas, atribuem-se novos significados aos fatos.

A memória ainda pode ser associada à identidade cultural de um povo, principalmente por estar ligada a fragmentos e a histórias que não são contínuas e podem ser de um indivíduo ou de uma sociedade. Le Goff (2003) afirma que a

---

[1] Teoria discutida no artigo *Termos de Literatura confessional em discussão,* publicado na **Revista Guavira** de Três Lagoas , 2005. Ver referências bibliográfics.

memória tem a “propriedade de conservar certas informações e remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória pode ser do indivíduo ou da sociedade da qual ele faz parte. É a partir dela que se pode resgatar uma história, bem como entender os comportamentos, costumes e tradições de um povo. Portanto, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade,* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Já, para Halbwachs (2006), a memória pode ser compreendida como uma sucessão de fatos marcantes na história de um país, o que se traduz na idéia de continuidade. Ela é algo construído a partir da visão de um elemento, que pode vir a fazer parte da simulação de realidade. Na memória podem estar os passos dados por uma sociedade no passado, tanto em relatos confessionais, quanto em acontecimentos históricos, fazendo a junção de ambos formando um contexto histórico, considerado real. Assim, segundo Ricouer (1996), a memória é a única guardiã do que “realmente pode ter ocorrido no tempo” (RICOUER, 1996, p.11). É através dela que, mesmo sendo fragmentada e pluralizada, o indivíduo aproxima-se da história de um povo e, principalmente, da “ambição de veracidade” (RICOUER, 1996, p.11).

Através deste contexto, este trabalho apresentará fatos da história da imigração, o desenvolvimento das colônias e o da imprensa no Rio Grande do Sul, centrando o foco sobre os almanaques a fim de observar a utilização de fatos considerados históricos em narrativas curtas. Para isso, realizar-se-á a análise dos textos de Hilda Siri publicados no almanaque *Serra Post Kalender* entre os anos de 1952 e 1956. Este corpus foi escolhido, por não haver muitas pesquisas referentes a ele e por ser de grande importância para a preservação da língua e da história alemã. Essas narrativas serão analisadas com o auxílio das teorias sobre memória e história, a fim de tentar explicar a importância deste tipo de imprensa na preservação cultural e social do povo teuto-brasileiro.

2 HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

A Alemanha, na época da vinda dos primeiros imigrantes, era denominada como Federação Alemã. A Federação Alemã, segundo Souza, “era composta por estados, principados, reinos autônomos, com governo próprio, mais ou menos independentes uns dos outros” (SOUZA)[2]. Os anos entre 1815 e 1848 são marcados por diversas revoltas entre elas a Revolução de 1848, as quais exigem reformas no sistema da Federação Alemã, principalmente, no sentido de liberdade no campo político, econômico e social. ”E mais, querem que a “Federação Alemã” se transforme num estado unitário fundamentado num parlamento” (SOUZA). Nessa época sem liberdades na Alemanha, os camponeses não têm acesso à terra própria, a qual pertence aos grandes senhores e, mesmo trabalhando nas indústrias, são explorados. A situação é de muita miséria para os menos favorecidos.

Nos outros países já havia a liberdade tão desejada por esses alemães. O Brasil surge para eles como sendo o paraíso, um refúgio em relação aos problemas apresentados na Federação Alemã. São, principalmente, as motivações econômicas, além das religiosas e das ideológicas, que fizeram com que essas pessoas saíssem de sua terra de origem para recomeçar a vida em um país totalmente estranho.

A primeira leva de imigrantes alemães chega ao Brasil em 1818, sendo assentada numa colônia denominada Leopoldina em São Jorge de Ilhéus, na Bahia (SOUZA). Além da colônia na Bahia, no mesmo ano foi fundada a colônia de Nova Friburgo (RJ). As duas colônias citadas não possuem um desenvolvimento satisfatório. Apesar disso, a imigração se intensifica a partir de 1824 e segue até 1930. Os imigrantes chegam ao Sul do Brasil a partir de 1824, fundando a colônia de São Leopoldo, caracterizada como o marco inicial da colonização alemã no Sul do Brasil. A fundação de colônias etnicamente homogêneas é uma das características singulares dessa imigração.

---

[2] SOUZA, Celeste Ribeiro de. **Literatura Brasileira de Expressão Alemã** *Introdução: Embates culturais.* Disponível em www.fflch.usp.br/dem/alemao/pesquisa/rellibra/apresentacao%E7%E30.pdf acesso em 10 de janeiro de 2010 às 20h15min

Na Alemanha, a partir de 1840, a emigração foi encarada como ponto crucial para o desenvolvimento daquele país. Ela deveria atender apenas os interesses do povo e do Estado, pois se desejava que os imigrantes mantivessem e desenvolvessem as suas ligações culturais e econômicas com aquele país. Como a maioria dos países europeus possuía colônias e se desenvolvia rapidamente, a Alemanha passou a incentivar a emigração com o objetivo de desenvolver-se política e economicamente. Para que isso fosse possível, "os emigrados alemães deveriam garantir, no estrangeiro, a formação de um mercado consumidor para os produtos da nascente indústria da Alemanha, suprindo, para a economia alemã, a falta de colônias" (CUNHA, 2003, p.18).

Além disso, as ligações culturais também deveriam ser mantidas, para que ocorressem as estreitas relações econômicas, garantindo que os alemães mantivessem a sua língua de origem e, a partir disso, preservassem a sua cultura. Segundo Cunha (2003), "a partir dos anos de 1840 essas idéias passaram a ligar-se mais e mais com o sentimento de criação e preservação de uma identidade nacional, mesmo entre alemães emigrados, e resultaram no aparecimento de vários projetos de emigração e colonização" (CUNHA, 2003, p.18). O desejo era encontrar um local em que os alemães se mantivessem ligados à Alemanha através dos laços culturais em proveito de seus interesses políticos e econômicos.

A região Sul do Brasil mostrou-se ideal para a colonização, pois poderia ser a manutenção, ou melhor, uma extensão da Alemanha nas Américas, pois "acreditava-se poder, em contraposição a uma América do Norte vinculada econômica e culturalmente à Inglaterra, desenvolver uma América do Sul vinculada à Alemanha" (CUNHA, 2003, p.18). Estes emigrantes alemães deveriam garantir o fornecimento de matérias-primas e ser um forte mercado consumidor da nascente indústria alemã.

Apesar da vontade da Alemanha em ter colônias na América do Sul, o governo alemão tinha uma certa desconfiança em relação ao Brasil, pois havia falta de cumprimento das leis brasileiras e, principalmente, falta de proteção do governo imperial, o que provocou a não aprovação por parte do governo alemão da vinda de emigrantes para o Brasil. Assim, os poucos colonos que aqui se estabeleciam no início, era por coragem própria ou por iniciativa de algum presidente de alguma província (CUNHA, 2003), mas não por iniciativa do governo central. Mesmo com tantos percalços, os colonos passaram a vir para o Brasil a partir de 1824, contra as

decisões do governo alemão referentes à emigração, já que o governo brasileiro não oferecia garantias aos emigrados.

Entre 1850 e 1909, entram no Brasil cerca de 15 mil alemães em cada década. “O momento de maior afluxo ocorreu após a Primeira Guerra Mundial: na década de 1920, o Brasil recebeu pouco mais de 75 mil alemães, o que representa quase 30% do total” (SEYFERTH, 1994, p.13). Esses imigrantes são de origem rural, apesar de haver artesãos, técnicos especializados, refugiados políticos, intelectuais, entre outros.

Embora a Alemanha tentasse manter colônias na América, mas fosse contra a emigração para o Brasil, o governo brasileiro possuía grande interesse em atrair colonos para substituir a mão de obra escrava. Para isso oferecia diversas vantagens como terras com documento de propriedade, ferramentas, sementes, auxílio em dinheiro e financiamento para os primeiros tempos, e mesmo a naturalização imediata e liberdade ao culto (SCHREINER, 1996).

Ao contrário do que se havia prometido, os alemães, no início, passaram a se instalar nas regiões de fronteiras para evitar o avanço dos espanhóis. Os imigrantes, na maioria das vezes, viveram em um abandono total, não recebendo o auxílio prometido pelo governo, enfrentando grandes dificuldades. Dessa forma, segundo Schreiner (1996)**,** grande parte das promessas feitas pelo governo brasileiro não foram cumpridas. Além do descaso das autoridades governantes e do preconceito dos povos locais, muitos desses imigrantes alemães foram recrutados como soldados pelo exército brasileiro ou então utilizados para substituir a mão de obra dos negros, sendo submetidos, praticamente, a um regime escravista.

Estes alemães instalavam-se em colônias, as quais não se desenvolveram uniformemente, sendo que algumas como a de São Leopoldo cresceram significativamente e outras estagnaram-se. No Rio Grande do Sul, várias colônias foram fundadas, como a de São Leopoldo, de São Lourenço, de Novo Hamburgo e de Santo Ângelo.

A vida nestas colônias era “determinada pelo isolamento vivido pelos seus habitantes, devido às grandes distâncias e à precariedade dos meios de comunicação” (SCHREINER, 1996, p.35). Assim, a única saída era amparar-se na solidariedade humana, a qual era intensificada pela fé religiosa, apesar de não gozarem plenamente da liberdade ao culto, já que a maioria era da religião evangélica, distinta da do império: a religião católica.

Junto a esses imigrantes alemães vieram a língua, a cultura e diversas profissões, as quais eram preservadas devido ao isolamento em que viviam. Os alemães que vieram para o Brasil já possuíam escolarização e, por isso foram eles que fundaram as primeiras escolas, nas quais eles mesmos ministravam as aulas. Segundo Pimpão (s/d),

> começaram a pisar o solo brasileiro imigrantes que carregavam consigo a semente do saber. Inclusive professores eram integrantes dos grupos colonizadores e não tardaram a surgir escolas – alemãs, é evidente -, em meio às novas povoações que surgiram dentre o verde das matas virgens (PIMPÃO, s/d, p. 5-6).

Dessa forma, nos primeiros vinte e cinco anos de imigração, cabe à escola o papel de dar o mínimo de instrução, isto é, que o descendente de imigrante soubesse ler, escrever, fazer contas, ter noções sólidas de religião, conhecer história, geografia e, principalmente, estar informado dos acontecimentos locais ou até mesmo regionais ou nacionais, caso isto fosse possível. Essas escolas, em condições precárias, tinham a função de preservar a língua, os costumes e a cultura do povo alemão.

Portanto, preservou-se a identidade do povo imigrante

> como uma identidade étnica, que caracteriza-se pela seleção, por parte do grupo, de uma série de laços culturais que buscam identificar pessoas que o integram, como a língua, hábitos, instituições típicas (...) que se materializam na crença numa origem e num passado comum" (SILVA, 2006, p.39).

Assim, os imigrantes que se instalaram no Rio Grande do Sul eram provenientes de um país que, nos primórdios da emigração, não era um Estado-Nação unificado, sendo, portanto, um grupo bastante heterogêneo. Segundo Woortmann (2000),

> o contingente de emigrados para o Brasil era heterogêneo em vários sentidos. Foi composto por famílias e pessoas que não faziam parte do concerto social que passou a ser regido por Metternich, que não estavam afinados ou que foram expulsos. Entre eles havia também os inconformados com as recorrentes crises decorrentes dos problemas ecológicos, como a grande fome de 1817, e os vitimados pela desorganização social e econômica resultante de constantes guerras e conflitos regionais, assim como pelos escorchantes impostos. Incorporou tanto os que se rebelaram contra a destruição do modelo implantado durante o domínio francês quanto aqueles que lutaram em Waterloo contra as tropas do "Corso", assim como os inconformados com imposições

> religiosas. Foram, por assim dizer, emigrantes expulsos pela história do século XIX. Se vieram luteranos e católicos, vieram também maçons, anabatistas, judeus, etc., e ao lado de hamburgueses, encontraram-se prussianos, renanos, saxões e também austríacos e dinamarqueses (WOORTMANN, 2000, p.206)

Apesar das diferentes origens, da dificuldade de integração à nova terra, à pobreza da qual inicialmente provaram, do desprezo vivenciado, este povo era unido pelo sentimento de germanidade, considerado como a essência do povo alemão, preservado, principalmente, através da língua.

No entanto, é impossível centrar-se em atividades culturais nos locais de imigração, "sem mencionar os jornais e publicações variadas (almanaques, calendários, textos literários, etc.) que circulavam pelas colônias e foram publicados em língua alemã" (SCHREINER, 1996, p.42). Estas publicações preservam um pouco da história da imigração, das dificuldades vivenciadas tanto no país de origem quanto no Rio Grande do Sul, da cultura e, principalmente, da língua, já que os textos eram produzidos e publicados em língua alemã.

2.1 O imigrante alemão e o outro

Os projetos de imigração foram implementados no Sul do Brasil a partir de 1824, sem muita expressividade na vinda de colonos. A imigração alemã foi retomada a partir de 1845, segundo Seyferth[3] (1993), tendo em vista a política de colonização do império. Esses alemães estabeleceram-se em núcleos coloniais, normalmente localizados às margens e vales de rios como o dos Sinos, o Jacuí e o Caí. Os imigrantes foram assentados em colônias "em áreas de floresta" (SEYFERTH, 1993, s/p) com "a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios. Em todas elas houve a formação de sociedades camponesas com a economia baseada na pequena propriedade familiar policultora" (SEYFERTH, 1993, s/p).

---

[3] Referência extraída do texto **Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro** de Giralda Seyferth. Este trabalho foi apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. Ele está disponível em www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm acesso em 12 de agosto de 2009 às 08h45min.

Essas colônias de imigrantes alemães eram compostas por lotes de 25 a 30 hectares por família. Então, mesmo situadas próximas das capitais, as colônias ficaram um longo período isoladas geográfica e socialmente da sociedade brasileira, o que contribuiu para o fortalecimento da consciência étnica coletiva do povo de origem alemã (SEYFERTH, 1993).

O isolamento provocou a formação de comunidades étnicas não assimiladas com a sociedade brasileira, ou seja, comunidades em que predominava o uso da língua alemã, o seguimento de eventos culturais originários da Alemanha, além da fundação de escolas comunitárias alemãs, instituições culturais (como as sociedades de dança e canto) e as sociedades esportivas. Havia ainda características relacionadas ao estilo de vida e a uma ordem econômica e social derivada da experiência de colonização. Todas essas características provocaram uma Campanha de Nacionalização, a qual se fortaleceu com o Estado Novo.

A identidade coletiva formada pelos imigrantes alemães "reflete a idéia de pertencimento a uma unidade, um sentido de identidade coletiva, reforçada pela crença na origem comum" (SEYFERTH, 1993, s/p). Isso foi reconhecido e "permanentemente enfatizado por publicações periódicas em língua alemã – jornais, almanaques, textos comemorativos e até uma literatura tento[4]-brasileira – produzidas entre 1852 e 1939 por membros de comunidades influentes nas escolas, nas associações culturais e na política local " (SEYFERTH, 1993, s/p).

As identidades, como afirma Woodward (2000), "adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 8). A identidade somente é percebida através da diferença. No texto de Woodward isso é exemplificado pela diferença entre a identidade sérvia e a croata. Porém, nesta pesquisa sobre a imigração alemã transpõe-se esse exemplo para o contexto em questão. Então, a identidade alemã depende de algo fora dela para existir. Ela somente é percebida quando é confrontada com a brasileira, ou seja, sabe-se que se é descendente de alemães, pois não se é brasileiro. Nesse caso observa-se que "a diferença é sustentada pela exclusão" (WOODWARD In SILVA, 2000, p.9). Assim, segundo Woodward (2000), "a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras,

[4] Citado dessa forma pela autora do texto.

especialmente em lugares particulares e em momentos particulares" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 11).

Um dos meios pelos quais a identidade é reconhecida é através do apelo aos antecedentes históricos. Woodward afirma no exemplo apresentado dos sérvios e dos croatas de que eles "tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 11). Isso também ocorre com os descendentes de alemães no Brasil, que tentam reproduzir histórias de imigrantes em textos ficcionais, além de seguir a cultura herdada daqueles que povoaram o Sul do Brasil. "Assim, a redescoberta do passado é parte do processo de *construção da identidade* que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 12).

Então, pode-se observar que a identidade é relacional e a diferença é estabelecida através da marcação de símbolos referente a outras identidades com as quais a primeira é comparada. Muitas vezes, "a identidade está vinculada também a condições sociais ou materiais" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 14) o que pode ser exemplificado por meio da visão dos alemães em relação aos brasileiros como desqualificados e sem capacidade de crescimento e dos próprios brasileiros em relação aos alemães como preconceituosos e que não assimilam a cultura do país em que estão vivendo. Dessa forma, como afirma Woodward (2000),

> o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são "vividas" nas relações sociais (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 14).

O que molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre várias identidades é a cultura (WOODWARD In SILVA, 2000). Assim, "cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 41). A distinção provocada através das diferentes culturas pode ser construída negativamente "por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como "outros" ou forasteiros" (WOODWARD In SILVA, 2000, p. 50) ou ainda positivamente quando ocorre a

assimilação e considera-se o outro como uma fonte de heterogeneidade, que pode ser enriquecedora para o desenvolvimento das duas culturas em questão.

A cultura é tratada como uma síntese de toda a atividade histórica do ser humano. A cultura popular compreende os símbolos e os modos de ser de um povo, sendo externada pela arte, pelo folclore, pela música, expressando a história desse povo (SIDEKUM, 2006). Segundo Sidekum (2006), "cada cultura deve ser entendida como uma proposta de ordem frente ao caos, como complexa e transformadora, cujos elementos particulares, no entanto, podem parecer arbitrários a partir de qualquer outra proposta global e desde uma situação de mudança" (SIDEKUM, 2006, p. 105). Para moldar a cultura de um povo é necessária a educação, pois a "cultura é o que o ser humano adquire ou apreende como membro da sociedade em oposição ao que herda como membro da espécie" (PARKER, 2005, p.75 apud SIDEKUM 2006, p. 109). Assim, o sistema cultural trazido pelos imigrantes alemães entra em conflito com o já existente no Brasil, deixando em evidência "a diversidade cultural dos lugares povoados por colonos extremamente distanciados do ideal brasileiro de nação e dos quais se exigia assimilação" (SEYFERTH, 2002, p. 127).

A concepção étnica presente no conceito de germanidade (Deutschtum) é caracterizada pela distinção cultural e social dos alemães em relação ao povo brasileiro. Segundo Seyferth (1993), "o pioneirismo dos colonos, a eficiência do colonizador teuto são contrapostos a uma imagem estereotipada do brasileiro rural, desqualificado como caboclo por todo um conjunto de características desabonadoras, remetidas a uma condição de inferioridade racial" (SEYFERTH, 1993, s/p). Além disso, o conceito de germanidade traz consigo a idéia de solidariedade e igualdade entre os que participam de uma identidade étnica comum.

A questão racial esteve sempre presente nos projetos imigrantistas, pois segundo Seyferth (2002),

> a imigração passou a ser representada como um amplo processo civilizatório e forma mais racional de ocupação de terras devolutas. O pressuposto de superioridade branca, como argumento justificativo para um modelo de colonização com pequena propriedade familiar baseado na vinda de imigrantes europeus - portanto distinto da grande propriedade escravista - foi construído mais objetivamente a partir de meados do século XIX (SEYFERTH, 2002, p. 118).

No Sul do Brasil, a imigração teve como principal objetivo o de povoamento, baseado na pequena propriedade rural. A localização das colônias ocorreu ao redor da grande propriedade escravista ou em terras devolutas, privilegiando as correntes imigratórias européias. Porém, segundo Seyferth (2002), nesse contexto de povoamento, os imigrantes alemães aparecem como antítese da brasilidade, já que eles traziam consigo a sua cultura e seu modo de vida, sua religião, preservando a língua e sua identidade, pontos muitos diferentes da realidade brasileira.

As motivações econômicas e a necessidade de ocupação territorial foram os principais argumentos utilizados para atrair os imigrantes para o Sul do Brasil, porém, o nacionalismo de alguns brasileiros foi confrontado, especialmente, com a imigração alemã, devido à dificuldade de assimilação da identidade cultural brasileira em relação à cultura já pertencente aos cidadãos que se dispunham a vir para o Brasil.

Apesar dos choques culturais que aconteceram com a vinda dos primeiros imigrantes,

> vários alemães radicados no Sul do Brasil escreveram textos de propaganda (principalmente folhetos e livros sobre as colônias) para atrair compatriotas para projetos coloniais. Os textos falam do progresso dos núcleos já existentes, das possibilidades de acesso à terra e dão instruções consideradas "úteis" para potenciais emigrantes (SEYFERTH, 2002, p. 127).

A colonização surgiu de uma "lógica geopolítica de povoamento, articulada à ocupação de terras públicas consideradas "vazias" – sem qualquer consideração pela população nativa, classificada como nômade e incivilizada" (SEYFERTH, 2002, p.119). Pode-se perceber através das constatações de Seyferth, que o habitante nativo das regiões previstas para a colonização era visto como o outro, considerado como incapaz de ser assentado em uma região de colonização, aquele diferente dos colonos ideais, de origem européia. Nesses colonos ideais inserem-se os alemães, aqueles agricultores brancos, eficientes e que emigram com a família.

Através dessas observações, percebe-se que há a presença da alteridade, a qual é percebida e se instaura de maneira concreta quando se refere à espacialidade. Isso acontece, pois a diferença somente é percebida quando uma novidade rompe com a totalidade de um sistema cultural (SIDEKUM, 2006). No entanto, no processo imigratório, a alteridade também se refere à questão racial,

pois há ausência de negros e mestiços na maioria das áreas coloniais. Esse fato foi atribuído ao preconceito racial dos imigrantes e de diretores de empresas colonizadoras (SEYFERTH, 2002).

A construção de uma nova identidade estava atrelada a dois pertencimentos pátrios, surgindo, então, o termo teuto-brasileiro com a finalidade de marcar "as distintividades étnicas da população de origem germânica num contexto social em que a maior parte dela não tinha direitos de cidadania, sujeita à administração colonial" (SEYFERTH, 2002, p. 129). Observa-se ainda o distanciamento cultural marcado pelo uso cotidiano da língua alemã e pela presença da religião protestante. Esses fatos corroboraram para um discurso assimilacionista e a conseqüente desqualificação da imigração alemã. Essa assimilação é entendida como "a adequação do estrangeiro à formação latina e católica do país" (SEYFERTH, 2002, p. 129). Então, o melhor imigrante é aquele que concorda com os projetos assimilacionistas e se integra com o povo local, miscigenando-se com os nacionais, cumprindo com a função de branqueamento do povo. Esse branqueamento estava enunciado na idéia de evolução do povo.

Porém, essa miscigenação não era vista com bons olhos pelos imigrantes alemães, sendo encontradas matérias publicadas na imprensa em língua alemã, que criticam a mistura de raças e a própria assimilação dos imigrantes da cultura local, a qual era privilegiada em detrimento da cultura dos alemães. No entanto, esses alemães eram definidos pelo povo local pelo seu orgulho de raça, sendo considerados por isso preconceituosos e difíceis de absorver (SEYFERTH, 2002).

A grande maioria dos imigrantes vieram para o Brasil através da ação de agentes de empresas colonizadoras ou agentes nomeados pelo governo imperial, sendo a vinda subsidiada pelo Estado. Os colonos que desembarcavam deveriam ser agricultores ou artesãos. Além disso, deveriam ter em sua bagagem as ferramentas necessárias para o seu trabalho. Esses trabalhadores foram recrutados a fim de substituir a mão de obra escrava, pois as lavouras estavam comprometidas sem o trabalho escravista e era necessária a substituição pelo homem livre. Assim, "o capital investido no tráfico poderia ser usado positivamente, para chamar a imigração branca livre e industriosa, que daria ao país cidadãos exemplares, e ao imperador súditos fiéis" (SEYFERTH, 2002, p.123). Nesse caso, observa-se que os escravos eram considerados como desqualificados, sem a "inteligência" suficiente para transformar-se em cidadãos livres e exemplares para o país. Além dos

escravos, há uma parcela da população que era considerada inferior e denominada cabocla. Essa parcela também foi excluída pelas elites regionais e nacionais da colonização (SEYFERTH, 2002).

O Brasil queria atrair imigrantes que fossem exemplos de cidadãos, então, “na legislação são especificados os indesejáveis (incluindo brancos) – desordeiros, criminosos, mendigos, vagabundos, portadores de doenças contagiosas, profissionais ilícitos, dementes, inválidos, velhos, etc“ (SEYFERTH, 2002, p.126). Dessa forma, percebe-se que, mesmo levando em conta a idéia da suposta superioridade da raça branca e européia, segundo as citações acima, havia restrições em relação às pessoas que deveriam vir como imigrantes. O governo empenhava-se em povoar o Brasil com cidadãos dispostos ao trabalho, que desenvolvessem o país, sem que dessem despesas extras ao Estado ou provocassem desordem.

Além de povoar as regiões inabitadas do Brasil, o governo imperial também recrutou soldados com a finalidade de proteger a fronteira internacional ao sul, já que havia forte tensão naquele local, devido à disputa pela província Cisplatina (atual Uruguai) com a Argentina (SEYFERTH, 2002).

Porém, mesmo com a necessidade de povoamento, após a Segunda Guerra Mundial, passou a haver restrições em relação à entrada de imigrantes no Brasil. Estas restrições se devem, principalmente, às premissas de uma nação assimilacionista “que não podia tolerar a presença de grupos etnicamente identificáveis no seu território” (SEYFERTH, 2002, p. 138). Os componentes desses grupos eram denominados de alienígenas, segundo Seyferth (2002), tanto os imigrantes quanto seus descendentes nascidos no Brasil, mas que etnicamente eram diferentes em relação ao ideal nacional. Somente eram considerados brasileiros aqueles que assimilavam a nação como um todo. Essa assimilação deveria ser atingida através da educação formal, tendo por obrigatoriedade a língua portuguesa, além de impor o espírito nacional.

A identidade alemã se caracteriza em decorrência do contato e do próprio processo histórico de colonização que, segundo Seyferth (1994), “produziram tanto uma cultura camponesa compartilhada com outros grupos imigrados, como uma cultura especificamente teuto-brasileira” (SEYFERTH, 1994, p. 13). Os cidadãos imigrados são qualificados como leais à nova pátria, porém afirmam-se as diferenças em relação aos brasileiros, através desse postulado de germanidade, a qualidade

étnica que não é compartilhada com os demais brasileiros. Cada grupo de imigrantes teria o direito de manter seus costumes, sua cultura e sua língua, e todos da mesma forma seriam cidadãos brasileiros.

Apesar das distinções entre brasileiros e alemães, “os teuto-brasileiros formam um grupo étnico distinto dos alemães (a Alemanha é a *Urheimat*, pátria de origem) e dos brasileiros, e tem sua especificidade derivada da experiência comum da colonização” (SEYFERTH, 1994, p. 19). Esses critérios de pertencimento étnico, social e político privilegiam a origem alemã e a cidadania brasileira.

Após a Campanha de Nacionalização e tendo em vista o novo contexto de integração dos imigrantes alemães e seus descendentes na sociedade brasileira, “a etnicidade teuto-brasileira se atualizou, mantendo alguns identificadores culturais e descartando outros” (SEYFERTH, 1994, p. 23). Isso é perceptível, principalmente, no uso do idioma alemão, que, nas áreas urbanas, não é mais de domínio de todos, sendo predominantemente usado por pessoas mais velhas e que moram em locais mais isolados.

3 AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Com a pós-modernidade, a ciência deixa de ter verdades absolutas, o que se tem são possibilidades do que poderia ter acontecido, ou seja, ocorre a descrença nos conceitos que existiam para se explicar o mundo. Essa fragmentação permite a incorporação do lúdico, do fantasioso e do imaginário, relacionando, assim, a história e a memória.

História significava originalmente "ver", "ser testemunha ocular" e, posteriormente, referia-se àquele que examina os fatos e obtém a verdade através da indagação. Assim, ser historiador é ter uma dupla função: testemunhar e indagar (BENJAMIN, 1994). A principal função da história na época dos gregos era a de preservar os feitos para que fossem exaltados no decorrer dos séculos. Segundo Benjamin (1994), Heródoto entendia que "a tarefa da História" era "salvar os feitos humanos da futilidade que provém do olvido" (BENJAMIN, 1994, p. 70).

No prefácio do livro **Magia e técnica, arte e política,** Gagnebin também conceitua o termo história como sendo algo que "designa tanto o processo de desenvolvimento da realidade no tempo como estudo desse processo ou um relato qualquer" (GAGNEBIN, 1994, p. 7). A história se preocupa com um tempo cronológico em que os fatos acontecem linearmente, sendo analisados criticamente. Para que isso ocorra é necessário que o historiador constitua uma experiência em relação ao passado. Essa experiência pode ser vivida, a qual é característica do ser solitário e tem como necessidade a "sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento social" (GAGNEBIN, 1994, p.9). Ela pode ainda ser a transmitida pela narração dos fatos, sendo a experiência comuns ao narrador e ao ouvinte (GAGNEBIN, 1994).

Apesar de tentar preservar os feitos, a história não possui uma totalidade, o que se relata são recortes considerados como importantes, extraordinários, para aquele momento e que devem ser preservados, pois tudo o que deve sua existência ao homem é perecível. Isto se dá porque, o homem como ser coletivo, ou seja, a espécie humana é considerada imortal, mas o ser individual não. Por isso é necessário registrar o que é considerado importante para ser relembrado pelas gerações futuras. Conforme afirma Veyne (1995), "como o romance, a história

seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba em uma página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos" (VEYNE, 1995, p. 11).

Apesar de ser a função da história relatar simplesmente os fatos objetivamente, a subjetividade também está presente. Portanto, "a objetividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio" (DUBY, 1986, p. 7-8 Apud FÉLIX, 2004, p. 14). Isso ocorre, porque na simples escolha do que o historiador irá relatar, já está intrínseca a sua opinião, "nem a essência, nem os fins da história estão ligados à presença desse personagem[5]; eles resultam da ótica escolhida" (VEYNE, 1995, p. 11). Além disso, se conhece a história através da visão do vencedor, o lado dos oprimidos, geralmente, é esquecido. Assim, segundo Benjamin (1994),

> o antigo padrão de objetividade somente poderia fazer sentido caso o historiador acreditasse em que a História em sua inteireza fosse, ou um fenômeno cíclico, passível de ser apreendido como um todo através da contemplação [...], ou guiada por alguma providência divina para a salvação da humanidade, cujo plano foi revelado e cujos inícios eram conhecidos e que, portanto, poderia ser contemplada como um todo. (BENJAMIN, 1994, p.81).

Veyne (1995), ao analisar o modo como se escreve a história, também afirma que "em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e literalmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria,* por indícios." (VEYNE, 1995, p. 12). Então, nota-se que a história são recortes e "o historiador escolhe, livremente, o itinerário para descrever o campo factual e todos os escolhidos são válidos (mesmo que não sejam tão interessantes)" (VEYNE, 1995, p. 30). Apesar da liberdade de escolher sobre o que o historiador quer discorrer, "os fatos não existem isoladamente, mas têm ligações objetivas; a escolha de um assunto de história é livre, porém, dentro do assunto escolhido, os fatos e suas ligações são o que são e nada poderá mudá-los" (VEYNE, 1995, p. 27). Veyne (1995) considera que não existem fatos isolados, no sentido de que a história é considerada uma trama, "de uma mistura muito humana e muito pouco "científica" de causas materiais, de fins e

[5] O personagem ao qual se refere Veyne é o homem.

de acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa" (VEYNE, 1995, p. 28).

Portanto, a história tem a função de narrar os feitos dos homens, tentando fugir ao esquecimento, de maneira objetiva obedecendo o grau de importância para cada narrador. Porém, a arte de narrar, de contar torna-se cada vez mais rara na sociedade capitalista moderna. Isso ocorre, segundo Gagnebin (1994) devido a três condições citadas por Benjamin. A primeira afirma que "a experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte" (GAGNEBIN, 1994, p. 10), no entanto, a distância entre os grupos sociais no mundo capitalista em que vivemos é muito grande, isso faz com que as relações na sociedade e mesmo os relatos, muitas vezes históricos, se percam. A sociedade moderna não tem tempo de ouvir as pessoas mais experientes, devido à ânsia e à angústia de chegar sempre na frente de tudo e de todos. Isso faz com que a arte de contar e transmitir as experiências passe a ser discurso inútil.

A segunda condição citada por Gagnebin (2004) se refere ao trabalho do artesão, sendo mais global, ele está envolvido em todos os processos de produção, portanto, tem o conhecimento total da peça que produziu e tem tempo de narrar fatos acontecidos. Já o trabalho em série possui um caráter fragmentário e exige rapidez do funcionário. Isso ocorre também com a história que tem um caráter fragmentário como a produção em série, pois relata recortes da história, mas ao mesmo tempo precisa de uma ligação objetiva entre os fatos narrados.

A terceira condição refere-se ao conhecimento transmitido pelo narrador ao seu ouvinte de maneira que possa ser aproveitado como saber. Tanto o narrador quanto o ouvinte estão dentro de um "fluxo narrativo" (GAGNEBIN, 1994, p.11) contínuo. "Quando esse fluxo se esgota porque a memória e a tradição comuns já não existem, o indivíduo isolado, desorientado e desaconselhado [...], reencontra então o seu duplo no herói solitário do romance, forma diferente de narração [...] característica da sociedade moderna" (GAGNEBIN, 1994, p. 11).

Félix (2004) também afirma que há uma crise nos paradigmas para se considerar o que é real e, com a pós-modernidade, ocorre a fragmentação das utopias, é a era do "des". Há ainda um apelo em relação ao individual, ou seja, o individual substitui o social. Assim, o homem deixa de ser genérico e passa a ser

indivíduo. A ciência deixa de ter verdades absolutas e passa a ter possibilidades. Essa fragmentação permite a incorporação do lúdico no real.

A história, no seu significado moderno, tem a função de olhar para trás, ou seja, remeter-se ao passado, mas com a função de compreender o presente, pois "por mais arrogante que seja o presente, nele se inserem forças do passado, sem cujo conhecimento a compreensão do presente é incompleta" (RODRIGUES, 1980, p.212 -213). A história ainda tem a função de "construir um passado para o presente, de modo a que este se situe num percurso com horizontes de futuro" (CATROGA, 2001, p. 55). Dessa forma, a história pode ser concebida como memória, apesar de a história ser caracterizada como uma investigação, testemunho e a memória ser fundamental para a definição dos laços de identidade. Veyne (1995) também afirma que "a história é filha da memória. Os homens nascem, comem e morrem, mas só a história pode informar-nos sobre suas guerras e seus impérios" (VEYNE, 1995, p. 12).

Essa preocupação atribuída à história de salvar o passado no presente também é citada por Gagnebin (1994) quando afirma que isso ocorre

> graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior , que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscritas nas linhas do atual (GAGNEBIN, 1994, p. 16).

Félix (2004) também conclui que a única forma de deixar a história dos homens imortal é através da recordação, da memória. No século XIX, a história era a ciência do passado, já no século XX, ela passa a ser a interpretação do passado através do presente, buscando explicações racionais em relação à postura do homem diante da natureza, do tempo e dos outros homens. O sentido da história é o de olhar para trás, apreendendo o tempo (FÉLIX, 2004). A história tem a função de compreender o presente, tendo o passado como experiência. Nessa perspectiva, ela, apesar de ser tida como uma investigação, pode ser associada com a memória e tem a função de imortalizar os mortais. Para Arendt (1979), a recordação também é a única forma de manter a história imortal. Ela é uma das formas de interpretar o passado através do presente, sendo que o passado não volta, apenas na memória. Isso mostra "o sentido da história, o olhar para trás, ir em busca da apreensão do

tempo, com as vivências do presente e poder tomar conhecimento de que o passado se recria pela memória, única forma de retê-lo, de apreendê-lo" (FÉLIX, 2004, p.30).

Nesse contexto, a objetividade que sempre foi dirigida à história passa a ser um mito, pois ocorre a percepção da inclusão da opinião do historiador ou autor de qualquer texto. Nenhum texto é totalmente objetivo, o autor sempre deixa a sua marca, por mais sutil que ela seja. Apesar disso, o historiador deve permitir que cada um de nós se identifique dentro de uma coletividade. Assim, quem tiver na história um instrumento de construção e tiver consciência histórica e memória, terá mais segurança em relação ao presente e ao futuro.

Apesar das semelhanças, sabe-se que a história e a memória não são a mesma coisa, pois a memória é a busca de identidades, lembranças associadas aos espaços e ao tempo. Já a história estuda a memória oral e escrita. Assim, a memória, por ser seletiva, utiliza-se do esquecimento como forma de manipulação dos fatos. Pode-se manipular o presente, encobrindo o passado, tentando preparar-se para o futuro. O esquecimento também não é neutro, assim como o discurso histórico, pois ambos selecionam somente o que é relevante ser lembrado naquele instante.

Segundo Catroga (2001), a memória "nunca poderá ser um mero registro, pois é uma representação afetiva, ou melhor, uma re-presentificação, feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo" (CATROGA, 2001, p. 46). A recordação é sempre uma narrativa coerente que atua "como se no caminho não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento" (CATROGA, 2001, p. 46). Essa narrativa coerente, muitas vezes, produz imagens que misturam a história e a ficção, devido ao esquecimento.

Fernando Catroga (2001) cita ainda a necessidade da memória para a formação das identidades sociais. Para isso se refere a teoria desenvolvida por Joel Candau, o qual destaca a existência de três tipos de memória:

> a proto-memória, fruto,em boa parte , do habitus e da socialização, e fonte do automatismo do agir que tendem a diluir a distanciação entre o passado e o presente; a memória propriamente dita que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a metamemória, conceito que define as representações que o indivíduo faz da sua própria memória e o conhecimento que tem e afirma desse facto (CATROGA, .2001, p. 43-44).

Ainda, segundo Catroga (2001), “a proto-memória e a memória propriamente dita têm sua atualização mais subjetiva e subconsciente, enquanto esta última e a metamemória se expressam como rememoração” (CATROGA, 2001, p. 44). Essas memórias não possuem uma existência individual, elas se interligam para a estruturação do eu como sujeito de uma sociedade.

O conceito de memória, principalmente como construção literária, remete o eu para o passado a fim de construir o presente. O passado, cada vez que é retomado, atribui novos significados aos acontecimentos, ou seja, rememora-se o passado a fim de compreender o presente. Dessa forma, percebe-se que a memória está intimamente ligada ao tempo. É necessário esquecer para rememorar, o que necessita de algum tempo. Este esquecimento é o trabalho contínuo da consciência que muda os feitos, pois a nossa mente está sempre exposta ao esquecimento, o que faz com que se insira a ficção na realidade dos fatos rememorados.

As escolhas dos assuntos rememorados também não são por acaso, pois “essa escolha se inspira, sem dúvida nenhuma, em experiências passadas, e a reação não se faz sem um apelo à lembrança que situações análogas foram capazes de deixar atrás delas” (BERGSON, 1999, p. 68). A memória faz com que sobrevivam as imagens passadas, as quais “irão misturar-se constantemente a nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la” (BERGSON, 1999, p. 69). Cada nova ação ou percepção sobre algum fato presente possibilita o acréscimo dessas informações à experiência adquirida, a qual também pode ser evocada conforme a necessidade, o que pode ajudar a esclarecer melhor a nossa decisão.

A memória ainda é considerada como imprescindível para a coesão dos laços sociais. Isso ocorre, pois

> ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro; e, muitas vezes, a anamnesis pessoal é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações coletivas – comummente reavivadas por liturgias de recordação – lhes dá sentido (CATROGA, 2001, p. 45).

É necessária a transmissão das heranças tanto materiais quanto sociais para que se tenha condições para a “criação de um sentimento de pertença, em que cada subjectividade se auto-reconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projectam no futuro” (CATROGA, 2001, p. 51).

Através da junção de várias memórias individuais que se forma a memória coletiva. A memória individual forma parte da consciência e constitui a base da identidade de um povo. Assim, formam-se as memórias coletivas, ou seja, a sobreposição e a mescla de memórias individuais com as memórias dos grupos dos quais estes indivíduos fazem parte. A memória coletiva manifesta-se, principalmente, nas tradições orais e escritas, expressões culturais e artísticas, bem como nos objetos de uso diário.

Além disso, segundo Halbwachs (2006), os elementos das lembranças pessoais "que parecem pertencer apenas para nós podem muito bem ser encontrados em meios sociais definidos e neles se conservarem" (HALBWACHS, 2006, p. 68). Apesar disso,

> se a memória coletiva tira suas forças e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Portanto, deve-se admitir que as lembranças se juntam de duas formas distintas: "tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais" (HALBWACHS, 2006, p. 71). Por conseguinte, existiriam as memórias individuais e, assim, memórias coletivas. Isso se dá de maneira que os indivíduos participam de duas formas de rememoração: as lembranças que fazem parte de sua personalidade ou de sua vida pessoal e as lembranças impessoais, as quais são evocadas conforme as necessidades, na medida em que interessam para o grupo.

Na memória coletiva apóia-se a individual, pois esta última necessita confirmar algumas lembranças "para torná-las mais exatas, até mesmo para preencher algumas lacunas" (HALBWACHS, 2006, p. 71). No entanto, apesar de as memórias coletivas conterem as memórias individuais, não se confundem com elas, pois deixam de ser uma consciência pessoal e invadem um todo que pertence a um grupo.

Portanto, a identidade é um processo percebido, captado e construído através das lembranças mantidas nos grupos sociais e ancoradas na experiência histórica. Quando acaba a memória começa a história, ou seja, a fixação por escrito. Já a memória traz consigo um sentimento de continuidade, enquanto a história é a representação do passado. Tanto memória quanto história são obrigatoriamente seletivas: “a história por ter como objetivo a busca da compreensão do homem no tempo, é um estudo da mudança e do movimento, ao contrário da tradição, que é estática e cristaliza autoridades e moralidades” (FÉLIX, 2004, p.41). Dessa forma, memória é igual aos lugares, os quais são referentes ao material, ao simbólico e ao funcional e a história é igual aos acontecimentos. Assim sendo, o registro da memória se dá através da história, sendo o tempo considerado categoria fundamental da memória e do esquecimento.

Constata-se assim que rememorar é colocar em palavras os acontecimentos. Nessa rememoração há uma estreita relação com a fantasia, a associação de rememorar e reinventar. Além disso, a memória possui ainda um caráter seletivo, pois valoriza somente o que é relevante rememorar. Dessa forma, a função do historiador é recuperar a memória dos mortos para os vivos, ou seja, não perder a memória dos feitos.

Apesar das constatações realizadas acima, segundo Sarlo (2007), há uma concorrência entre memória e história, em que a história não consegue acreditar na memória e esta afirma que não existe história que não seja subjetiva, já que na maioria das vezes relatam-se fatos que não são experienciados, são somente ouvidos de terceiros. Esse conflito ocorre porque a memória já possui o caráter subjetivo como uma característica essencial, que não segue os moldes acadêmicos, ao contrário da história que rejeita a possibilidade de haver a percepção do autor, ou seja, ela possui um caráter globalizante e tenta ser o mais objetiva possível.

Mesmo havendo essa discordância entre a memória e a história, há uma relação entre a experiência e a memória. Segundo Sarlo (2007), “não há testemunho sem experiência, mas tampouco experiência sem narração” (SARLO, 2007, p. 24), ou seja, não ocorre a total rememoração de um fato a não ser que alguém o tenha vivenciado ou tenha relatado e depois de algum tempo, seja relembrado por quem o ouviu, transformando-o em linguagem, caracterizando esta forma de rememoração como pós-memória. Essas características são perceptíveis na literatura publicada em almanaques, em que a maioria das narrativas está centrada basicamente sobre

os conceitos de memória, tentando, assim, inserir fatos considerados históricos, que são rememorados, em textos ficcionais.

A memória, então, possui um caráter fragmentário, que se dá devido ao vazio entre a experiência e a lembrança. No entanto, é através dessa mesma lembrança que se traz o passado para o presente. Isto ocorre por causa do discurso, do contar os fatos através da linguagem. Assim, a memória é associada com a ficção, pois esta última preenche as lacunas que são deixadas por causa do esquecimento de determinados fatos. O esquecimento é usado como uma forma de manipulação da memória.

Como se pode observar, há uma linearidade entre as relações de memória e história, pois, segundo Halbawachs Apud Catroga (2001), distingue-se "a memória histórica (produto do pensamento crítico da linguagem conceptual, abstrata e laica e com uma função ensinável e utilitária) da memória colectiva, caracterizada por ter uma origem análoga e espontânea, por ser viva, concreta, múltipla, imagética" (HALBWACHS Apud CATROGA, 2001, p. 53). A história necessita da exatidão dos fatos e das leituras do passado, já a memória pode ser verossímil ao passado, podendo, inclusive, excluir as preocupações com as emoções, pois a memória "será sempre fundacional, sacralizadora e reactualizadora de um passado que, estando ainda vivo, tende a fundir-se num eterno presente" (CATROGA, 2001, p.54).

3.1 Entre história e literatura

A história está de certa forma relacionada com o estudo da literatura, pois os textos literários são produzidos em um determinado momento histórico quando viviam os autores. O leitor recupera as imagens e os episódios históricos de maneira a compreender o texto literário, pois o escritor pode se valer de um fato da história para a construção artística. História e literatura são aproximações da realidade, mas mesmo assim não se equivalem, pois o texto literário pode ser mais livre, enquanto no historiográfico esta prerrogativa não é aceita.

Os textos literários, muitas vezes, são produtos narrativos "de uma época e de um contexto específico vivido pelo autor, sendo ao mesmo tempo criação

ficcional e reflexo de fatos verídicos" (RAMOS, 2003, p. 3).[6] Então, pode-se concluir que a ficção parte de "fatos concretos observados e transmitidos, entre indivíduos" (RAMOS, 2003, p. 3) e muitas vezes entre gerações. Há, portanto, construções verossímeis dentro do contexto da maioria das obras. São representações da interpretação do autor de cada época.

Paul Veyne (1995) reafirmou a propensão da história à narrativa e à literatura, sugerindo que o historiador como sendo o narrador dos fatos também agiria como literato, pois o historiador acaba se apropriando de recursos próprios da literatura para a composição do discurso histórico. O relato historiográfico pode ser considerado uma ficção verbal cujo conteúdo é encontrado, e cujas formas têm mais em comum com a literatura do que com as ciências (WHITE, 2001), por ser uma narração de fatos que nem sempre podem ser comprovados cientificamente. Apesar disso, quando a literatura tematiza, ela também "ultrapassa sempre as questões clássicas dos historiadores, e leva-os a construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação" (CHARTIER, 2000, p. 205). Dessa forma, pode-se observar que tanto a literatura utiliza fatos discutidos pela historiografia, quanto a história se relaciona com a literatura devido às semelhanças na utilização da narração como modo de informar o leitor, porém, cada uma com as suas particularidades.

A relação entre a história e literatura também é discutida por Roger Chartier em seu texto *Debate: literatura e história* de 2000. Para ele, esta relação se dá de duas formas: a primeira considera "o sentido dos textos como resultado de uma negociação ou transações entre invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética de sua possível compreensão" (CHARTIER, 2000, p. 197). A segunda maneira de compreender a relação entre história e literatura é a descoberta de que há em

> alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a instituição literária (CHARTIER, 2000, p. 197).

---

[6] RAMOS, Fábio Pestana. **História e Literatura: ficção e veracidade.** Domínios de Linguagem II. 2003. disponível em www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/d2_3.pdf acesso em 23 de janeiro de 2010 às 11h40min.

O texto literário também pode ser caracterizado como “modo ou modos históricos de organizar uma experiência simbólica, levando em conta os sistemas de produção, as regras dessa produção, os públicos, as audições ou as leituras desses produtos” (HANSEN Apud CHARTIER, 2000, p. 211).

Além do texto literário ter as inscrições historiográficas, segundo Ramos (2003), a partir do século XVIII, “discute-se a importância da literatura como fonte para os historiadores recomporem o passado” (RAMOS, 2003, p. 2). Na verdade não se trata da recomposição do passado, mas sim da recomposição do pensamento dos homens que viviam no passado.

Ramos (2003) afirma que

> no fundo, toda a fonte, seja literária ou não representa tão somente a opinião daquele que narra os fatos. Mesmo um documento oficial narrando dado acontecimento, a despeito de sua linguagem técnica, necessariamente foi redigido por um indivíduo que, sendo humano, não se furta de transmitir suas impressões pessoais. Nada que é humano é isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo (RAMOS, 2003, p. 4)

Dessa forma, a história também não é isenta do ponto de vista do historiador, transformando a fronteira entre literatura e a fonte documental ainda mais tênues. Não se pode esquecer ainda, que os vencedores “escrevem a versão oficial, constroem a narrativa presente nos documentos que figuram como dignos de preservação para perpetuar a história que interessa aos chefes de Estado de cada época” (RAMOS, 2003, p. 6)

Cada autor deixa fluir a imaginação, dando voz a diferentes sujeitos sociais. Assim, a discussão de que a literatura serve como fonte histórica é válida, assim como também a literatura se utiliza de fontes históricas para desenvolver os seus temas. Na verdade, a ficção precisa também ser verossímil, pois o ser humano não suportaria uma ficção inverossímil. Pode-se observar que há obras que possuem uma espécie de “predisposição e disponibilidade naturais para a possibilidade de serem encaradas enquanto virtuais fontes históricas de um modo geral, fidedignas e, como tal, perfeitamente utilizáveis pelos historiadores” (CLARA, 1991, p.59)

Apesar de a história possuir personagens reais, não deixa de ser uma construção literária, pois os historiadores selecionam os fatos em meio às fontes. Ramos (2003) conclui, então, que as

> fontes oficiais podem criar ou distorcer os fatos, modificando a verdade a partir de uma narrativa construída com o propósito específico, o saber histórico não passa de uma seleção de fatos, constituindo, igualmente, uma construção do passado, pois a leitura que o pesquisador faz está sempre vinculada aos seus princípios pessoais (RAMOS, 2003, p. 7)

Sendo assim, o saber histórico é também uma ficção de cunho literário, podendo ser "uma dentre várias alternativas para explicar ou narrar o passado" (RAMOS, 2003, p. 7). A história tem o dever de fornecer o retrato do passado, mas apresenta uma das versões dentre as várias possíveis, não passando de uma ficção verossímil (RAMOS, 2003).

Por conseguinte, tanto a "literatura como a história refletem uma realidade expressa através de uma narrativa verossímil, construída conforme o condicionamento da sociedade" (RAMOS, 2003, p. 9). Porém, a literatura admite e valoriza seu aspecto fictício, já a história nega a ficção de sua narrativa, assumindo uma postura científica, tentando destruir sua aproximação com a literatura, legitimando apenas o saber verídico ao invés do verossímil. No entanto, Ramos afirma que "a veracidade só é garantida pela verossimilhança e nunca deixa de constituir uma verdade provisória" (RAMOS, 2003, p. 9).

3.2 Memória e história: presença na literatura dos almanaques

As narrativas de cunho histórico, ou seja, aquelas que exploram temas com referências na história têm a função de representar a história e fazer reviver o passado, interpretar o acontecido e fazer parte da história (AUST, 1994, p. VII). Então, segundo Umbach (2009), a "narração histórica significaria narrar histórias cujo pressuposto seja a história reconhecível" (UMBACH, 2009, p. 60), ou seja, a história identificável em qualquer época presente em textos ficcionais que possuem como base a memória tanto individual como coletiva. Segundo Delgado (2006), "Memória e História são processos sociais, são construções dos homens, que têm como referência as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade" (DELGADO, 2006, p. 50). Essa sociedade é o suporte da memória e

da identidade (FÉLIX, 2004) de cada povo. “A identidade é percebida, captada e construída, estando em permanente transformação” (UMBACH, 2009, p. 60).

Então, as narrativas históricas são uma adaptação épica de um tema considerado histórico, segundo Aust (1994), significando,

> a partir da abundância infinita do que sucedeu (e foi transmitido), escolher algo apropriado, puxar uma pista no turbilhão da sequência de acontecimentos, representar fatos, recontar o que foi previamente contado, reavivar e enfeitar fontes, anais e crônicas, completar [...] lacunas, comunicar o que não foi transmitido ou não é passível de transmissão, modificar contrariedades e revelar segredos (AUST, 1994, p.19)

A relação entre a literatura e a memória se dá principalmente quando os autores escrevem sobre o passado para o presente. Em épocas passadas, havia poetas que criavam obras, as quais serviam como consciência coletiva de um povo. Essa mesma consciência coletiva estava presente na época da imigração. Percebe-se, assim, que a memória dos fatos era mantida viva dentro das obras, apesar de os fatos rememorados estarem ligados por atos ficcionais.

Isso acontece, segundo Fansel (1968), pois

> uma literatura em várias línguas é parte inerente a cada país de imigração. O imigrante alfabetizado não só leva consigo a língua de seus antepassados, mas também certas formas de expressão literária. Quanto mais elevado seu nível cultural, mais intensivo será seu desejo de representação própria de sua mentalidade e de seu pensamento (FANSEL, 1968, p. 223).

Dessa forma, pode-se afirmar que o desejo dos colonos em representar as suas memórias era muito grande, o que fez com que se produzisse diversos textos literários na sua língua materna. Esta literatura era produzida por indivíduos atentos à realidade cultural teuto-brasileira.

Apesar de serem alfabetizados, os colonos trouxeram pouca bagagem literária, conheciam, principalmente, a bíblia, hinários religiosos, alguns anuários e livros escolares. Dessa forma, estes colonos não eram capazes de dirigir qualquer produção literária de alto valor. Segundo Fansel (1968), “a vida dos colonos estava limitada à família, e à vizinhança, ele vai conservar a língua dos antepassados sem, entretanto, participar da evolução intelectual ou literária da velha pátria, tampouco, por falta de instrução adequada, não lhe será possível entrar em contato com a

literatura do país de sua escolha" (FANSEL, 1968, p. 223). Desse modo, para que ocorresse a perfeita integração do homem com a nova pátria, era necessária uma expressão literária na língua tradicional do imigrante.

No entanto, grande parte das obras que analisam as produções literárias de alemães não dão importância para este tipo de produção, chamada de literatura de almanaques, reprovando-as, principalmente, esteticamente, o que é reforçado, pois são publicados nos veículos de comunicação mais comuns e de acesso a toda a população. As produções em língua local (língua portuguesa) direcionavam-se para algumas temáticas indicadoras de conflito interétnico e apontavam a linguagem escrita como sendo extremamente peculiar, dificultando, assim, a compreensão dos alemães natos, motivo que desencadeou a produção de materiais jornalísticos em língua alemã.

Não são os colonos que escrevem os textos, mas escritores, intelectuais, muitos vindos da Alemanha, de status elevado, pertencentes ou não a famílias que ascenderam socialmente que produziam os textos que desenvolviam as temáticas de interesse dos imigrantes. Estes escritores contribuíram para uma formação da literatura primitiva, refletindo sobre os problemas e sentimentos pessoais dos colonos junto com o cenário e as sociedades coloniais. Então, as principais personagens das narrativas são os próprios colonos e, segundo Seyferth (2004),

> entre eles são identificados professores (primários), pastores, comerciantes e jornalistas, engenheiros, diretores de colônias, profissionais liberais, servidores públicos; as mulheres, por outro lado são donas de casa cultas, que receberam um tipo de educação caseira mais elaborada do que se poderia esperar das escolas primárias "alemãs" ou públicas, das regiões coloniais (SEYFERTH, 2004, p. 164).

Percebe-se uma evolução natural e regular da literatura, por mais simples que ela seja. Isso ocorre, pois cada povo possui a necessidade de manter uma literatura na língua dos antepassados. Essa literatura é considerada como de baixa qualidade formal e é basicamente destinada a um público apenas alfabetizado, sem muita instrução formal. A produção literária teuto-brasileira foi bastante significativa no Brasil até 1939, ano da proibição de publicações em idioma estrangeiro devido ao contexto de intensificação da Campanha de Nacionalização. Diversas foram as dificuldades para a adaptação dos textos ao idioma materno do país, pois a língua vernácula era extremamente importante. Devido a isso, os conteúdos dos romances,

narrativas curtas e, sobretudo, da poesia teuto-brasileira remetem a fatos da identidade fundada nas diferenças culturais, acessível, principalmente, pelo povo residente na zona rural.

Dessa forma, para a manutenção das histórias referentes à imigração alemã no Brasil, eram produzidas narrativas curtas em língua alemã, em sua maioria, compostas não só por ficção, mas também por fatos considerados históricos, podendo-se defini-las como narrativas históricas. Assim, mesmo com uma educação reduzida ao mais elementar, os colonos, através da memória, conseguiram manter vivas as suas tradições e, principalmente, a sua cultura e a sua história, preservando, através da publicação de textos ficcionais nos almanaques, um pedaço da história, apesar de serem intelectuais que escreviam os textos. Isso se dá, segundo Bredemeier (2003), pois

> o abandono das raízes culturais e sociais e o confronto com uma nova realidade totalmente estranha e, até mesmo, hostil (considerando as barreiras linguísticas e sociais que, via de regra, opõem-se à integração dos imigrantes) levam, mais cedo ou mais tarde, à procura por meios e espaços de expressão e comunicação em que a produção literária se torna uma possibilidade de vencer o isolamento e os conflitos (BREDEMEIER In CUNHA, 2003, p.238).

Grande parte dos textos reproduzem certas versões do senso comum sobre a identidade étnica, além de tentarem criar a tradição singular. Sendo que os principais temas desenvolvidos nos almanaques são a própria imigração alemã e a colonização das áreas, centrando-se, principalmente sobre os ambientes, a paisagem, os costumes, o cotidiano difícil enfrentado nas colônias, descrevendo a dor, o sacrifício e os custos humanos das trajetórias imigratórias, além de descrever os processos migratórios e cultivar a língua alemã. Estes temas são publicados em veículos de circulação regional.

Além disso, segundo Seyferth (2004), “a temática da cidade (ou urbana), ainda que com proporções aldeãs, tem relação de sentido civilizatório atribuído à colonização alemã no Brasil” (SEYFERTH, 2004, p. 159). Apesar de ser uma literatura produzida e consumida em locais de colonização alemã, ela “aglutina elementos que compõem uma representação sobre a identidade teuto-brasileira” (SEYFERTH, 2004, p. 159).

Os fatos são rememorados, geralmente, por narradores que não estavam diretamente envolvidos nas ações de imigração, o que faz com que eles sejam obrigados a remeter inteiramente à memória dos outros para contar as situações sociológicas pelas quais os colonos passaram ao emigrarem. Assim, entre os temas mencionados acima, as narrativas curtas e as demais produções literárias produzidas para os colonos apresentam como tema central a problemática da emigração e a adaptação à vida na nova terra. Nestas narrativas observa-se toda a simplicidade do povo imigrante, a despretensão e a modéstia com que eles enfrentavam as dificuldades. Além dos temas citados acima, são também descritas as saudades e as tristezas em relação à separação da velha pátria junto com o amor crescente pela terra brasileira, a familiaridade com os costumes e a intimidade, principalmente com a terra rio-grandense.

Essas características são perceptíveis nos textos de Hilda Siri, publicados no almanaque *Serra Post Kalender*, os quais demonstram as dificuldades enfrentadas pelos colonos na nova terra. Grande parte dessas narrativas possuem interligados fatos históricos, que são rememorados, com a ficção, o que transforma estes textos em literários. Além disso, neste almanaque predominam publicações em língua alemã, inclusive os anúncios publicitários são em sua maioria redigidos na língua materna do imigrante.

A história das grandes literaturas provavelmente não citará este ramo. Porém, segundo Fansel (1968), na história da imigração na Europa e na do Rio Grande do Sul, ela geralmente será citada, pois foi esta expressão na língua do colonizador que facilitou a integração do colono com seu novo lar, apesar de ser uma vida tão diferente, tal literatura é um sinal da consciência da realidade existente. Ela é considerada “um fato histórico, um fato sociológico, isto é a verdadeira significação da literatura rio-grandense em língua alemã” (FANSEL, 1968, p. 239).

4 A IMPRENSA

4.1 Desenvolvimento da imprensa em língua alemã

Os imigrantes alemães sobressaíam-se aos demais povos residentes no Rio Grande do Sul devido ao nível de instrução bem acima da média neste meio em que se estabeleceram. Isto decorre, porque, mesmo nos locais mais distantes, entre matas virgens, os colonos esforçavam-se para que os filhos tivessem conhecimento sobre assuntos considerados importantes como história, geografia, matemática, religião e ficassem sabendo dos acontecimentos locais, regionais e até nacionais caso isto fosse possível. Através destes ensinamentos, dever-se-ia manter viva a cultura e a língua.

Devido a isto, as primeiras publicações em língua alemã em solo brasileiro foram livros escolares. O primeiro livro publicado em língua alemã foi uma cartilha para uso nas escolas coloniais, editada pela firma Dubreuil e Cia, em Porto Alegre, em 1932 (FANSEL, 1968, p.224). Este material destinava-se unicamente às escolas elementares. Segundo Fansel (1968), os livros editados possuíam também um anexo em português para facilitar o aprendizado desse idioma.

No entanto, as múltiplas dificuldades enfrentadas pelos colonos imigrantes impediram as atividades literárias e jornalísticas no início da imigração, o que, segundo Becker (1968), era natural. Isso acontecia, mesmo com imigrantes com instrução secundária capazes de editar qualquer material jornalístico. Eles não tinham a necessidade deste tipo de publicação no início da imigração, pois hora e outra recebiam algum tipo de publicação vinda de seu país de origem, que passava de mão em mão (BECKER, 1968, p.267).

Ainda, segundo Becker (1968), foram as divergências políticas que deixaram surgir o primeiro pronunciamento intelectual

> quando Hermann von Salisch, revolucionário fervoroso adversário de Dr. Hillebrand, diretor da colônia, editou um jornalzinho intitulado "**O colono alemão"** para, por seu intermédio, ganhar maior influência no seio da pacata colônia. Este bi-semanário, lançado em 3 de fevereiro de 1836, teve, porém, uma duração efêmera. Em primeiro lugar, por falta de leitores

> e, em segundo, por ser redigido no vernáculo que só poucos colonos entendiam (BECKER, 1968, p. 267).

Porém, o primeiro jornal gaúcho em língua alemã, referenciado por Becker (1968) citando Agostinho Lourenço, no jornal "**A Federação**", de primeiro de janeiro de 1923, teria circulado em 1836, sob a denominação de "**Der Deutsche Auswanderer"** (O emigrante alemão). No entanto, segundo Becker (1968), não há nenhuma referência mais explícita em relação a este tipo de imprensa.

> Verdade é que conhecemos vários jornais assim denominados na Alemanha, onde o título tem razão de ser por tratar-se de um país de emigração. No Brasil e em outros países americanos muitos jornais apareceram com a denominação de "**Der Einwanderer"** (O imigrante) (BECKER, 1968, p.267).

Assim, provavelmente este material jornalístico tenha sido enviado pelos parentes dos que aqui se radicaram e não tenha sido produzido aqui como está citado no documento de Agostinho Lourenço.

Mesmo com todas as adversidades, a cultura e a língua foram preservadas, as quais, "a partir da década de 1850, fariam desabrochar uma riqueza e uma variedade extraordinária e alcançar um patamar insuspeito, cuja culminância aconteceria na década de 1930" (RAMBO, 2003, p.60). Assim, encontrou-se a base para o surgimento dos primeiros jornais, os quais procuravam seus leitores nas vilas e na zona colonial e

> que se encarregavam em satisfazer as necessidades de formação e informação de uma população rural e urbana cada vez mais ávida e mais exigente. Já não se satisfaziam em apenas dar duro para sobreviver. Começaram, então, a circular os primeiros jornais, seguidos um pouco mais tarde pelos almanaques, periódicos e uma infinidade de outras publicações (RAMBO, 2003, p.60-61).

Na década de 1850, começaram a ser editados os primeiros jornais em língua alemã, principalmente, em Porto Alegre e São Leopoldo. As dificuldades financeiras enfrentadas acarretaram o fechamento da maioria das edições de jornais. Entre os anos de 1824 e 1914, segundo Fansel (1968), foram editados 17 jornais e 7 periódicos, mas somente cinco jornais e seis publicações regulares ainda eram editados em 1914.

Com a chegada dos Brummer, alemães contratados para lutar na guerra contra Rosas, a imprensa passou a se desenvolver, pois atuaram como um fermento cultural, já que eram movidos pelas convicções liberais, que foram difundidas entre os teuto-brasileiros, sendo que a imprensa, a escola e a educação possuem uma acepção mais ampla. Entre esta legião alemã estavam intelectuais como Karl von Koseritz, que se integraram à comunidade e se engajaram no desenvolvimento de órgãos de imprensa.

Portanto, segundo Rambo (2003), no decorrer das décadas de 1850 e 1860 "definiram-se entre os teuto-brasileiros três grandes vertentes do pensamento" (RAMBO, 2003, p.61). Essas vertentes estavam relacionadas com a religião católica, a protestante e a liberal dos Brummer. Assim, estava posto o cenário ideal para o desenvolvimento da imprensa em língua alemã no Sul do Brasil. Esta imprensa estava engajada com os interesses de cada uma das vertentes apresentadas acima, além de apresentar relatos de viagem, diários, entre outros gêneros textuais, que eram neutros.

Segundo Becker (1968),

> cabe a Porto Alegre a honra de ser o berço do primeiro jornal impresso em língua alemã do Brasil e de toda a América do Sul. Lançado em 10 de agosto de 1952, intitulava-se "**Der Colonist**" (O Colono) e não deixa de ser interessante que seu fundador foi o brasileiro José Cândido Gomes, então redator-chefe do diário "**O Mercantil**". Segundo depoimentos de vários viajantes ilustres, José Cândido Gomes foi, na época, o mais notável jornalista no sul do país. Não foram, ainda devidamente esclarecidos os motivos que o teriam levado à fundação deste semanário bilíngüe, para o qual escrevia os artigos de fundo que, por sua vez, um tal de Lindenberg, provavelmente um "Brummer", traduzia para o alemão. (...) Alegou-se também que interesses políticos teriam orientado este passo de José Cândido Gomes, mas nenhum número de jornal, cujo nome posteriormente foi retificado em "**Kolonist**" – com K – encontramos algo sobre política. Pelo contrário, agia conforme rezava o subtítulo: "semanário para os interesses do comércio, da indústria e agricultura" (BECKER, 1968, p.268).

O primeiro jornal em língua alemã surgiu a fim de preencher a lacuna da falta de algum material de divulgação jornalística que se manifestasse a favor dos imigrantes alemães. Além disso, muitas vezes o jornal representou o único meio de expressão literária ao qual os colonos tinham acesso.

O jornal "**Kolonist**" era editado em língua portuguesa e em língua alemã, já que era necessário evitar intrigas e, ao mesmo tempo, deixar claro o que estava

sendo veiculado. Se fosse editado somente em português, muitos colonos poderiam entender o contrário do que estava sendo publicado e se fosse editado somente em alemão geraria muitas intrigas entre os alemães e os outros povos habitantes no Rio Grande do Sul. Seus principais temas, segundo Becker (1968), eram rurais, sendo assim, um jornal útil para os colonos. Além dos assuntos rurais, apresentava também as leis do Império traduzidas para o alemão, o que facilitava a compreensão dos imigrantes, pois estes tinham uma educação formal praticamente toda em alemão. Isso se deve ao descaso das autoridades brasileiras em relação às escolas. Se os imigrantes não nomeassem o mais instruído do grupo para professor e fundassem as escolas particulares, a primeira geração de brasileiros descendentes de imigrantes alemães teria crescido analfabeta.

O jornal "**Kolonist**" deixou de ser editado um ano após sua fundação em 30 de julho de 1853 por falta de leitores. Este material jornalístico foi seguido do segundo jornal em língua alemã "**Der deutsche Einwanderer**" (O imigrante alemão). Um semanário que aparecera no Rio de Janeiro e depois de um ano transferira-se para Porto Alegre. Este material jornalístico deixou de ser veiculado devido às dificuldades financeiras a partir do ano de 1861.

No entanto, o terceiro jornal em língua alemã, fundado em 10 de agosto de 1861, "**Deutsche Zeitung**" (Jornal alemão), teve êxito e somente se extinguiu no ano de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial (BECKER, 1968, p.272). Um dos editores-chefes deste veículo de comunicação foi Karl von Koseritz que, segundo Becker (1968), "foi o maior jornalista de origem alemã, no século XIX, em todo o Brasil" (BECKER, 1968, p.273) . Karl von Koseritz

> pregava, onde podia, o dever que todos os descendentes de imigrantes europeus teriam perante a nação brasileira, de integrarem-se na vida política e estudarem o vernáculo. Considerava, porém o dever que conservassem a língua de seus antepassados pois, se assim procedessem, prestariam um serviço à Pátria, cuja cultura só poderia enriquecer com os valores trazidos pelos antepassados (BECKER, 1968, p. 273).

Além desses ideais defendidos por este jornalista de renome, ele também exercia constante pressão sobre o governo da província para que providenciasse escolas nas colônias. E, quando não havia ajuda governamental, incitava a população a criar escolas particulares para que a nova geração não crescesse

analfabeta. Ele queria apoiar todas as causas que estivessem ligadas ao progresso do Rio Grande do Sul. Como intelectual, ele não se limitava em apenas descrever os fatos observados, mas em manifestar a sua opinião ou mesmo criticar o que estava acontecendo. Apesar de seu valor para a imprensa, possuía também o lado de "malfeitor", pois promoveu uma intensa luta contra as igrejas católica e evangélica, o que aumentou a desunião entre parte da população colonial.

Com a ajuda de Karl von Koseritz e os demais jornalistas que se destacaram, o desenvolvimento da imprensa em língua alemã no Sul do Brasil se consolidou entre os anos de 1850 e 1940. O intervalo de, praticamente, vinte e cinco anos após a chegada dos primeiros imigrantes ao Rio Grande do Sul e a produção dos primeiros textos indica que "os imigrantes se dedicaram, inicialmente, à construção de uma nova vida, ao suprimento das necessidades básicas e primárias como moradia, construção e organização de escolas, organização da vida em comunidade e da vida religiosa" (BREDEMEIER, 2003, p.239). No entanto, não foram somente estes os motivos que retardaram as publicações em língua alemã, não só de jornais, mas também de obras literárias. Segundo Wallmann (1993), isto ocorreu, principalmente, devido ao reduzido público-alvo, o que levava a pequenas edições das obras, tornando-as caras e de difícil aquisição. Assim, a solução encontrada foi editar textos mais curtos em jornais ou coletâneas.

O que também dificultava a circulação de textos em língua alemã era a falta de uma imprensa que publicasse estes textos regularmente. Isso ocorria, pois os primeiros imigrantes que vieram para cá tinham uma bagagem literária formal bastante reduzida, já que eram oriundos de classes sociais menos favorecidas na Alemanha, com baixo nível de escolaridade. Isso acarretava a falta de pessoas qualificadas para assumir a redação de um jornal, o que era agravado pela falta de recursos nos primeiros anos de imigração.

Devido a essas diversas adversidades, os primeiros jornais em língua alemã foram semanários ou bi-semanários em formato diminuto e editados na Capital da Província. Com o passar do tempo aumentaram de tamanho até que o jornal "**Deutsche Zeitung**", em 1869, adotou o formato dos jornais que correspondem praticamente ao tamanho dos de hoje (56X37cms) (BECKER, 1968, p.277).

A partir de 1855, iniciou-se a edição de almanaques que, por conterem informações de outro tipo que os jornais, eram lidos por todos na família. Além disso, eles não perdiam a sua validade tão depressa, pois continham informações para o

ano todo. Eles constituíram, ao lado dos jornais, o meio de comunicação mais difundido e mais importante entre os alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul.

Os almanaques possuíram uma influência mais duradoura e intensiva. Eles eram típicos das comunidades agrícolas, possuindo um caráter singular. Estes anuários possuíam vida longa e substituíam o livro, que era muito caro para ser adquirido pelos colonos. Segundo Fansel (1968), "a Bíblia e o anuário são, de fato, os verdadeiros livros do colono de outrora" (FANSEL, 1968, p. 227)

Nestes mesmos almanaques encontra-se a maior parte das publicações literárias em língua alemã impressa aqui, pois raros foram os livros de molde literário que não vieram dos países europeus. Um anuário bem redigido, adaptado à vida peculiar da colônia, pode criar os alicerces morais e mentais da população trabalhadora e produtiva do interior (FANSEL, 1968). Os esforços para a produção destes anuários eram absolutamente individuais, sem a ajuda dos cofres públicos e muitos deles resultaram em grande sucesso, fazendo com que o imigrante das zonas mais longínquas se transformasse em um leitor ativo e valioso para manutenção deste tipo de produção jornalística.

A partir de 1940, as publicações em língua alemã foram atingidas pela Campanha de Nacionalização. Somente após 1945, alguns almanaques, jornais e periódicos em língua alemã voltaram a circular, mas já com influências da língua portuguesa.

Assim, a imprensa foi a melhor forma encontrada pelos alemães de conservar a sua língua e difundir a sua cultura. Segundo Roche (1969), "o desenvolvimento da imprensa em língua alemã no Rio Grande do Sul, conheceu, sozinho, a importância da clientela de que podia prescindir, mas constituiu, também, um dos agentes mais eficazes da manutenção do "Deutschtum"" (ROCHE, 1969, p.658). Este último termo pode ser traduzido como uma forma de manutenção da cultura alemã nas colônias, o que já foi descrito acima.

Dessa forma, segundo Sousa[7], a grande maioria dos imigrantes de língua alemã que aqui chegou, embora tivesse na Europa proveniências diferentes, logo desenvolveu no Brasil um sentimento conhecido como *germanidade*, semelhante ao termo "Deutschtum" citado por Roche, um sentimento veiculado e propagado através

[7] SOUSA, Celeste Ribeiro de. Introdução ao projeto de Embates Culturais. In http://www.martiusstaden.org.br acesso em 11/09/07

de jornais, folhetos comemorativos e almanaques publicados em língua alemã, e nestes também através de formas simbólicas literário-ficcionais. Este sentimento trazia consigo a idéia de solidariedade e igualdade entre os que participam de um grupo comum.

Assim, ainda segundo Sousa, “o grupo étnico, chamado teuto-brasileiro, faz parte da "nação brasileira", suas produções culturais têm a ver com a cultura brasileira, suas narrativas literárias estão dentro da literatura nacional” (SOUSA). No entanto, em diversas obras consideradas ficcionais

> libertam-se dilaceramentos íntimos, num entrelaçamento sutil de imagens conscientes e inconscientes, permanecendo constatáveis, num primeiro plano, os elementos formadores do projeto consciente do autor. As imagens inconscientes surgem como derrapagens deste projeto e podem ser vistas como explosão de dominâncias ideológicas, tanto assim que sua observação se reveste de fundamental importância (SCHREINER, 1996, p.19)

já que relata fatos que estão de acordo com os apresentados pela história.

Portanto, com a vinda dos primeiros imigrantes, não se pode falar em literatura propriamente dita, entendendo-se por literatura aquela estabelecida pelo cânone**,** pois a maior parte desses imigrantes, mesmo alfabetizados, não trouxe muita cultura literária, sendo que eram oriundos de classes simples e pouco desenvolvidas. Então, segundo Weber (1980), “muitos imigrantes tiveram vivência cultural ”letrada” através dos famosos “almanaques” com ampla divulgação nas colônias” (WEBER,1980, p.257).

Assim, os principais textos de cunho literário surgem algum tempo depois da fundação das colônias e não passam de meros produtos da situação sociológica especial. O homem isolado achou no jornal uma possibilidade de expressão ou de acesso à sociedade. No entanto, como houve uma gradual integração do imigrante com a nova pátria, exigiu uma expressão literária na língua tradicional do imigrante.

4.2 Os almanaques

Os almanaques foram conhecidos de todos os povos civilizados da Antiguidade, e o uso dos almanaques anuais data da invenção da imprensa. Os redatores desses primeiros livros eram médicos e astrólogos. Por isso, eles apresentavam ao lado de indicações científicas, prognósticos e até conselhos.

O termo almanaque é definido pelo dicionário Houaiss como sendo uma "publicação que contém o calendário anual e informações úteis, recreativas etc" (HOUAISS, 2009, p. 32). Na parte recreativa citada por Houaiss pode-se observar textos humorísticos, científicos, literários e informativos. As informações contidas em um almanaque são úteis e de fácil compreensão, já que os assuntos não são aprofundados. Em relação à parte literária, apresenta poemas e narrativas curtas tradicionais, além de máximas populares.

Os almanaques, desde a época em que foram inventados, apresentam conselhos de higiene e de agricultura muito importantes, além de suas informações comerciais, agronômicas, as quais eram muito úteis. No século XIX, sobretudo na segunda metade, os almanaques se proliferaram e adaptaram-se ao gosto popular. Eles tornaram-se um instrumento de divulgação de conhecimentos tanto para o público geral, mais burguês e citadino, como para algumas camadas sociais diferenciadas por ideários políticos, religiosos ou por outros interesses muito específicos, além da população rural.[8]

As características dos almanaques citadas acima são percebidas no *Serra Post Kalender* que será analisado posteriormente. Dessa forma, percebe-se que as características estruturais dos almanaques mantiveram-se ao longo dos séculos, com a inserção de novos conteúdos, mas com o modo de apresentação, percebido através da descrição feita acima, semelhante.

Os almanaques, principalmente, em língua alemã, no Sul do Brasil, ao lado dos jornais, foram os materiais jornalísticos mais difundidos entre os alemães e seus descendentes. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul* ao se referir a esse gênero de publicações, faz o seguinte comentário:

---

[8] As informações sobre a origem dos almanaques e sua divulgação estão contidas no site http://jornalivros.co.cc acessado em 18 de janeiro de 2010 às 11h30min.

> o gênero de imprensa mais cultivado aqui é o dos almanaques (Kalender). Apesar de tudo, todo o colono mesmo que more na picada mais afastada na mata virgem, embora nunca leia um jornal em companhia com um outro, por um hábito que lhe vem de longe, compra um almanaque, a fim de se manter a par do calendário de festas, das fases da lua e outros assuntos. (...) A literatura de almanaque pode ser considerada, com toda a razão, o gênero mais adequado para, nas circunstâncias daqui, isto é, garantir a informação e a formação do povo. (*Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul* p.281-282 Apud RAMBO, 2003, p. 62)

O mais antigo almanaque editado no Rio Grande do Sul foi o *Koseritz Deutscher Volkskalender,* datado de 1874. Este gênero de imprensa tinha a função de suprir e descrever as necessidades do povo alemão daqui, influenciando na vida das pessoas às quais era destinado.

Além disso, segundo Fansel (1968),

> o anuário traz toda a informação prática para o colono sobre o tempo e técnica, plantas e plantações, criação e cuidado de animais, higiene e educação. A vida política e a cultura em geral, em resumo, a arte e a história fazem parte do anuário bem organizado. Nos anuários encontram-se as informações comerciais necessárias; mas, antes de tudo, o anuário é o berço e o receptáculo da quase totalidade das produções literárias (FANSEL, 1968, p.227).

Como a produção de livros nos moldes literários estava bastante reduzida conforme já foi afirmado acima, foi nos almanaques que se publicou as narrativas curtas, as novelas e as poesias escritas pelos imigrantes intelectuais.

> Todos estes anuários desenvolveram tipos literários especiais: a narração de certas tendências filosóficas, religiosas e educacionais; o conto colonial propriamente dito; as narrações de imigrantes, contos históricos, memórias, crônicas, biografias e jornais ou relatórios de viagens e, quase nunca, verdadeiras criações poéticas de valor perene. Mas não há melhor espelho da revolução teuto-brasileira que estes anuários, na sua variedade surpreendente, como na simplicidade da expressão literária (FANSEL, 1968, p. 230-231).

Já na primeira edição dos almanaques, Karl von Koseritz afirmou que os anuários no futuro trariam contribuições valiosas e originais sobre a vida alemã, principalmente, sobre a história dos alemães nas províncias, biografias de homens merecedores, além de informações sobre a vida rural, tratados humorísticos e utilidades em geral (FANSEL, 1968, p. 228). E é isto que se percebe na leitura dos almanaques que foram preservados, assim como nos que passaram a circular mais

tarde pelos locais de conservação da língua alemã. Isto ocorreu com o almanaque *Serra Post Kalender*, que surgiu tardiamente (em relação à época de imigração) e conservou, apesar de influências da língua portuguesa, a língua alemã e grande parte destes temas citados por Koseritz anos anteriores.

Nestes almanaques compartilha-se a vida do imigrante, seu contato com a nova pátria, sua natureza, a descrição dos homens, a língua e a cultura diferentes. Além disso, são apresentadas as dificuldades individuais e coletivas, principalmente no processo de adaptação à nova terra, a criação de novas idéias, os desejos, os problemas da mulher e da criança de imigrantes na sociedade da época. Isto resume-se na formação do homem imigrante na terra brasileira, suas dificuldades e seus desejos (FANSEL, 1968).

4.3 Principais temas desenvolvidos nos textos publicados em almanaques e os seus autores

A partir do século XIX, surgiu uma literatura "produzida por indivíduos atentos à realidade cultural teuto-brasileira, e que prosperou até 1939, quando o Estado Novo proibiu as publicações em idioma estrangeiro durante a Campanha de Nacionalização" (SEYFERTH, 2004, p.149). Os temas desenvolvidos na literatura combinam os princípios de germanidade com a realidade da colonização. A colonização e seus protagonistas são os principais assuntos desenvolvidos nos textos, evocando, principalmente, a imigração e o processo de povoamento em regiões de floresta. "O conteúdo dos romances, contos e, sobretudo, da poesia teuto-brasileira remete a uma concepção de identidade fundada na diferença cultural característica de sistemas interétnicos, traduzida numa forma literária acessível aos colonos através da imprensa e publicações periódicas" (SEYFERTH, 2004, p.152).

Os textos tanto em prosa como em verso evidenciam o hibridismo cultural, resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, com a sociedade e com a cultura brasileiras. Isso causa uma marginalidade cultural, pois esses indivíduos que se chocam entre as duas culturas acima citadas acabam formando uma terceira, essencialmente rural, que entra em conflito com as

lealdades do Estado brasileiro (SEYFERTH, 2004). Isso é descrito, principalmente, nos textos em prosa.

Na maioria dos locais de colonização havia um ambiente propício à produção de "textos que falam da imigração, da colonização e, principalmente, da paisagem, do cotidiano, dos costumes (locais e brasileiros) e da língua alemã" (SEYFERTH, 2004, p. 158). Essa literatura era produzida por teuto-brasileiros nascidos ou não no Brasil e referia-se ao novo ambiente, ao cotidiano difícil nas colônias, às dificuldades no processo de migração. Os textos produzidos eram, normalmente, consumidos nos locais de colonização alemã, nas colônias.

Os autores são imigrantes da primeira ou da segunda geração, que "através de versos, romances, contos e textos de opinião dirigidos aos leitores de jornais e almanaques, instituíram uma nova germanidade em terras brasileiras através do atributo categórico de *Deutschbrasilianer"* (SEYFERTH, 2004, p. 160). Nenhum desses autores se enquadra na categoria colono, ou seja, aquele que se dedica as atividades agrícolas. São intelectuais que têm sua profissão desenvolvida nas cidades. Segundo Seyferth (2004),

> os escritores integraram o grupo de *status* mais alto, pertencendo ou não às famílias que ascenderam socialmente, e interagindo (ainda que, em alguns casos, temporariamente) nos salões particulares e nas associações. Seus escritos são versões simbólicas da estruturação da "comunidade étnica" num formato teuto-brasileiro – o conteúdo cultural da etnicidade figurando como marcador identitário da fronteira com a sociedade nacional (SEYFERTH, 2004, p. 166).

Os escritores são caracterizados, principalmente, devido à sua face subjetiva em relação à imigração. "As experiências pessoais, ou de pessoas próximas, são importante material narrativo. A imigração, portanto, como fato objetivo e subjetivo é a principal temática" (HUBER)[9] da literatura teuto-brasileira.

Vários escritores da literatura teuto-brasileira são participantes da Revolução de 1848, na Alemanha. Eles trazem consigo uma bagagem intelectual e política, a qual é necessária para o desenvolvimento dos temas que são relevantes e interessantes aos leitores da época.

---

[9] Referência do texto **A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil** da professora doutora Valburga Huber da Faculdade de Letras/ UFRJ disponível em www.letras.ufrj.br/lied/media/docs/art valb2.pdf acesso em 07 de janeiro de 2010 às 08h50min.

Os textos analisados neste trabalho são publicados após a Campanha de Nacionalização, a qual provocou uma lacuna cultural, sendo que somente lentamente depois se começa a escrever em língua alemã novamente. Os almanaques, em locais isolados, continuam sendo os veículos de expressão da literatura em língua alemã (HUBER)[10], apesar das influências da língua portuguesa, como poderá ser observado em seguida na análise das narrativas de Hilda Siri.

4.4 *Serra Post Kalender*

O almanaque *Serra Post Kalender,* da Livraria Serrana de Ijuí, passou a circular entre as colônias alemãs do Rio Grande do Sul a partir de 1922 e permaneceu até meados da década de 1960. Sua periodicidade era anual e destinava-se à formação e informação do povo alemão. Estas características eram semelhantes à maioria dos almanaques. Em relação à parte de informação, indicava acontecimentos fixos que ocorriam durante o ano, feriados, as fases da lua, os santos do dia, conforme a linha que seguia, etc. Além disso, "costumava haver também um calendário para orientar os agricultores a plantar ou semear na época correta, com informações sobre doenças, como preveni-las e como curá-las, sobre os cuidados com os animais domésticos, o manejo da mata e dos solos, etc" (RAMBO, 2003, p.71). Parte com bastante destaque no almanaque em questão eram os anúncios dos mais variados tipos. Estes custeavam uma boa parte da edição, e deixavam o leitor informado sobre as novidades do mercado.

Com relação à parte formativa citada por Rambo (2003) e observada no *Serra Post Kalender*, apresentam-se relatos de viagens, biografias, narrativas curtas e, sobretudo, poesias. Além disso, também encontram-se peças de humor ou provérbios entre um texto e outro. No entanto, o assunto predominante nos textos de cunho literário são os relatos de viagens ou experiências vivenciadas na nova terra, além da descrição da terra natal. Estas características são perceptíveis nas

[10] Idem nota 12.

narrativas curtas produzidas por Hilda Siri, publicadas no almanaque *Serra Post Kalender.*

4.4.1 Hilda Siri

Hilda Siri, segundo Celeste Ribeiro de Souza[11], é o pseudônimo de Hilda Íris Zwanziger. Siri nasceu em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 21 de janeiro de 1918 e faleceu em Campinas, aos 89 anos, em 2007.

Esta autora desde criança mostrou talento para o trabalho com as línguas, o qual foi estimulado por sua bisavó Susanna, que conhecia a obra poética de Schiller e lhe costumava declamar, de cor, textos do poeta.

Hilda Siri foi professora do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão em Porto Alegre e, depois da Segunda Guerra Mundial, quando a língua alemã foi novamente permitida, começou a colaborar com o jornal *Serra Post* como responsável da página feminina, encabeçada pelos títulos "Für die Frau"[12] ou "Frauenecke"[13]. Além disso, deixou sua marca também no anuário *Serra Post Kalender* com textos literários. Seus principais escritos são narrativas curtas, poesias, dramas e outros textos. Publicou ainda no *Brasil-Post.*

No *Serra Post Kalender* publicou entre os anos de 1952 e 1956. Tem-se o conhecimento da publicação de cinco narrativas curtas de sua autoria e três traduções, além de diversas poesias. Entre os textos observamos os seguintes: "Die alte Truhe" – O velho baú (1952); "Die Musterreiter sind da!" – Os caixeiros-viajantes chegaram! (1956); „Das Preisausschreiben" – O concurso (1952); „Ein Schulexamen" – Um exame escolar (1953); „Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik" – A vingança da floresta. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar (1955). Estes textos de autoria de Zwanziger e grande parte dos demais que foram publicados em materiais jornalísticos estão

---

[11]Souza, Celeste Ribeiro de *Hilda Siri* **In** www.martiusstaden.org.br/rellibra.autores acesso em 15 de maio de 2009 às 9h20min.
[12] "Para a mulher"
[13] "O espaço da mulher"

reunidos na obra **Die alte Truhe** da própria autora com sua segunda edição em 2000.

Além das narrativas citadas acima, são também publicados no almanaque *Serra Post Kalender* os textos traduzidos por Siri: “Der Reiche und der Arme” – O rico e o pobre (1956) de autoria de Coelho Netto; “Heilige unter sich” – Ressurreição (1952) de Machado de Assis e “Das Fest im Himmel” – A festa no céu (1956) traduzido de Luiz Câmara Cascudo. Estes textos não estão presentes na obra **Die alte Truhe**, já que não são de autoria de Siri, são apenas traduções para a língua alemã de textos já conhecidos no Brasil. Devido a essa situação, serão feitas apenas algumas menções a estes textos, pois eles não se referem ao conteúdo de investigação proposto nesse trabalho de pesquisa.

5 OS TEXTOS DE HILDA SIRI PUBLICADOS NO ALMANAQUE *SERRA POST KALENDER*

5.1 Os imigrantes e a memória no texto "Die alte Truhe" – O velho baú[14]

No almanaque *Serra Post Kalender* de 1952 foi publicada a narrativa "Die alte Truhe", a qual descreve os desafios enfrentados pelos imigrantes em recomeçar a vida em um país estrangeiro. Ela é um monólogo do narrador, mas tem como interlocutor um velho baú, que se encontra deteriorado devido à ação do tempo. Essa interlocução pode ser observada, pois o narrador utiliza a segunda pessoa para se referir ao baú. A impressão que se tem quando se lê o texto é de que o narrador está contando a história da imigração e os costumes trazidos pelos alemães para aquela velha arca: "Oito famílias deixaram sua terra natal sobre ele (o navio), para procurar uma nova. Também tu, velho baú, deixaste tua terra natal, a que te deu a tua lenha, e balançaste no fundo do corpo do navio, ao encontro de uma nova terra "[15] (SIRI, 1952, p.2). Esse monólogo é configurado como memória, pois recorda os acontecimentos relacionados à imigração, fazendo uma retrospectiva sobre o passado da família descrita e da própria imigração.

As características acima podem ser observadas nos discursos sobre a história da imigração alemã para o Sul do Brasil. Isso pode ter ocorrido, pois cada autor imprime no texto o que ele acredita ser verdade, o que interessa para ele, sendo que nenhuma história é imparcial. Além disso, para preencher as lacunas são usados fatos ficcionais, como pode ter ocorrido com o baú, que pode ser um pretexto para o desenvolvimento da narrativa.

Essa narrativa também apresenta a descrição dos desejos de alguns colonos alemães quando partiram para o Brasil: "Irmão [...] nós nos mudaremos [...] para o

---

[14] Ver texto completo no anexo 1. Texto encontrado em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_diealtetruhe_pdf acesso em 20 de março de 2009 às 08horas

[15] „Acht Familien verlieβen auf ihm die alte Heimat, um eine neue zu suchen. Auch du, alte Truhe, verlieβest die heimatliche Erde, die dein Holz naehrte, und segeltest, tief im Schiffskoerper verstaut, einem neuen Land entgegen."

Sul do Brasil."[16] (SIRI, 1952, p.2) e as dificuldades enfrentadas após a chegada, remetendo a fatos históricos reconhecíveis. Essa trama se desenvolve até, mais ou menos, a adolescência do narrador, que aparenta, através dos relatos, ser tataraneto de imigrantes, pois o texto é finalizado com a afirmação de que o velho baú, até chegar às mãos do narrador, passou por cinco gerações: "Você vivenciou a ascensão de uma família por cinco gerações."[17] (SIRI, p.6-7).

Além dos desejos descritos pelo narrador, ele também fantasia sobre a origem da madeira com a qual o baú foi construído e os primeiros proprietários dessa peça valiosa para a reconstrução da memória da família apresentada no texto.

> De onde viestes, velho baú?
> A madeira de carvalho da qual foste fabricado certamente já crescia na época da Guerra de Trinta Anos na Silésia Superior [...] Onde terias estado quando ainda eras bem novo? ... Certamente em um castelo medieval. A jovem senhora feudal, em largos vestidos, corpete justo e mangas com fendas, terá guardado dentro de ti o fino linho branco, que ela mesma havia fiado e tecido, e alguma jóia terá sido escondida bem no fundo (SIRI, p.1)[18]

Como se pode notar, é relatada a história da construção do baú e sua trajetória até chegar às mãos dos emigrantes que viriam para o Brasil no século XIX e suas expectativas em relação à nova terra. Esta história prossegue após a chegada ao Brasil e, durante vários anos, até praticamente a desintegração do baú. Durante esta descrição, narra-se a vinda dos imigrantes, as dificuldades encontradas e os costumes trazidos por esse povo para o Brasil. Assim, através de uma memória individual, pois o texto possui um narrador que relata a história de sua família relembrada por causa da abertura da tampa do baú, expõe-se também a memória coletiva do povo imigrante.

No texto *Die alte Truhe* "percebe-se que subjaz à narrativa biográfica de Hilda Siri a busca da identidade cultural relativa aos imigrantes alemães e seus descendentes, em cuja linhagem a narradora se inscreve". (UMBACH, 2009, p.57).

---

[16] "Bruder"[...] wir wandern aus [...] nach Südbrasilien"

[17] "Du hast den Aufstieg einer Familie durch fuenf Generationen hindurch erlebt"

[18] „Wo kamst du her, alte Truhe?
Das Eichenholz, aus dem du angefertigt bist, wuchs bestimmt schon ind er Zeit des Dreissigjährigen Krieges in Oberschlesien. [...] wo wirst du gestanden haben, als du noch ganz neu warst?... Bestimmt in einem mittelalterlichen Schloss. Die junge Gustherrin, in weiten Röcken, in eng anliegendem Mieder und Schlitzärmeln wird in dir das köstliche weisse Linnen geborgen haben, welches sie selbest gesponnen und gewebt hatte und manches Kleidnod wird tief unten versteckt gelegen haben."

Desse modo, a memória exerce um papel relevante, já que é “a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas” (DELGADO, 2006, p.38 Apud UMBACH, 2009, p. 57), sendo “inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos.” (DELGADO, 2006, p. 38. Apud UMBACH, 2009, p. 57).

Nesse texto, o motivo da rememoração da história da imigração ocorre porque o velho baú é presenteado ao narrador, “agora você pertence a mim, velho e querido baú.” (SIRI, 1952, p.7)[19]. Essa afirmação no final da narrativa é um dos motivos que desencadeia o restante da história, já que ela gira em torno dessa velha arca, a qual, além de ser o interlocutor do narrador, também é um depósito de utensílios, o que pode ser associado diretamente com a conservação de memórias e de histórias de família.

Assim, o termo baú pode ser entendido como um guardador de memórias, podendo, portanto, ser uma metáfora que explica o motivo da exposição das lembranças do narrador sobre a vinda de seus antepassados. O texto desenvolve-se a partir do momento em que o narrador abre a tampa do baú e lembra-se do que a sua avó havia lhe relatado sobre a colonização, quando ele ainda era criança: “Há alguns dias, quando abri a tua tampa, vieram lembranças (...)” (SIRI, 1952, p.1)[20].

Desse modo, através de um fato presente, a abertura da tampa do baú, ou mesmo, a própria metáfora desencadeada pela palavra “baú”, o narrador rememora a história desse objeto e, conseqüentemente, a história de sua família e a dos imigrantes que vieram para o Brasil, ou seja, um fato passado relatado por sua avó é presentificado.

Os imigrantes vieram para cá inundados de promessas, como já foi mencionado acima, sendo que grande parte delas não foi cumprida. Dessa forma, um dos temas freqüentes nas produções publicadas em almanaques é a esperança de uma vida melhor na terra prometida. As personagens da narrativa de Hilda Siri também tinham essa esperança de melhorar de vida na nova terra como se percebe na seguinte passagem: “Meu filho, algum dia deverá ser um grande proprietário. Lá (no Brasil) tem terra em abundância e barata” (SIRI, 1952, p.2)[21]. A personagem que trouxe o baú para o Brasil queria ser um agricultor livre: ”nós nos mudaremos, minha

---

[19] „Jetzt gehoerst du mir, alte, liebe Truhe.“

[20] „Vor einigen Tagen, als ich deinen Deckel aufschlug, [...] betrachtete ich in Gedanken(...)”

[21] „Mein Sohn soll einmal selber Grossgrundbesitzer sein. Drüben ist Land in Hülle und Fülle, und es ist billig.”

esposa, meu filho e eu. Estou cansado de sempre trabalhar em terras alheias. Eu quero ser um agricultor livre num pedaço próprio" (SIRI, 1952, p.2)[22]. Neste trecho, observam-se as principais promessas do governo para atrair novos colonos a fim de povoar a terra: ser um agricultor livre e trabalhar num pedaço de terra próprio.

Dessa forma, pode-se constatar que o desenvolvimento desses temas configura-se, principalmente, como memória, pois, segundo Arendt (1979), a única forma de manter a história imortal é a recordação, ou seja, a memória. Na narrativa curta em questão, percebe-se isto, pois o narrador afirma contar a história da imigração e a vida dos colonos quando na chegada ao Brasil, relatos que ele escutou de sua avó: "que pena, que eu não podia escrever naquela época, pois um século de história e de cultura das colônias alemãs estaria conservado através de seus contos" (SIRI, 1952, p.1)[23]. Percebe-se ainda que a emigração de determinadas pessoas de um país estrangeiro gera uma forte ligação com as lembranças de histórias de família como é constatado na análise do texto em questão, já que narra fatos particulares.

A memória é uma das formas de interpretar o passado através do presente, sendo que o passado não volta, apenas na memória. No caso da narrativa, através da abertura da tampa, o narrador recorda-se de suas origens. O interesse do narrador se concentra na vida familiar dos imigrantes alemães. O que aconteceu efetivamente é associado com as lembranças individuais do narrador e de sua família. Isso vai ao encontro das teorias apresentadas por Félix, quando afirma que "o sentido da história, o olhar para trás, ir em busca da apreensão do tempo, com as vivências do presente e poder tomar conhecimento de que o passado se recria pela memória, única forma de retê-lo, de apreendê-lo" (FÉLIX, 2004, p.30).

Nesse texto é narrada a experiência individual do narrador, sendo a pequena história dentro do contexto da grande história que fica omitida, já que não há menção a fatos relevantes que aconteceram nessa época de imigração. A história individual da família de imigrantes descrita no texto está inserida na história da imigração alemã no século XIX. No entanto, esse tipo de narrativas individuais são limitadas no tempo e no espaço e descrevem acontecimentos ligados a

---

[22] „Wir wandern aus, meine Frau, mein Sohn und ich. Ich bin es ueberdrüssig immer auf gepachtetem Land zu arbeiten, ich will ein freier Bauer werden auf eigener Scholle."

[23] „Es ist schade, dass ich damals noch nicht schreiben konnte, denn ein Jahrhundert Geschichte und Kultur deutscher Siedlung in Brasilien waere in ihren einfachen Erzaehlungen festgehalten"

determinadas pessoas como no caso da família do narrador, mas podem, mesmo assim, estar ligados diretamente com a história coletiva da imigração.

Além disso, a memória é a única forma de definir os laços de identidade de um povo, já que ela se refere ao esquecimento e ao rememoramento da história desse povo. Rememorar, entendido por Félix (2004), como colocar em palavras o que está sendo lembrado. Esta memória se torna imprescindível à coesão dos laços sociais, pois as lembranças são mantidas por grupos sociais, os quais estão ancorados na experiência histórica. No texto em questão, o narrador vai reconstituindo a árvore genealógica de sua família, já que cita personagens como Susanna, que seria sua bisavó anos mais tarde, "Era a Susanna, minha bisavó" (SIRI, 1952, p. 2) [24]. Isso também remete para a biografia da autora, apresentada anteriormente, em que é citada Susanna como sendo sua avó, quem lhe contava as histórias. A partir dessas informações sabe-se que o narrador é conhecedor dos relatos presentes no texto, os quais rememoram os acontecimentos desde a saída de seus antepassados da Alemanha até a época em que ele vive.

Observa-se que na maioria das narrativas publicadas em almanaques fica evidente a memória dos colonos descrita na forma de experiência vivenciada ou de experiência ouvida, já que são relatados acontecimentos ocorridos durante a viagem marítima ou no início, na nova terra, ou, até mesmo, antes da saída de sua terra de origem. Portanto, há uma relação entre a experiência e a memória. Esse texto relata uma experiência não vivenciada pelo narrador, podendo, dessa forma, ser caracterizado como pós-memória.

A narrativa é encerrada através de um retrospecto da vida do velho baú, que passou por cinco gerações, de mão em mão e que está muito desgastado, se degenerando, devido à ação do tempo. A degeneração sofrida pelo baú pode ser entendida como a desintegração da cultura dos alemães, já que ela está convivendo e se adaptando com a já existente no Brasil, ou seja, está ocorrendo a fusão das duas culturas.

[24] „Es war Susanna, meine Urgrossmutter."

5.2 A morte das mães no texto „Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus Familienchronik“ – A vingança da floresta. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar[25]

Esse texto de Hilda Siri publicado no almanaque *Serra Post Kalender* em 1955, narra, em terceira pessoa, a história de uma família que estava desbravando a mata virgem. Uma família de colonos que sai ao raiar do dia para derrubar a mata e fazer lavouras: “Ali está uma família de colonos indo para o seu dia de trabalho. A subida se torna mais perigosa à medida que se aproximam da mata intocada. Ali tem um pedaço de mata virgem para ser derrubada, para abrir novas lavouras” (SIRI, 1955, p.1)[26]. Além disso, neste texto é apresentada a trajetória da família, com diversas descrições, desde a saída de casa até o final trágico.

Já no título da narrativa de Siri, observa-se a relação com a imigração alemã, pois trata-se do destino de um imigrante, o qual já foi retirado de uma crônica. Isso remete o texto à memória do narrador, que descreve uma situação já apresentada em outro texto (uma crônica), a qual é rememorada.

Além disso, percebe-se também a relação dos imigrantes com a mata virgem, a qual deveria ser desbravada após a chegada e a instalação na nova terra. Segundo Huber[27], a floresta desperta um fascínio único nos imigrantes alemães. Eles precisam dominar a natureza, enfrentando o lado selvagem para conseguir chegar ao solo fértil, plantar e colher bons frutos, além de construir seu novo lar. Essa narrativa apresenta o fascínio vivenciado pelos colonos ao penetrarem a mata virgem e as dificuldades enfrentadas por eles para construírem seu novo lar.

Como a grande maioria das famílias vindas como imigrantes para o Brasil, a do texto também passava por uma situação de pobreza, além de ser bastante numerosa, com dez filhos, sendo que o menor estava subindo a montanha segurando as mãos da mãe: “A mãe, com o mais novo na mão, estava por último”

---

[25] Ver texto completo no anexo 2. Texto encontrado em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschicksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 06 de junho de 2009 às 10h.

[26] „Dort schreitet eine Kolonistenfamilien zu ihrem Tagewerk. Der Aufstieg wird gefährlicher, je näher sie sich dem Walde nähern. Es gilt ein Stück Urwald zu roden, neues Pflanzland zu machen.“

[27] Referência do texto **A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil** da professora doutora Valburga Huber da Faculdade de Letras/ UFRJ disponível em www.letras.ufrj.br/lied/media/docs/artvalb2.pdf acesso em 07 de janeiro de 2010 às 08h50min.

(SIRI, 1955, p.1).[28] Esses personagens são descritos de tal forma, que a imagem transmitida aparenta ser de uma família bastante simples. Apesar da pobreza da qual esta família provava, todos os integrantes colaboravam com as tarefas:

> À frente vai o pai, com o machado nas costas, uma grande faca de corte na cintura. A ele seguem os filhos, o maior leva uma serra, os menores estão carregados com facões, foices e cestos com gêneros alimentícios. Com calças ou saias rústicas, camisas desbotadas, nos pés empoeirados os chinelos cheios de areia, assim sobe esta família de doze pessoas à montanha. (SIRI, 1955, p.1)[29]

A mãe, na narrativa em questão, está cansada da vida que vem levando, das dificuldades que vem enfrentando: "'para mim tudo está muito pesado', diz a mãe. 'Eu estou farta dessa eterna luta contra a mata virgem. Eu não posso mais. Eu já estou cansada. Um filho depois do outro. E todos precisam de terras [...]"[30](SIRI, 1955, p.1). Neste trecho observa-se também o desejo de que todos os filhos tivessem um pedaço de terra do qual pudessem retirar seu próprio sustento. Observa-se ainda o mesmo desejo dos colonos que vieram para o Brasil: ter terras próprias e suficientes para cultivar e se manter, superando as dificuldades das quais haviam provado na Alemanha e, naquele momento, no Brasil.

Como já foi afirmado acima, nas citações do texto observam-se as dificuldades enfrentadas pelos colonos nos primeiros anos de imigração, desbravando as matas virgens para formar as lavouras e retirar o sustento para a família. No entanto, apesar de tudo, a mãe ainda tem esperança de, na sua velhice, poder sentar-se na varanda e apenas observar: "ela já se alegra, agora com aquele tempo, com sua velhice, e se imagina como será bonita, quando estiver sentada calmamente na varanda de sua casa, com as mãos descansando no colo, e observando a terra, vencida, construída e fértil" (SIRI,1955, p.1)[31]. Neste trecho constata-se os desejos da mãe para o futuro, os quais são os anseios de grande

---

[28] „Die Mutter, mit dem Jüngsten an der Hand, bildet den Abschluss."

[29] Voran geht der Vater, die Axt gebuckelt, ein großes Hackmesser in der Rechten. Ihm folgen die Söhne, der Größte eine Säge tragend, die Kleineren beladen mit Buschmessern, Fuchsschwanz und Tragkorben mit der Tagesnahrung. In groben Hosen oder Röcken, Verwaschenen Hemden, an staubigen Füßen die sandigen Schlappen, so pilgert die Zwölfköpfige Familie den Berg hinan.

[30] „Es fällt mir fast zu schwer", sagt die Mutter. „Ich bin des ewigen Kampfes mit dem Urwald überdrüssig. Ich kann nicht mehr. Ich bin schon müde. Ein Kind nach dem anderen. Und jedes braucht Land"

[31] „Sie freut sich schon jetzt auf diese Zeit, auf ihr Alter und malt sich oft aus, wie schön es sein wird, still auf der Veranda ihres Hauses zu sitzen, die Hände in den Schoss zu legen, und auf das Land zu schauen, auf das besiegte, gebändigte, fruchtbare."

parte dos colonos imigrantes, a ascensão nesta terra que deveria ser desbravada, mas ao mesmo tempo era tão promissora.

A mata era vista pelos colonos como brava, um obstáculo a ser vencido, pois nela escondiam-se os perigos como os animais selvagens e as dificuldades, já que ela deveria ser derrubada antes de qualquer outra atividade ser desenvolvida. Isto é observado na seguinte passagem da narrativa: "nós dois conseguiremos vencer, você e eu, esta mata brava" (SIRI, 1955, p.2).[32]

Além disso, observa-se uma descrição melancólica da vida selvagem quando a mata é derrubada, assim como um ciclo que acaba e se reinicia:

> senão eles escutam o barulho das árvores, o quebrar das folhas, o estalar dos galhos, o impacto de um tronco podre; o choro dos macacos, o voar e o zunir dos insetos,o deslizar de uma cobra, o chamado dos pássaros [...] o grito de morte de um animal abatido [...] Sempre foi assim a sinfonia da jovem mata virgem" (SIRI, 1955, p.2).[33]

Assim, ocorre a descrição da vida selvagem que havia na mata e suas diversas melodias que são silenciadas a partir do momento em que o seu lar é destruído: "a mata pára com o barulho e observa" (SIRI, 1955, p.3).[34] Da mesma forma que é silenciada a mata, silencia-se também a família devido à morte da mãe que ocorre em conseqüência da queda de uma árvore: "vai para onde o homem e seus filhos a puxam, mas com teimosia, vai para a outra direção e abate com o seu joelho torto a mãe" (SIRI, 1955, p.3).[35] A família tenta remover a árvore e não consegue, a mãe morre, numa mistura de suor, sangue e terra: "o suor mistura-se com o sangue da mãe que está morrendo. O húmus absorve todos os líquidos com ganância" (SIRI, 1955, p.3).[36] A descrição da morte da mãe pode ser relacionada com a morte da mata intocada, da mãe natureza, ou seja, a morte das duas mães: a da família e a da mata que abrigava todos seres como se fosse a sua mãe.

---

[32] „Wir zwei werden ihn schon packen, du und ich, den bösen Wald"

[33] „Sonst lauschen sie dem Rauschen der Baumkronen, dem Rascheln und Rieseln der Blätter, dem Knacken der Äste, dem Aufprall eines mürben Stammes; den Brüllen der Affen, dem Zirpen und Summen der Insekten, dem Gleiten einer Schlange, dem Ruf der Vögel [...] der Todesschrei eines geschlagenen Tieres. [...] Doch immer war es die ureigene, ewige Symphonie des jungfräulichen Urwaldes"

[34] „Der Wald hält den Atem na und lauscht."

[35] „Doch nicht dorthin, wo Mann und Söhne ihn ziehen, sondern eigenwillig in eine andere Richtung, und erschlägt mit seinem krummen Knie die Mutter."

[36] „Ihr Schweiss mischt sich mit dem Blut der Sterbenden Mutter. Der Weiche Humus saugt allles gierig auf."

Nesse texto observamos, principalmente, a descrição da vida dos colonos imigrantes desbravando as matas virgens com o sonho de construir uma vida melhor e para ter o que deixar para os filhos. No entanto, para que pudessem preparar o solo do qual tinham que tirar o seu sustento, derrubavam a floresta, matando, assim, a mãe dos seres existentes na terra, a protetora de todos eles. Porém, esta mesma mata causa medo e vinga-se, tirando a vida da mãe da família.

5.3 "Ein Schulexamen" – Uma prova de escola[37]

"Ein Schulexamen" é um dos textos de Hilda Siri que foi publicado no almanaque *Serra Post Kalender* de 1953 e que relata a história de um professor mal-remunerado que sofria preconceito por causa disso. Além disso, resume as diversas dificuldades enfrentadas por essa classe profissional, apesar de ter uma das melhores recompensas: o carinho despretensioso das crianças.

Essa narrativa, diferentemente das demais analisadas, realiza uma descrição detalhada do ambiente, o que faz com que o leitor se insira na história: "era o ano de 1924, numa manhã de dezembro, numa cidade pequena na Serra. Um céu azul, nevoeiros nos vales [...]" (SIRI, 1953, p. 1)[38].

Além da descrição ambiental, ocorre a rememoração dos fatos que deixaram o professor chateado e pensativo ao ir para a escola naquela manhã. Quando passou pela venda, guardou suas palavras bravas e seguiu adiante pensando na escola editada nos moldes alemães, as palavras que lhe foram ditas "estas eram apenas as mais delicadas com as quais pensava na diretoria da escola nos moldes alemães" (SIRI, 1953, p.1).[39] Este texto, no início, estrutura-se sobre a memória da personagem principal, o qual não é o narrador. Assim, os fatos são relatados por uma entidade que não vivenciou os acontecimentos.

---

[37] Texto completo no anexo 5. Texto encontrado em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_einschulexamen_pdf acesso em 20 de maio de 2009 às 20 horas.

[38] „Es war im Jahre 1924, an einem Dezember morgen in einer Kleinstadt auf der ‚Serra'. Ein lichtblauer Himmel, dunstige Nebelschleier in der Tälern, [...]"

[39] „Das waren nur die zartesten, mit denen er den Vorstand der deutschen Vereinsschule bedachte."

A personagem desse texto é professor de uma escola, provavelmente localizada em uma colônia alemã. Esta escola ensina, além da língua alemã, também a portuguesa. A escola foi construída com a ajuda do professor, que trabalhava além de seu horário sem ganhar nada a mais por isso. O professor dedicou três anos de sua vida para ajudar na construção e no aumento do número de alunos, além de ajudar nos ensaios de teatro, na organização das festas e na regência do coral. No entanto, quando a escola cresceu e ele poderia receber um salário digno, ele era maltratado pelas pessoas na cidade, principalmente, pelo pai de sua namorada, o qual não aceitava que sua filha se casasse com aquele simples professor, apesar de tudo o que ele havia feito para erguer aquela escola: "e agora, que a construção estava pronta, e a administração escolar tinha dado um passo muito importante, como nunca havia dado; agora que queria casar, a diretoria não lhe dava o aumento desejado e o seu superior, Ruprecht Schmidt, proibia a sua filha de fazer isso" (SIRI, 1953, p. 1)[40]. O pai da moça desejava um marido rico para sua filha, o que desiludiu ainda mais o professor.

Além dessas provações em relação a sua vida amorosa, também era avaliada a capacidade do professor de gerenciar uma classe de alunos. Para desenvolver o seu programa de conteúdo deveria, principalmente, centrar-se nas atividades relacionadas à cultura alemã, tudo vigiado pelos pais dos alunos. Isto o deixava bastante chateado, fazendo com que tivesse vontade de desistir de sua profissão e sair para conhecer o restante do Brasil, o qual era grande o suficiente, sendo que não precisaria enfrentar tantas provações como naquele local em que se encontrava:

> Pois eu avalio as crianças, o que elas sabem ou não sabem, eu sei muito bem. Eu sou avaliado, este é o sentido do exame. Os pais querem escutar de mim, o que eu sei e se eu durante o ano cumpri com as minhas obrigações, e trouxe algum conhecimento relevante aos seus rebentos. Que eles tenham o exame. Mas é o último. Não vou continuar. Chega[...] (SIRI,1953, p. 1)[41]

---

[40] „Und jetzt, da das Gebäude fertig war und der schulbetrieb ein Fortschritt zu verzeichen hatte wie nie zuvor; jetzt, da er mehr verdienen und heiraten wollte, versagte ihm der Vorstand die erwünschte Gehaltserhöhung und der Obmann, Ruprecht Schmidt, seine Tochter."

[41] „Denn ich prüfe die Kinder, was die können oder nicht können, weiss ich zur genüge. Ich werde geprüft, das ist der Sinn des Examens. Die Eltern wollen von mir hören, was ich kann und ob ich das Jahr über meine Pflicht erfüllte, und ihren Sprösslingen etwas beibrachte. Sollen sie es haben, das Examen. Aber es ist das letzte. Ich mache nicht länger mit. Ich habe genug. "

Nesse trecho, observa-se também a cobrança dos pais em relação ao que o professor deve ensinar, principalmente, centrando o foco sobre a questão cultural, a manutenção da cultura alemã, isto deixava o professor revoltado:

> Adubos culturais somos todos nós, os novos que vêm da Alemanha, cheios de conhecimentos aprendidos, polidos pela civilização avançada, impregnados por ideais e vontade de aventuras, borbulhantes de sede de viver. Nós os transmitimos e esgotamo-nos, mas percebemos que isso não leva à nada. Pois a cultura precisa de tempo, não podemos simplesmente presenteá-la a um povo, ele tem de criá-la de maneira própria (SIRI, 1953, p.2).[42]

Percebe-se no trecho mencionado que a elite local empenhava-se na preservação dos elementos culturais germânicos sem perder de vista a inserção na sociedade nacional, valorizando a cidadania brasileira e o território (SEYFERTH, 2004, p. 153). Por este motivo o professor não tinha autonomia para desenvolver as suas atividades. Ele, no entanto, não acreditava que se poderia ensinar, na escola, a cultura que os alunos deveriam seguir, eles não poderiam ganhar esses conhecimentos gratuitamente, mas deveriam adquiri-los por conta própria, através da vivência. Isto também é observado no último trecho citado acima.

No entanto, apesar de toda a sua decepção em relação à profissão que exercia, quando chegou à escola e viu os seus alunos e o carinho com que o tratavam, isso o deixou muito enternecido e fez com que ele começasse a repensar as suas atitudes. O arrependimento de tanto rancor veio somente no final quando percebeu que a prova estava vencida: os alunos haviam sido avaliados e, consequentemente, ele também e tudo havia dado certo.

Apesar de ter de manter vivas as tradições dos colonos alemães, ele também deveria mesclá-las com a cultura brasileira, ou seja, deveria dar condições para as crianças inserirem-se na nova cultura que estava se formando. Isto é perceptível ao final do texto de Siri, quando o professor faz parte da avaliação, a pedido do pastor, em língua portuguesa, o que deixa os pais extremamente animados, pois eles vêem que seus filhos estão se inserindo na cultura do povo local. Assim, segundo Willems (1980), este contexto pode ser gerado por um hibridismo cultural, o qual contém o

---

[42] „Kulturdünger sind wir alle, die frisch von Deustchland kommen, vollgepfropft von erlerntem Wissen, geschliffen von fortgeschrittener Zivilisation, durchdrungen von Idealen und Abenteuerlust, überschäumend von Lebensdurst. Wir geben, pumpen uns aus und sehen, dass es zu nichts führt. Denn Kultur braucht Zeit, man kann sie einem Volk nicht einfach schenken, es muss sie selbst schaffen.“ (p.215)

pressuposto da duplicidade resultante do contato com os imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras. Esse hibridismo origina-se da marginalidade de uma população ambivalente entre duas culturas, a alemã e a brasileira, a qual produziu uma terceira, quase que essencialmente rural, em conflito de lealdades dentro do Estado brasileiro (WILLEMS, 1980).

Apesar de o professor já ter mudado, em parte, a sua idéia de sair daquela escola e, inclusive daquele local, o que foi decisivo para sua escolha foram os elogios recebidos dos pais, do pastor e do dono da escola depois do exame final feito pelos alunos. Neste exame constavam questões em língua alemã, e o que mais impressionou os espectadores dessa avaliação foi o bom desempenho dos alunos em relação à língua portuguesa, que também era ensinada na escola. Neste trecho observamos também os processos de aculturação vivenciados pelos povos que emigraram e deveriam, assim, assimilar a cultura daqueles que já viviam nestes locais.

Dessa forma, nessa narrativa os fatos relatados podem ser relacionados à época da nacionalização no Brasil, em que era obrigatório o ensino da língua portuguesa nas escolas. Este texto, além de ser classificado, em parte, como memória, também apresenta fatos históricos como a Campanha de Nacionalização sofrida pelas colônias alemãs.

Além de ter vencido a etapa da prova final, ele nunca havia observado a sua colega de trabalho, Ilse. A partir do momento que passou a reparar nas atitudes daquela moça e começou a se interessar por ela, o professor percebeu que as coisas estavam mudando. Essa descrição levou a crer que no final eles ficariam juntos, e foi o que aconteceu.

Apesar de todas as provações sofridas pelo professor, ele sente-se gratificado quando o seu trabalho é reconhecido e todas as mágoas existentes somem. Ele ainda realiza um antigo desejo: o casamento com alguém de seu nível, que tinha a mesma profissão e o aceitava como ele era.

5.4 “Das Preisausschreiben”[43] – O concurso

Essa narrativa de Hilda Siri publicada em 1952, apresenta a história de uma escritora que não possuía inspiração para produzir um texto para um concurso. Esta escritora também era denominada Hilda, remetendo, assim, à própria autora do texto: “Sabes, Hilda, isto é assim. (SIRI, p.2)”[44]. Este texto é uma narrativa em primeira pessoa, configurando-se como um monólogo.

Esse texto está construído sobre a memória, pois a narradora relembra, primeiramente, os conselhos dados pelo compadre, pelo avô, por amigos e, em seguida, uma história vivenciada na infância. Num momento posterior, ela volta para o seu presente e afirma que o texto produzido durante a rememoração destes fatos ficou muito ruim e pede desculpas aos avaliadores do concurso e demais pessoas que lerão essa narrativa: “Eu sinto muito, eu peço desculpas. Além disso, recém acabei de explicar por que eu não consegui fazer isto” (SIRI, 1952, p.3).[45] Esse recurso de descrever os passos para a produção de um texto é usado para mostrar a dificuldade para escrever algo de qualidade, principalmente, quando não se tem inspiração.

A narradora-personagem inicia seu texto apresentando a situação em que ela se encontra, querendo participar de um concurso e não tendo inspiração suficiente para isso. Neste momento uma amiga afirma que ela deverá escrever uma história de amor com um final feliz: “Oh, isto é bem simples. Você escreve uma história de amor com um final feliz” (SIRI, 1952, p.1). [46]

A partir desse instante, ela começa a relembrar várias opiniões de pessoas diferentes em relação ao modo como ela deve escrever textos. Seu compadre afirma que: “Quando você escreve alguma coisa, ‘comadre’, deve ser algo local. Você deve descrever a terra e as pessoas como elas são aqui, e a história toda deve passar-se

---

[43] Ver texto completo no anexo 4. Texto encontrado em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_daspreisasuschreiben_pdf acesso em 06 de junho de 2009 às 18 horas.

[44] „Weiß du, Hilda, das ist so [...]“

[45] „Es tut mir furchtbar leid, und ich bitte um Entschuldigung. Außerdem habe ich gerade erst erklärt, warum ich es nicht konnte. “

[46] „Oh, das ist doch ganz einfach. Du schreibst eine Liebesgeschichte mit einem Happyend“.

na paisagem brasileira, ainda melhor se for nas colônias" (SIRI, 1952, p.1)[47]. Neste trecho nota-se que, além de uma lembrança, há uma referência em relação às colônias no Brasil, ou seja, faz-se menção a fatos considerados da história, além do desejo de haver produções locais que deveriam circular pelos lugares onde viviam os povos descritos neste texto. Este recurso de citar as colônias talvez tenha sido usado para dar a idéia de veracidade ao que a narradora-personagem está relatando.

Essa idéia apresentada pelo seu compadre é aceita pela narradora por alguns instantes e ela analisa: "Eu concluí: portanto, uma história de amor, histórias de amor desenvolvem-se em todo o mundo nos mesmos moldes, e todos acreditam que a sua própria intimidade é singular. Uma história de amor com um fundo brasileiro, o local e o enredo – a colônia" (SIRI, 1952, p. 1).[48] Neste trecho, observa-se a tentativa de inserção da cultura brasileira nas colônias de imigração. Isto seria feito através das narrativas curtas que chegariam até o acesso dos colonos leitores. Este seria um bom tema para ser desenvolvido para o concurso, segundo a narradora-personagem.

Além de a narradora-personagem recordar-se das idéias de seu compadre, aparecem os conselhos de bons amigos que afirmam que uma história, para ser boa, precisa de humor, com um grande desfecho: "Não escreva nada de amor , essa velha falação banal. Humor deve ter, além de dar vontade de ler e de ter um ponto crucial. O ponto deve ser o principal. O enredo deve crescer lentamente, até que no final a bomba explode" (SIRI, 1952, p.1). [49] Observa-se neste trecho que a literatura publicada e lida nas colônias deve servir de informação e de distração para os leitores, além de prendê-los até o final, pois é quando a bomba explode e tudo é revelado.

A narradora ainda se lembra do que a sua professora dizia em relação à produção de textos: de que eles deveriam ter uma moral ou engrandecer os feitos dos homens: "Então, você pode escrever o que você quer" dizia minha velha

---

[47] „Wenn du etwas schreibst, 'Comadre', dann muss es etwas Bodenständiges sein. Du musst Land und Leute schildern, wie sie hier sind, und die ganze Geschichte muss ich in der brasilianischen Landschaft abspielen, am besten auf der Kolonie."

[48] „Ich folgerte: Also eine Liebesgeschichte, Liebesgeschichten entwickeln sich auf der ganzen Welt nach denselben Gesetzen, und jeder glaubt, das seine eigene einzigartig dasteht. Eine Liebesgeschichte mit brasilianischem Hintergrund , Ort und Handlung – Kolonie."

[49] „Schreibe bloss nichts von der Liebe, dieses alte Kitschige Gefasel. Humor muss hinein und Spaß und eine Pointe. Die Pointe ist die Hauptsache. Die Handlung muss sich langsam steigern, bis dann zum Schluss die Bombe Platzt."

professora. “Mas uma história deve sempre ter uma moral no seu interior ou ter um significado maior, que eleva as pessoas acima de si mesmas” (SIRI, 1952, p. 1).[50] Ainda, seu avô acrescenta que ela “não esqueça da filosofia” (SIRI, 1952, p.1)[51] talvez se referindo às filosofias adotadas para escrever textos seguindo uma linha de pensamento, como foi citado acima nas discussões teóricas. Seu avô ainda afirma que deve-se excluir histórias sobre mulheres jovens, pois elas ainda são muito bobas.

Nas passagens citadas acima, percebe-se que para a produção de um texto, são lembradas várias opiniões diferentes sobre o que essa narrativa deve ter. Isso se comprova como sendo uma memória, pois logo depois destas citações, a narradora afirma que vários foram os romances contados a ela, a fim de auxiliá-la na produção do texto que concorreria para o concurso: “Isto não é tudo. Romances completos foram relatados para mim, com a permissão expressa de utilizar o tema” (SIRI, 1952, p.1).[52]

Como esta narrativa centra-se, principalmente, no modo como se deve escrever, a narradora cita, inclusive, os passos que ela seguiu para tentar absorver seu pouco de inspiração. No entanto, nenhum dos preparativos como a aquisição do papel, a limpeza da máquina, estar em algum lugar em silêncio, resolveu o seu problema. Assim, observam-se as dificuldades enfrentadas por um escritor quando falta o principal: saber o que escrever para contentar a população leitora.

Como sua inspiração não vinha, a narradora resolve relatar um fato que teria acontecido em sua infância: a visita a um concerto de música clássica, somente aos treze anos de idade: “Eu tinha aproximadamente 13 anos, quando eu tive a permissão de visitar pela primeira vez um concerto” (SIRI, 1952, p.2).[53] Observa-se aqui que a narradora retoma a sua época de infância para contar um fato ocorrido, caracterizando, assim, esse trecho como memória, ou seja, a narradora, através de um fato presente, a escritura do texto, retoma um fato passado, a visita ao concerto, para que sirva a um fato futuro, a produção de um texto para a participação no concurso. Além disso, pode-se perceber uma crítica em relação à dificuldade de acesso aos eventos culturais, pela maioria da população, pois ela já tinha 13 anos

[50] „Also, du kannst schreiben was du willst,“ sagte meine alte Lehrerin. „Aber eine Geschichte muss eine Moral in sich bergen oder ein höheren Sinn, der die Menschen über sich selbst erhebt“
[51] “Und vergiss nicht die Philosophie.”
[52] „Das ist noch nicht alles. Ganze Romane wurden mir erzählt, mit der ausdrücklichen Erlaubnis den Stoff zu verwenden“
[53] „Ich zählte ungefähr 13 Jahre, als ich zum ersten Mal ein Konzert besuchen durfte.“

quando foi pela primeira vez a um evento cultural, que abordava um tema que ela nem conhecia: a música clássica.

Em grande parte dessa narrativa a narradora passa relembrando essa história de sua infância. Somente nos momentos finais, ela retoma o seu momento presente e lembra que precisava escrever um texto: "Agora, eu me recordo, que eu queria escrever uma história" (SIRI, 1952, p.3).[54] No entanto, o que ela recordou foi transformado na tão esperada história destinada para o concurso. Ela pede desculpas aos avaliadores, pois acredita que eles irão avaliá-la de maneira muito negativa. A narradora-personagem desse texto imagina como os redatores receberão o seu texto: "[...] Suas cabeças estão fumegando [...] suas testas se franzem e seus narizes se torcem. [...] Eu escuto seus risos reprimidos e suas batidas irritadas sobre a mesa" (SIRI, 1952, p.3).[55]

Portanto, esta narrativa de Hilda Siri está baseada na memória, pois recorda fatos e conselhos, centrando o foco sobre o modo como se deve produzir um texto. No entanto, diferente das narrativas anteriormente analisadas, esta não focaliza a cultura nas colônias alemãs nem a história da imigração, ela faz apenas pequenas menções a este tema, quando são apresentados os conselhos de amigos e do avô.

5.5 "Die Musterreiter sind da"[56] – Os caixeiros-viajantes chegaram

"Die Musterreiter sind da" é um texto de Hilda Siri publicado no almanaque *Serra Post Kalender* de 1956 e apresenta a história dos caixeiros-viajantes que se hospedam em uma casa de comerciantes descendentes de alemães. Diferentemente do texto anteriormente analisado, este é narrado em terceira pessoa, com um narrador observador, ou seja, que não participa da história.

---

[54] „Jetzt fällt mir wieder ein, dass ich eigentlich eine Geschichte schreiben wollte."

[55] „[...] Ihre Köpfe rauchen [...], Ihre Stirne kraus ziehen und die Nase rümpfen. [...] Ich höre Ihr verhaltenes Lachen und erbostes auf den Tisch schlagen"

[56] Ver texto completo no anexo 3. Texto encontrado em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschiksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 28 de agosto de 2009 às 20h

Na casa onde os caixeiros-viajantes se hospedam, eles contam diversas histórias de suas passagens por muitos lugares e trazem as notícias do que está acontecendo na capital, no caso a Revolução Farroupilha: "Está acontecendo uma revolução. Isto é pelo menos uma revolução verdadeira, entre Federalistas e Maragatos, mas é bem provável... como devo dizer isto... uma guerra de divisas"[57] (SIRI, 1956, p.2). Os caixeiros-viajantes também afirmam que os revolucionários, quando passam pelas colônias espalham o horror: "Eles espalharam em seu caminho para o Sul muito horror nas colônias"[58] (SIRI, 1956, p. 2). As pessoas da casa ficam assustadas com as informações, mas esperam que a Revolução não os atinja: "Ah, que assustador, espero que eles não passem por aqui"[59] (SIRI, 1956, p.2).

Percebe-se ainda, na análise desse trecho, que tanto os caixeiros-viajantes quanto a família são descendentes de colonos imigrantes alemães, pois o caixeiro que está narrando a situação da capital afirma que "nos seus caminhos eles encontram muitos de nossos teuto-brasileiros. Eles não podem nada contra, eles devem segui-los, caso contrário são feitos processos curtos com eles" [60] (SIRI, 1956, p. 2). Esta á a única menção de que no texto há personagens descendentes de alemães, além da citação das colônias, como foi visto anteriormente.

Os caixeiros-viajantes são recebidos com festa e à noite é feito um pequeno baile para acolhê-los. Este texto mostra a hospitalidade advinda dos alemães, além de uma pequena história de amor entre a filha dos descendentes de alemães e um dos caixeiros-viajantes que fica em suspense, não se sabe como ela termina.

Nesse texto é apresentado um contexto de mistura linguística, pois aparecem diversas palavras não traduzidas para a língua alemã ou mesmo palavras em português que são germanizadas de acordo com o momento em que aparecem. Alguns exemplos dessa mistura de línguas são: "die Maultiere treiben ins 'Potreiro'" [61] (SIRI, 1956, p.4); "lassen Sie ein Dutzent 'Foggeten' los[62]" (SIRI, 1956, p.4). Nesses dois exemplos selecionados dentre vários, observa-se a palavra potreiro que

---

[57] „Es ist Revolution ausgebrochen. Es ist weniger eine richtige Revolution, zwischen Föderalisten, und ‚Maragaten', sondern eher... wie soll ich es sagen...ein Heckenkrieg."

[58] „Sie haben auf ihrem Weg nach dem Süden grauenhaft in den Kolonien gehaust"

[59] "Ach, wie schrecklich, wenn sie nur nicht hier vorbeikommen!"

[60] „In ihren Reihen befinden sich viele unserer Deutsch-brasilianer. Sie können nicht anders, sie müssen mit, denn sonst wird kurzer Prozess mit ihnen gemacht."

[61] "Deixe os animais no potreiro"

[62] "Solte uma dúzia de foguetes"

é originária da língua portuguesa, além de ‘Foggeten’ que é uma forma dialetal de foguetes, ou seja, ocorre a germanização desse termo da língua portuguesa.

Essa mistura de línguas pode ser em decorrência da Campanha de Nacionalização promovida desde o início da República, por meio da qual a língua alemã foi proibida de ser falada e mesmo de ser ensinada, então muitas palavras se perderam e por isso foram criadas novas, com a influência da língua portuguesa, para substituí-las. Além disso, esse texto foi publicado vários anos após a chegada dos imigrantes alemães ao Brasil, podendo ser uma assimilação da língua do povo local.

Apesar de haver essa mistura de línguas, há ainda uma discriminação em relação ao povo local, o qual não é de origem alemã. Eles são tratados no texto como caboclos, e considerados como sem condições de ter uma vida melhor, passando frio, eles se acomodam como dá, sem ambições de terem um lugar melhor para viver: “Ah, mas isto também é um problema, que neste frio devemos levantar tão cedo. Quando eu fiz fogo, no balde de água ainda havia uma camada de gelo. Buh, como devem passar frio aqueles pobres ‘caboclos’ em suas casinhas de barro!”[63] (SIRI, 1956, p. 1). Mesmo tendo passado tanto tempo após a chegada dos colonos alemães, eles ainda se consideram diferentes dos habitantes locais ou de outras etnias. Observa-se que há uma discriminação em relação ao modo de vida dessas pessoas não descendentes de alemães.

Nessa narrativa observa-se nitidamente a discriminação racial em relação ao povo local advinda desde a época da chegada dos primeiros imigrantes. Provavelmente, isso se dá em decorrência da caracterização do povo ariano considerado superior aos demais que já colonizavam o Brasil antes dos projetos imigrantistas.

No texto em questão pode-se notar a presença da memória somente em alguns momentos, como quando um dos caixeiros-viajantes lembra dos fatos que estão acontecendo na capital como a Revolução Farroupilha, o que já foi citado anteriormente. Porém, diferentemente das narrativas anteriormente citadas, as quais tinham como base a rememoração de fatos acontecidos, esta se baseia em fatos que estão acontecendo no momento da narração da história.

---

[63] “Ach, es ist auch eine Schande, dass man bei der Kälte so früh heraus muss. Als ich Feuer anmachte, lag im Wassereimer noch eine Eisdecke. Buh, wie müssen nur die armen ‚Caboclos’ in ihren Lemhütten frieren“

Alguns fatos relatados são históricos, pois podem ser identificados na história do Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha e o modo como as pessoas eram tratadas por onde os revolucionários passavam. Além desse, também observa-se que a família descrita no texto é de comerciantes que consomem produtos oriundos da Alemanha, como previa o projeto emigrantista alemão na tentativa de formação de uma colônia dependente da Alemanha: "desse produto você deve pegar. Este é um modelo novo. O tecido veio há um mês da Alemanha."[64] (SIRI,1956, p.3)

[64] "Von diesem Kattun müssen sie unbedingt nehmen. Es sind ganz neue Musterungen. Der Stoff kam erst vor einem Monat aus Detschland"

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O marco inicial da colonização alemã no Sul do Brasil é a fundação da colônia agrícola de São Leopoldo, em 1824. Esses alemães passam a entrar sistematicamente no Brasil a partir do século XIX. A relevância da imigração alemã não está no número de imigrantes, o qual é muito menor que de outros grupos como da Itália, da Espanha e de Portugal. A sua importância está na forma de participação no povoamento dos três estados do Sul do Brasil, sendo os pioneiros. Outro motivo da relevância da colonização alemã é a formação cultural de comunidades com traços específicos e homogêneos.

Os imigrantes alemães viviam um isolamento total, tanto físico quanto psicológico e social. As distâncias entre as residências dos colonos e as vilas e mesmo em relação à capital da província eram muito grandes. Devido a isso, criaram-se distâncias lingüísticas e diferenças culturais entre eles e os brasileiros natos.

Essas circunstâncias de isolamento fazem reviver a saudade do passado e da pátria de origem, idealizando-a. A idealização é observada em narrativas publicadas em almanaques em língua alemã, os quais circulavam nas regiões coloniais. Nesses almanaques, os colonos encontravam informações úteis para o cotidiano, como dados sobre plantações, higiene, datas comemorativas, além de diversos textos literários, dentre eles poesias e narrativas curtas. Essas narrativas eram de intelectuais que emigraram junto com os colonos ou de descendentes de imigrantes. Algumas delas também eram traduções para a língua alemã de textos de autores brasileiros como pode ser observado na análise dos textos da autora Hilda Siri, em que três das narrativas publicadas no almanaque *Serra Post Kalender* não são de sua autoria, apenas traduções de Machado de Assis, de Coelho Netto e de Luiz Câmara Cascudo, motivo pelo qual não foram analisados neste estudo. Um dos motivos dessas ocorrências se deve ao fato de os alemães e seus descendentes terem a opção de conhecer e compreender textos de autores brasileiros, sendo uma forma de inserção na cultura local.

As características culturais também são perceptíveis “nos relatos e histórias de vida dos imigrantes, na documentação oficial e também nas narrativas da

literatura teuto-brasileira, ao longo do processo de colonização" (HUBER)[65]. A imprensa em língua alemã veicula, através de jornais e almanaques, um patrimônio cultural misto chamado de *Brasilianisches Deutschtum* ou *Deutschbrasilianertum* (Patrimônio cultural teuto-brasileiro), segundo Huber. Os almanaques ou anuários são os principais divulgadores da literatura teuto-brasileira, em que a temática recorrente é a imigração, as memórias de fatos acontecidos durante a imigração e o povoamento das regiões consideradas inabitadas no Brasil. Além disso, é descrito também a vida cotidiana nas colônias, o próprio sentimento de divisão entre as duas pátrias: a de origem e a de vivência. Nessas narrativas são apresentados ainda os conflitos de terra, o cansaço para derrubar a mata e cultivar os lotes, os problemas referentes ao povoamento disperso, a precariedade das estradas e o transporte, entre outros fatores relevantes. A maioria dos temas citados são desenvolvidos através da mescla entre fatos considerados históricos e rememorados pelos autores através da própria vivência ou do relato de outras pessoas que vivenciaram tal fato e a ficção.

Segundo Delgado (2006), "a narrativa contém em si a força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por conseqüência, suporte do poder do olhar e das vozes da memória." A memória "atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente" (DELGADO, 2006, p. 38).

Essa literatura publicada em almanaques, como já foi afirmado acima, é considerada menor esteticamente, conforme os cânones. Um dos motivos que pode explicar este fato é a utilização de uma linguagem teuto-brasileira, ou seja, a importação de termos da língua portuguesa para a língua alemã ou mesmo a germanização de outros termos também da língua portuguesa, como pode ser observado nas narrativas analisadas anteriormente. Essas importações lingüísticas ocorrem principalmente na prosa e às vezes na poesia.

Como pode ser constatado ao longo desse trabalho, os emigrantes saem da Alemanha sem liberdades com o sonho de melhorar de vida em um novo país. O Brasil surge como paraíso para esses imigrantes. No entanto, as coisas no Brasil não correspondem às ilusões criadas antes da vinda. É necessária a abertura de clareiras no meio das florestas virgens, a construção de abrigos em situações

---

[65] Referência do texto **A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil** de Valburga Huber disponível em www.letras.ufrj.br/lied/media/docs/art_valb2.pdf acesso em 07 de janeiro de 2010 às 08h50min.

precárias, além do problema com os macacos que arrasavam as plantações. Essas características podem ser observadas nas narrativas de Hilda Siri publicadas no almanaque *Serra Post Kalender,* “Die alte Truhe” e “Die Rache des Urwalds: ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik”. No primeiro texto observa-se a história da imigração e as dificuldades enfrentadas pelos colonos através de uma narração familiar. Já no segundo, o tema centra-se na vida difícil nas colônias, a abertura das lavouras no meio da floresta virgem, através da descrição de um narrador observador.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, observa-se também nas narrativas a adaptação às circunstâncias propostas no novo país, além da fartura da qual, após algum tempo, eles passam a desfrutar. A fartura de que se fala aqui era justamente o que faltava no país de origem. Isso pode ser observado na análise do texto “Die Musterreiter sind da” em que a família é comerciante e sua mesa é sempre bastante farta, podendo oferecer inclusive pequenas festas quando chegam visitas como os caixeiros-viajantes.

Porém, o maior problema enfrentado é a adaptação com a cultura local e com o uso da língua portuguesa, necessidade imposta pelo Estado Novo. Isto se deu em decorrência da formação de núcleos homogêneos nas colônias alemãs devido ao seu isolamento. Eles preservaram a língua de seus antepassados e as atividades culturais também. Para que isso acontecesse fundaram escolas particulares em que o ensino da língua alemã, da cultura e da história desse povo eram partes inerentes ao currículo. Essas características foram constatadas na análise da narrativa “Ein Schulexamen”, a qual se centra na dificuldade de aceitação por parte dos pais dos alunos do ensino da língua portuguesa, o que é uma obrigação com o Estado Novo. Esse fato pode ser constatado historicamente.

Além das dificuldades de aceitação da língua do novo país, os imigrantes e seus descendentes viam os brasileiros como o outro, o diferente, incapaz de crescer e prosperar. Eles denominavam pejorativamente os que não eram de origem alemã de caboclos, os quais jamais poderiam ser patrões, seriam apenas os empregados. Isso também é observado nas narrativas de Hilda Siri, principalmente, no texto “Die Musterreiter sind da”. Já os alemães eram vistos como preconceituosos e resistiam à proposta do governo de miscigenação, ou seja, de branqueamento da população brasileira.

Além das características citadas acima, uma das hipóteses para o desenvolvimento desse trabalho era de que os textos, mesmo apresentando fatos históricos reconhecíveis, centrassem-se na memória como forma de narrativa. Nesse contexto observa-se a narrativa “Die alte Truhe”, a qual se concentra especificamente sobre a memória, já que é relatada a história da família do narrador que veio para o Brasil acompanhado de um baú. O monólogo ocorre devido à abertura da tampa do baú. Essa narrativa também pode ser caracterizada como memorialística quando se interpreta a metáfora proposta pela palavra baú como sendo guardador de coisas antigas, de lembranças e com a abertura da tampa essas lembranças vêm à tona. Nesse texto, através de um fato familiar e individual são relatadas ocorrências reconhecíveis historicamente na coletividade do povo imigrante alemão no Rio Grande do Sul.

O texto “Die Rache des Urwalds: ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik” também apresenta fatos históricos, os quais são rememorados. Nessa narrativa são apresentados os problemas enfrentados pelos colonos, além do destino trágico muitas vezes vivenciado nas colônias.

A narrativa “Das Preisausschreiben” também apresenta fatos rememorados, porém, não há uma preocupação direta com a descrição de fatos históricos da colonização, diferentemente dos textos anteriormente citados. Ela se desenvolve a partir do modo como devem ser produzidos textos. A narradora-personagem está à procura de um assunto para ser tratado em um texto que concorreria em um concurso. Para isso, ela lembra-se de diversas sugestões de personagens que passam pela sua vida. Nessa narrativa a memória é o elemento central, mas não há fatos diretamente relacionados com a questão histórica da imigração alemã. Embora, o texto em questão não confirma diretamente a hipótese lançada no projeto de pesquisa deste trabalho, há nele elementos culturais que permitem que se rememore o passado.

Já o texto “Die Musterreiter sind da” não possui como base a memória para o seu desenvolvimento. Ele a utiliza apenas para remeter a fatos históricos que estão acontecendo como a Revolução Farroupilha. Ele apresenta um universo de miscigenação cultural e lingüística, em que os descendentes de imigrantes alemães já se sentem gaúchos, possuem a raiz alemã, mas partilham da cultura do Rio Grande do Sul. Esses imigrantes passam a ter uma identidade diferenciada da de sua pátria de origem, a Alemanha, já que não participam dos eventos culturais de lá

e também não se inserem totalmente na identidade gaúcha, pois possuem uma cultura distinta e não a abandonam totalmente. Assim, cria-se uma nova identidade, a teuto-brasileira.

Através das análises realizadas acima, percebeu-se que há uma mistura entre história e ficção. Em cada um dos textos analisados aparecem fatos reconhecíveis na história. Isso é possível através da memória que, além de recordar o que aconteceu, permite a inserção do lúdico, do fantasioso, sendo isso, portanto, o fermento para a formação das narrativas literárias publicadas em almanaques.

7 REFERÊNCIAS

AUST, Hugo. **Der historische Roman.** Sttugart, Weimar: Metzler, 1994. (Sammlung Metzler; Bd.278)

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

BECKER, Klaus. *Imprensa em língua alemã* (1852-1889). In **Enciclopédia Rio-Grandense.** Porto Alegre, 1968/v.2, p.265-282.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** Tradução Paulo Neves. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

BREDEMEIER, Maria Luísa Lenhard. *O significado da produção literária dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul para a formação de professores de alemão.* In CUNHA, Jorge Luis da e GÄRTNER Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul :** História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 237 -250

CATROGA, Fernando. *Memória e história.* In PESAVENTO, Sandra Jatahy.(org) **Fronteiras do milênio.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001. p. 43-69.

CLARA, Fernando. *Entre a Literatura e a História: verdade ficção, verossimilhança (a propósito de alguns testemunhos das relações luso-alemãs).* In **Aspectos da História Luso-Alemã,** Lisboa, 1991. p. 57-68. Disponível em www.fcsh.unl.pt/docentes/fclara/pubs/ALAC2enc.pdf acesso em 23 de janeiro de 2010 às 11 horas.

CHARTIER, Roger. *Debate: Literatura e história.* In **Revista Topói.** Rio de Janeiro. N°. 1, 2000. p.197-216.

CUNHA, Jorge Luis da. *A Alemanha e seus emigrantes: Questões nacionais:* In CUNHA, Jorge Luis da e GÄRTNER Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio**

Grande do Sul : História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 17-58

DELGADO, Lucilia. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FANSEL, E. D. *Literatura rio-grandense em língua alemã.* In **Enciclopédia Rio-Grandense.** Porto Alegre, 1968/v.2, p.223-239.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: UPF, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin ou a história aberta.* In BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-19

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUBER, Valburga. **A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil.** In www.letras.ufrj.br/lied/media/docs/art_valb2.pdf acesso em 07 de janeiro de 2010 às 08h50min.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória.** 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.

PIMPÃO, Altair Carlos. **Vieram em busca de liberdade:** os 150 anos de imigração alemã no Brasil. Bonsucesso, RJ: Olímpica, S/d.

RAMBO, Arthur Blásio. *A história da imprensa teuto-brasileira.* In CUNHA, Jorge Luis da e GÄRTNER Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul:** História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003. p.59-79

RAMOS, Fábio Pestana. **História e Literatura: ficção e veracidade.** Domínios de Linguagem II. 2003. Disponível em www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/d2_3.pdf acesso em 23 de janeiro de 2010 às 11h40min.

RICOUER, Paul. Entre mémoire et histoire. In: **Projet.** Paris: Número 248, 1996. p. 11.

ROLIM, Aline Prates; FURUSE, Andréa Thomaz Alves; CASSIANO, Arlete Auxiliadora de Almeida; TIZZO, Célio; FAVARO, Celso Hernandes; DINIZ, Lemuel de Faria; ALMEIDA, Lenir Romão de; SORGE, Maria Santina C., MACIEL, Sheila Dias; COSTA, Sônia Ap. de Angeles Cerqueira. *Termos de Literatura Confessional em discussão.* In **Revista Guavira,** Três Lagoas, n. 1: UFMS, 2005.

RODRIGUES, José Honório. **A tradição, a memória e a história.** *Brasil tempo e cultura 3.* João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1980. p. 209-244.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** Cultura da memória e guinada subjetiva; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHREINER, Renate - **Entre ficção e realidade**. *A imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado: FATES, UNISC, 1996.

SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica.* In MAUCH, Cláudia. **Os alemães no sul do Brasil.** Cláudia Mauch e Naira Vasconcellos. – Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

_____. *Colonização, imigração e a questão racial no Brasil.* In **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/ maio 2002.

_____ *A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade.* In **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul/dez.2004.

_____ **Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro.** Disponível em www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm acesso em 12 de agosto de 2009 às 08h45min.

SIDEKUM, Antonio. *Cultura e alteridade.* In **Cultura e alteridade: Confluências.** Org. Amarildo Luiz Trevisan, Elisete M. Tomazetti. Ijuí: Ed.Unijuí, 2006. p.101-123

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Entre o amor ao Brasil e o modo de ser alemão.** São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIRI, Hilda. *Das Preisausschreiben.* In **Serra Post Kalender.** Ijuí: Ulrich Löw, 1952. p. 81-92. Disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_daspreisasuschreiben_pdf acesso em 6 de junho de 2009 às 18 horas.

_____. *Die alte Truhe.* In **Serra Post Kalender.** Ijuí: Ulrich Löw, 1952. p. 81-92. disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_diealtetruhe_pdf acesso em 20 de março de 2009 às 08horas.

_____. *Ein Schulexamen.* In **Serra Post Kalender.** Ijuí: Ulrich Löw, 1953. p. 81-92. Disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_einschulexamen _pdf acesso em 20 de maio de 2009 às 20 horas.

_____**.** *Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus Familienchronik.* In **Serra Post Kalender.** Ijuí: Ulrich Löw, 1955. p. 107-110. Disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschiksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 06 de junho de 2009 às 10 horas.

_____.*Die Musterreiter sind da.* In **Serra Post Kalender.** Ijuí: Ulrich Löw, 1956. p. 251-265. Disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschiksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 28 de agosto de 2009 às 20 horas.

SOUSA, Celeste Ribeiro de. Introdução ao projeto de Embates Culturais. In http://www.martiusstaden.org.br acesso em 11de setembro de 2007 às 18 horas.

_____. **Literatura Brasileira de Expressão Alemã** *Introdução: Embates culturais.* Disponível em WWW.fflch.usp.br/dem/alemao/pesquisa/rellibra/apresentacao%E7%E30.pdf acesso em 10 de janeiro de 2010 às 20h15min

_____ **Hilda Siri**. In www.martiusstaden.org.br/rellibra.autores acesso em 15 de maio de 2009 às 9h20min.

UMBACH, Rosani Ketzer. *Memória e biografia em* O velho baú. In **Revista Literatura em Debate,** v.4, n.5, p. 55-63, jul-dez.,2009. In www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n5.pdf acesso em 10 de janeiro de 2010 às 20 horas.

VEYNE, Paul Marie -1930. **Como se escreve a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

WALLMANN, G. **Die Geschichte der deutschsprachigen Literatur in Rio Grande do Sul.** (Trabalho de Conclusão de Curso, UNISINOS) São Leopoldo, 1993.

WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário.* In **Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura.** Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001. p. 97-116.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WOORTMANN, E. F. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico.* In **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 6, n.14, p.205-238, nov. 2000.

http://jornalivros.co.cc acesso em 18 de janeiro de 2010 às 11h30min.

8 ANEXOS

8.1 Anexo 1

DIE ALTE TRUHE

Hilda Siri

Vor einigen Tagen, als ich deinen Deckel aufschlug, um ein abgetragenes Kleidungsstück für einen Bettler zu suchen, betrachtete ich in Gedanken versunken deinen schweren Deckel, der mir als Kind immer Angst eingeflößt hat, weil ich fürchtete er könnte mir auf den Kopf fallen. In schön gebrannten, gotischen Buchstaben steht auf der Innenseite des Deckels geschrieben:

Baltazar von Niebelschuetz
Anna Maria, Niebelschuetzin,
geborene von Reichenbergerin
1677

An der vorderen Außenwand steht in lateinischen Buchstaben:

C. F. Becker
Santa Cruz
Sued-Brasil

Der Deckel und die Wände sind mit schweren Eisenbeschlägen verstärkt und verziert, und ein mächtiger Schlüssel steckt im kunstvollen Schloss.
Seit dieser Stunde hat mich meine Phantasie nicht mehr zur Ruhe kommen lassen, und ich musste immer wieder über den weiten Weg nachdenken, den du zurückgelegt hast, um zu mir zu kommen, und über die alten Geschichten, die meine Urgroßmutter mir erzählt hat. Wenn es Abend wurde, ich die Kühe vom ‚Kamp' geholt hatte und sie mit dem Füttern und Melken fertig war, dann saßen wir bis zum Abendbrot in ihrer dämmrigen Stube, sie in einem alten Lehnstuhl und ich auf dem Deckel der Truhe. Wir plauderten und ich lauschte voll Hingabe ihren Erinnerungen, und sie hörte sich geduldig an, was mir so durch den Kopf ging. Es ist schade, dass ich damals noch nicht schreiben konnte, denn ein Jahrhundert Geschichte und Kultur deutscher Siedlung in Brasilien wäre in ihren einfachen Erzählungen festgehalten und der Nachwelt übermittelt worden. Denn ‚Mutter', wie sie von allen genannt wurde, selbst von Fremden, ist 94 Jahre alt geworden und hat mein erstes Kind noch auf den Knien gehalten.
Wo kamst du her, alte Truhe?
Das Eichenholz, aus dem du angefertigt bist, wuchs bestimmt schon in der Zeit des dreißigjährigen Krieges in Oberschlesien. Im Schatten der Bäume werden schwedische Landsknechte gerastet und sich am Feuer der dürren Äste gewärmt und Wildschweine am Spieß gebraten haben. Polen und Tschechen sind an den Bäumen vorüber gezogen, bis der Gutsherr die Stämme aussuchte, die geschlagen werden sollten, und dem Tischler das Holz übergab, der die Truhe zur Ausstattung des Burgfräuleines anfertigen sollte. Wo wirst du gestanden haben, als du noch ganz neu warst?... Bestimmt in einem mittelalterlichen Schloss. Die junge Gutsherrin, in weiten Röcken, in eng anliegendem Mieder und Schlitzärmeln wird in dir das köstliche weiße Linnen geborgen haben, welches sie selbst gesponnen und gewebt hatte und manches Kleinod wird tief unten versteckt gelegen haben. Wieviel Freude, wieviel Leid wirst du schon in deiner Jugend mitangesehen haben. Denn die Kanonendonner vieler Kriege erschütterten die Grundfesten des Schlosses. Österreicher, Polen, Tschechen, Preußen und Franzosen zogen vorüber, plünderten, sengten, rissen Familien auseinander, mordeten und

verschleppten. Doch du überdauertest, überlebtest alle, die Ritter und Burgfräulein, die Schlösser und ihre Herren. Du sahst den Glanz und das Elend einer romantischen Zeit. Wieviel Puderstaub wird aus zierlichen Perücken auf den Deckel gefallen sein, wieviel Reifröcke werden sich an deinen Eisenbeschlägen festgehakt haben, bis das Geschlecht, dem du dientest, verarmte und du zur Versteigerung gelangtest.
Von jetzt ab wird deine Geschichte meine Familiengeschichte, denn auf dieser Versteigerung wurdest du von einem Onkel meines Urgroßvaters erworben. Er war ein Bauer und du wurdest in ein einfaches Bauernhaus in der Nähe von Breslau gebracht. Dort standest du friedlich zwischen anderen groben Möbeln, bargst das grobe Linnen der Hausbewohner und wurdest von den Besuchern bestaunt, denn deine noble Herkunft ließ sich nicht verleugnen, sie war zu offensichtlich. Eines Tages, lauschtest du auf, denn es war von dir und deinem Schicksal die Rede Ein großer, kräftiger Mann, ungefähr im Alter von vierzig Jahren, betrat mit seinem Sohn, einem stolzen Jüngling die Stube und sein Blick fiel auf dich.
„Bruder", sagte er. „Wir wandern aus, meine Frau, mein Sohn und ich. Ich bin es überdrüssig immer auf gepachteten Land zu arbeiten, ich will ein freier Bauer werden auf eigener Scholle."
„Wo willst du hin?"
„Nach Südbrasilien. Es ist schon alles in die Wege geleitet. Das Auswandererschiff wird Hamburg in zwei Monaten verlassen. Jetzt muss ich meine Habe zusammenpacken. Viel ist es nicht. Möchtest du mir deine Truhe verkaufen?" Er deutete auf dich.
„Nimm sie mit, Bruder. Ich schenke sie dir. Ach, dass du so weit fortziehen willst. Du solltest bei uns bleiben. Irgendwann wirst du ein eignes Stück Land erwerben können."
„Durch Generationen hindurch haben wir darauf gewartet, aber die Gutsbesitzer geben kein Land her. Nein, ich warte nicht länger. Mein Sohn soll einmal ein Großgrundbesitzer sein. Drüben ist Land in Hülle und Fülle, und es ist so billig."
Er verließ die Heimat und du gingst mit ihm. Du wurdest bis zum Rande voll gepackt mit Linnen und Hausgerät, mit Zinntellern und geröstetem Schwarzbrot, mit derben Schuhen und Sämereien. Obenauf lag die Bibel, ein Band Schillers Gedichte und eine Fibel. Der Bruder brachte die Auswanderer in einem Pferdewagen bis nach Hamburg. Diese Reise ging quer durch Deutschland und jeder Blick war ein Abschiednehmen.
Der große, starke Mann, dessen Namen auf deiner Außenwand eingebrannt ist, und sein Sohn August waren frohen Mutes, und August blies manche frohe Weise auf seiner Trompete, denn er war Musikant, doch die Mutter war traurig. Das Heimweh, das sie in der neuen Heimat bis zu ihrem letzten Atemzug nicht verlassen sollte, machte sich jetzt schon spürbar.
Das Segelschiff lag schon im Hamburger Hafen bereit. Acht Familien verließen auf ihm die alte Heimat, um eine neue zu suchen. Auch du, alte Truhe, verließest die heimatliche Erde, die dein Holz nährte, und segeltest tief im Schiffskörper verstaut, einem neuen Land entgegen. Du konntest das Meer nicht sehen und auch nicht die Menschen, die das Schiff bevölkerten. Es war auch ein Mädchen dabei, ein mageres hochgewachsenes Geschöpf mit langen, blonden Zöpfen und groben Gesichtszügen. Sie wurde später deine Herrin. Es war Susanne, meine Urgroßmutter.
Am Äquator entstand eine Flaute, welche das Schiff fast einen Monat lang nicht vom Fleck kommen ließ. Die Auswanderer vertrieben sich die Zeit so gut es ging. Du hörtest oft ferne Klänge von Musik, denn es waren unter den Reisenden verschiedene die Instrumente spielten. Die lustigen Weisen vertrieben manche trüben Gedanken.
Das erste Ziel der Reise war erreicht. Du warst glücklich, dem dumpfen Raum entronnen zu sein und unter einem strahlend blauen Himmel zu stehen; hinaus zu

schauen auf den breiten Fluss Guaíba und auf das schöne aufblühende Städtchen Porto Alegre. Es gab dort schon viele deutsche Familien, die sich im Handel und in der Industrie Ansehen und Wohlstand erarbeitet hatten.
Die Siedlung São Leopoldo hatte sich zu dieser Zeit schon so schön entwickelt und ausgebreitet, dass es notwendig wurde, für die immer neu hinzukommenden Einwanderer eine neue Kolonie zu gründen. Die Wahl der Regierung fiel auf das heutige Santa Cruz do Sul. Es handelte sich um eine Gegend, die auf dem Flusswege leicht zu erreichen war. Undurchdringliche Urwälder bedeckten Hügel und Täler. Ein teilweise schiffbarer Fluss, der Rio Pardo, verband die neue Siedlung mit dem Jacuífluss, auf dem die Schiffe und Kähne die Hauptstadt der Provinz, Porto Alegre, in einer Tagereise erreichen konnten. Das Städtchen Rio Pardo, das am gleichnamigen Fluss liegt, war in den ersten Jahren das Handelszentrum der jungen Kolonie. Der Stadtplatz ‚Faxinal', die heutige Stadt Santa Cruz wurde im Jahr 1849 angelegt. Von dort aus wurden die Vermessungen des Hinterlandes vorgenommen: die ‚Pikaden': Rio Pardinho, Dona Josepha und der Pikade von Santa Cruz.
Du fuhrst mit den Einwanderern im Jahre 1854 auf einem kleinen Raddampfer den Jacuí hinauf. Es war eine Fahrt durch einen fremden wilden Garten. An beiden Ufern hing das Laub der Bäume und die blühenden Schlingpflanzen bis in den Fluss hinunter, seltsame Vögel und Schmetterlinge tummelten sich über dem Wasser. Saftige Wiesen lösten die Wälder ab, auf denen wildes Vieh graste. Die unendliche Stille wurde vom Brüllen der Affen, vom Miauen der Tigerkatzen und von anderen nie vernommenen Lauten unterbrochen.

Vom Ort Rio Pardo ging die Reise zu Fuß weiter bis Dona Josepha, dem neu vermessenen Siedlungsgebiet. Was müssen meine Vorfahren für Bärenkräfte gehabt haben, dass sie dich, alte schwere Truhe, angefüllt mit dem schweren Krempel einer schwerlebigen Zeit, durch die fast weglosen ‚Pikaden' schleppen konnten. Und alles musste geschleppt werden, die Bündel, die kleinen Kinder, kein Maultier stand zur Verfügung.

Und dann standest du, alte Truhe, zusammen mit deinen Herren, mitten im Urwald, ohne Dach über dem Kopf, ohne Feuerstatt, einer feindlichen Natur gegenüber. Nur Äxte, Messer, Sicheln und Hacken standen zur Verfügung und starke Arme, und Feuer. Das Feuer war der einzige Verbündete im Kampf gegen die Wildnis, gegen Schrecken und die wilden Tiere. Alles schien hoffnungslos, niederdrückend, überwältigend, und trotzdem hattet ihr nach ganz kurzer Zeit ein Dach über dem Kopf, wenn auch nur das Dach einer Hütte. Und schon nach einem Jahr konnten sich deine Herren vom Ertrag der Ernte ernähren.

Von dem Kampf der Männer draußen in der Wildnis kannst du nichts erzählen, denn du hast ihn nicht gesehen. Du sahst nicht, wie die Menschen von niederstürzenden Bäumen verletzt oder erschlagen wurden, du sahst nicht, wie die Brüllaffen sich über die junge Pflanzung stürzten und sie verheerten. Du sahst nicht die Überschwemmungen des sonst kleinen Flüsschens Rio Pardinho, das die wenige Habe einiger Siedler in seinen Fluten mitriß, du sahst nicht, wie die halbwüchsigen Kinder das Unterholz abschlugen, um Wege frei zu legen, du sahst nicht, wie Männer und Frauen sich mühten, die mächtigen Waldriesen zu fällen; auch die Schlangen, Tigerkatzen und das Ungeziefer blieben dir fremd. Du konntest auch nicht das herrliche, grausame Schauspiel des Feuers bewundern, welches die Wälder in Schutt und Asche legte. Auch der hoffnungsvolle Anblick der ersten Saat, die zwischen den verkohlten Baumstämmen aus der mit Asche bedeckten Erde sprosste, wird dir nicht zu teil. Du sahst nur die Tränen des Heimwehs meiner Urahne, welche die kostbaren Güter der Heimat, die du bargst, mit den

verarbeiteten Händen streichelte, sie ihrem Sohn und später ihren Enkeln zeigte, bis auch sie der Vergangenheit angehörten. Du sahst nur, wie die Männer abends abgehärmt und müde nach Hause kamen und die schweißtriefende Kleidung vom Körper streiften. Doch dann hörtest du manchmal, erst selten, den frohen Klang der Trompete, zu dem sich am Sonntag die Klänge anderer Instrumente gesellten.

Nach gar nicht langer Zeit wandertest du in ein neues, festes Haus, und dann bekamst du auch eine neue Herrin, denn August heiratete Susanne, das Mädchen vom Schiff. Es war nicht mehr mager und unansehnlich, denn der Kampf und die Arbeit hatten eine große, blühende und starke Frau aus ihr gemacht, die schon ganz ein Kind der neuen Heimat war, aber die alte Heimat in ihrer Sprache, ihren Sitten und ihren Gedanken trug. Das war die ‚Mutter'. Sie war an der Mosel geboren, in Rachtich, und sie hatte das sprühende, heitere Wesen und die Herbe eines Moselweines. Als die Ururahne in der Erde des Gartens beerdigt war und die Zeit die Trauer um sie getilgt hatte, sahst du nur noch wenig Tränen, liebe, alte, Truhe, denn ein neues Geschlecht wuchs heran, frisch und lebensfroh, dem die Opfer, die sie dem Lande brachten, eine Selbstverständlichkeit geworden waren. Es waren nicht nur von Gestalt große Menschen, sondern auch innerlich. Einfach und frei, unbelastet von Krankheiten und Psychosen unserer modernen Zeit, naturverbunden, arbeitsam und fleißig, heiter, Freunde eines guten Essens, eines guten Weines, der Geselligkeit und der Musik. Und der Muse, nicht zu vergessen, denn meine Urgroßmutter inszenierte selbst Theaterstücke, in denen sie die Männerhauptrolle spielte, was durchaus zu ihr passte, denn sie war groß und stark wie ein Mann. Sie dichtete auch und verfasste zu feierlichen Angelegenheiten das Festgedicht. Mein Urgroßvater leitete eine Kapelle, die auch auf Bällen aufspielte. Doch diese Genüsse verschönten nur die Feierabende und Sonntage. Die Wochentage waren ausgefüllt mit der Arbeit auf dem Felde, im Walde und mit den Haustieren. Auch Gemüse, Obst und Blumen wurden gehegt und gepflegt.

Du könntest von der Arbeit der Kolonistenfrau erzählen, wenn dir die Sprache gegeben wäre. Alles wurde zu Hause gemacht, gesponnen, gewebt, gestrickt, Brot gebacken, Enten und Gänse gerupft, deren Federn die dicken Unter- und Oberbetten füllten, von denen die Alten sich auch im subtropischen Klima nicht trennen konnten.

Die Frau musste mit in die ‚Roça' zum Pflanzen und Säen. Sie zog die Kinder auf und verrichtete so nebenbei alle Arbeiten im Hause, auf dem Hof und im Garten. Sie fütterte die Kühe und molk sie; sie half das Korn dreschen und den Mais abrubbeln; der Honig musste geschleudert und Sirup und Marmeladen eingekocht werden; das Obst wurde gedörrt und der Tabak aufgefädelt, die Schweine wurden gemästet, geschlachtet zu Wurst verarbeitet und der Speck geräuchert oder ausgebraten; und was sonst noch alles zum Tagewerk gehörte.

Noch einmal sahst du die Tränen der Verzweiflung, das war als meine Großmutter, die Frau von Mutters zweitem Sohn, bei der Geburt ihres ersten Kindes starb. Sie verblutete, weil es weit und breit keinen Arzt gab, geschweige denn, ein Hospital. Während ihr das Leben entströmte, wurde meine Mama geboren. Mutter hat mir oft davon erzählt, wie sie ums Lager herumstanden und die junge, schöne, gesunde Frau sterben sehen mussten, ohne ihr helfen zu können, tatenlos und verzweifelt.

Du sahst das kräftige Kind heranwachsen, spielen und lernen. Du sahst es in seinem Konfirmandenkleidchen und als Braut geschmückt. Wie oft mag auch sie, wie später ihre eigenen Kinder, deinen Deckel aufgeschlagen und nach geheimnisvollen, verborgenen Schätzen gewühlt haben.

Wie mag es ihr schwer gefallen sein, von dir, der Umgebung ihrer Kindheit Abschied zu nehmen, um mit ihrem Gatten, meinem Vater, in Neuland zu ziehen.

Oben auf der ‚Serra' bauten sie sich ein kleines Geschäft auf, in dem sie sich und ihren Kindern einen sicheren Wohlstand erarbeiteten. Hier kam ich, als drittes Kind zur Welt.

Als ich vier Jahre alt war, lernte ich dich kennen, liebe alte Truhe.

An einem schönen sonnigen Tag stand auf einmal ‚Mutter' mit Sack und Pack vor unserer Haustüre. Ich glaube bestimmt, dass ihr Kommen vorbereitet und besprochen war, doch für mich kam es plötzlich. Ihr Mann war gestorben und mein Großvater bei dem sie gewohnt hatte, war mit seiner ganzen Familie (er hatte wieder geheiratet) nach Argentinien, nach ‚Missiones', ausgewandert. Es war selbstverständlich, dass sie zu ihrem Enkelkind zog, dass sie wie ihr eigenes Kind aufgezogen hatte. Sie stand vor der Türe, immer noch groß und rüstig, die Haare leicht ergraut, und neben ihr türmten sich die mitgebrachten Sachen: ein Blechköfferchen, ein Deckelkorb mit Blumenpflanzen, ein Quersack und du, alte Truhe. Mit all dem zog sie in die Stube, welche von da ab der Mittel- und Ruhepunkt unseres belebten Hauses wurde.

Meine Mutter half meinem Vater im Geschäft, in der ‚Vende' wie sie heute noch auf dem Lande und in den Dörfern zu finden sind. Die Vende ist ein Verkaufsladen, in dem man alles kaufen kann, was auf dem Land benötigt wird vom Pflug bis zum Seidenkleid, vom Regenschirm bis zur Sichel, von der Zeitung bis zur Stopfnadel. Wirklich alles. Dort bringen die Kolonisten ihre Ernte hin und tauschen sie gegen Dinge des häuslichen Bedarfes. Die Vende ist stets das Herz der Siedlung, denn dort treffen sich die Kolonisten von weit und breit, erfahren Neuigkeiten und tauschen ihre Erfahrungen aus. Der Besitzer solcher Vende bildete früher mit seinen Knechten und Angestellten eine einzige Familie, da jene meistens dort schliefen und beköstigt wurden. Es gab weder einen Achtstundentag noch Feiertage, vom frühen Morgen bis zur hereinbrechenden Nacht stand die Vende den Kunden zur Verfügung. Aus dieser Vende hat sich, im gleichen Schritt wie das Städtchen wuchs, das Kaufhaus entwickelt, an dessen Blüte meine Mama keinen geringen Anteil hat. Wie oft hat sie in ihren seltenen Mußestunde in Mutters Stube auf deinem Deckel gesessen und Ausspannung vom ununterbrochenen Hasten und Treiben gesucht. Du strömtest Ruhe und Frieden aus.

Meine Urgroßmutter übernahm sofort mit der größten Selbstverständlichkeit eine große Anzahl Pflichten. Sie sah nach den Kühen und pflanzte für sie das Futter. Der Garten war ihr ureigenstes Reich. Sie pflanzte alles, was wir für die Küche brauchten: das Gemüse, den ‚Mandiok', die ‚Bataten' und Kartoffeln. Sie hatte eine große Liebe zu den Blumen. Alles, was sie in die Erde steckte, wuchs. Sie nahm auch uns Kinder mit zum Pflanzen und freute sich, wenn unsere jungen Händchen die Pflänzchen in die Erde gruben. Sie war uns eine zweite Mutter

An den Regentagen flickte sie oder machte Handtücher aus Zucker- und Mehlsäcken. Dann hielten wir Kinder uns bei ihr im Zimmer auf, fädelten ihr die Nadeln ein und lauschten ihren Geschichten. Oftmals, wenn wir uns unbeobachtet glaubten, schlugen wir deinen furchterregend schweren Deckel auf und kramten in deinem Inhalt. Du hattest für uns einen ganz besonderen Reiz, liebe alte Truhe. Immer glaubten wir, ganz in der Tiefe müsse noch etwas verborgen liegen, was wir noch nicht kannten, irgendetwas Uraltes. Doch du bargst nur Mutters Habseligkeiten. Alles war sauber gebündelt und in Pappkästen verpackt.

Doch in den Feierstunden, da ruhten Mutters Hände, und ich habe nie wieder solche ruhenden Hände gesehen. Sie waren groß und sehnig, wie die eines alten Mannes voller

Schwielen und Runzeln, von der Erde und der Sonne gegerbt, und doch so friedliche Hände. Ich sehe sie heute noch, wie sie sich abmühte Briefe an ihre Söhne und Verwandten zu schreiben. Sie hatte das Schreiben erst im Alter von 70 Jahren gelernt, als sie zu uns kam. Neben ihr lag dann immer eine alte Fibel, in der sie die Wörter suchte, die sie nicht schreiben konnte. Sie las auch pünktlich die Zeitung, und es gab nichts, vorüber man sich mit ihr nicht unterhalten konnte.

In den Ruhestunden, wenn wir zusammensaßen, erzählte sie uns Geschichten aus ihrem Leben und sagte auch Gedichte auf, sie konnte fast alle Balladen Schillers auswendig, auch Abschnitte von Theaterstücken, die sie damals auf ihrer improvisierten Bühne mit dem Dreschtuchvorhang zur Aufführung gebracht hatten. Die Geschichten waren alle so einfach und so schlicht wie sie selbst, ohne philosophische Auslegungen, ohne psychologische Analysen. Alles was sie sagte, war kraftvoll, heiter und lebensbejahend; nichts war geziert, nichts war verdreht. Wenn sie von einem Sterbefall in der Verwandtschaft Nachricht erhielt, war ihr Kummer spontan und tief, aber nie grüblerisch oder zermürbend. Sie war eine ausgeglichene und in sich selbst gefestigte Frau. In aller Natürlichkeit und ohne Furcht sprach sie von dem Tode. Sie hatte ihr ganzes Leben lang so viel gearbeitet, das Leben so intensiv gelebt in seinen Anforderungen und Freuden, dass sie sich nichts Schöneres wünschte, als eine vollkommene Ruhe.

Eines Tages, als sie deinen Deckel aufschlug, rief sie mich zu sich. Ich mochte wohl 16 Jahre alt gewesen sein.

„Gib acht, mein Kind," sagte sie. „Dieses hier ist mein Sterbekleid." Sie nahm alles Stück für Stück heraus und zeigte es mir: „Wenn ich einmal gestorben bin, braucht ihr nicht lange danach zu suchen. Hier ist der schwarze Rock, die Jacke, die Unterröcke und das Hemd. Das Hemd werde ich noch einmal waschen, denn es ist schon so vergilbt. Und hier sind zwei schwarze Tücher, das eine ist für den Kopf und das andere ist dazu da, mir das Kinn hoch zu binden. Ich habe schon oft bei alten Leuten gesehen, dass ihnen immer das Kinn so hässlich herunter fällt. Wenn es bei mir auch so ist, dann bindet es mir hoch."

Sie sagte das alles mit so einer Selbstverständlichkeit, dass ich wohl erschüttert war, aber in mir keine Trauer aufkommen konnte. Sie legte alles wieder auf seinen alten Platz und schlurfte vom Alter und den schweren Lasten gebeugt, wieder zu ihrem Sessel.

Einmal, als wir so von allem sprachen, bat ich sie, mir die Truhe zu hinterlassen. Sie sagte sofort zu.

Jetzt gehörst du mir, liebe, alte Truhe. Die Würmer haben dein Holz zerfressen, es ist ganz porös und besteht fast nur noch aus der äußeren Schale. Du bist jetzt alt, und sehnst dich vielleicht auch nach Ruhe. Du hast vielen Geschlechtern gedient und bargst die kleinen Dinge, die den Alltag erfreuen. Jetzt bist du zwecklos geworden, denn in deiner zermürbten Hülle kann man nur noch wertlose Dinge aufbewahren. Das macht dich traurig. Auch die Bewunderung, die dein Altertumswert geniest, kann deinen Gram nicht lindern. Schlicht, wie du bist, wie die Menschen dich gemacht haben, hättest du gern weiterhin einem nützlichen Zweck gedient. Du bist jetzt müde geworden und des Daseins überdrüssig. Du hast der Mutter gedient, hast ihr Sterbekleid geborgen, hast ihr großes, reines Leben gesehen. Was kann dir dein Dasein noch bieten.

Du dienst jetzt der Nachfahrin eines starken, arbeitsamen Geschlechtes, dessen Freude und Leid du ein Jahrhundert lang geteilt hast. Du hast den Aufstieg einer Familie durch

fünf Generationen hindurch erlebt, die durch Fleiß aus Armut und Besitzlosigkeit zu Ansehen und Wohlstand gelangte. Du bist eine Mahnung und Verpflichtung, dem Beispiel meiner Ahnen zu nachzueifern.

So erfüllst du, alt und zermürbt, doch noch eine wertvolle Aufgabe, liebe, alte Truhe.

(Diese Truhe steht heute im Museum der Universität in Ijuí, RGS.)

Fontes:

Serra-Post-Kalender. Ijuí, Ulrich Löw, 1952, p.81-92.
Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 23-31.

Texto disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_diealtetruhe_pdf acesso em 20 de março de 2009 às 08horas

8.2 Anexo 2

DIE RACHE DES URWALDS

Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik

Hilda Siri

Es ist noch früher Tag. Die ersten Sonnenstrahlen streifen die dunklen Wälder auf den Anhöhen. Doch im Tal, wo ein munteres Bächlein springt, ist es noch neblig und kühl. Ein sauberer, ausgetretener Weg windet sich durch die ‚Roças' und führt über Geröll und Gestrüpp den Berg hinan. Dort schreitet eine Kolonistenfamilie zu ihrem Tagewerk. Der Aufstieg wird gefährlicher, je näher sie sich dem Walde nähern. Es gilt ein Stück Urwald zu roden, neues Pflanzland urbar zu machen.

Voran geht der Vater, die Axt gebuckelt, ein großes Hackmesser in der Rechten. Ihm folgen die Söhne, der größte eine Säge tragend, die Kleineren beladen mit Buschmessern, Fuchsschwanz und Tragkörben mit der Tagesnahrung. In groben Hosen oder Röcken, verwaschenen Hemden, an den staubigen Füßen die sandigen Schlappen, so pilgert die zwölfköpfige Familie den Berg hinan. Die Mutter, mit dem Jüngsten an der Hand, bildet den Abschluss. Sie bleiben immer weiter hinter den anderen zurück. Niemand achtet darauf. Sie geht in Gedanken versunken, ab und zu streift ein stolzer Blick die kräftigen Jungen und Mädchen, ihre Kinder. Der Kleine hängt schwer an ihrem Arm und klagt über Steine und Dornen, die seine Füße verletzen.

„Es fällt mir fast zu schwer", sagt die Mutter. "Ich bin des ewigen Kampfes mit dem Urwald überdrüssig. Ich kann nicht mehr. Ich bin schon müde. Ein Kind nach dem anderen. Und jedes braucht Land. Anfangs um es zu nähren, dann... um ihm Arbeit, Verdienst und Zukunft zu geben. Ich kann die Angst vor der feindlichen Wildnis nicht überwinden."

Trotzdem ist sie gewiss, dass sie, wenn das Fällen und Roden beginnt, Kräfte haben wird wie ein Mann und nicht ermüden wird. Sie weiß auch, dass der Kampf mit dem grünen bösartigen Ungetüm alle zur Begeisterung und immer neuen Kraftproben hinreißen wird. Denn gerade die Urbarmachung ist das Interessanteste und Abenteuerlichste im harten Tagewerk des Kolonisten. Sie ist auch in ihrem tiefsten Inneren fest davon überzeugt, dass sie nicht erlahmen wird, bis der Kleinste versorgt ist, seinen Acker hat und versorgt ist.

Sie freut sich schon jetzt auf diese Zeit, auf ihr Alter und malt sich oft aus, wie schön es sein wird, still auf der Veranda ihres Hauses zu sitzen, die Hände in den Schoss zu legen, und auf das Land zu schauen, auf das besiegte, gebändigte, fruchtbare. Doch dieses Ziel liegt noch in weiter Ferne. Dort oben droht der Wald, der noch besiegt werden muss.

„Ich habe Angst vor dir." Sie sucht mit den Blicken die eintönig grüne Fläche, die sich scheinbar bis in die Unendlichkeit ausdehnt. "Ich habe immer gefürchtet, du würdest uns alle verschlingen, bevor wir deiner Herr würden."

„Setz den Strohhut auf," mahnt sie den Kleinen. „Die Sonne sticht schon heftig." Sie bindet den Knoten unter dem zarten Kinn und der Junge schmiegt seine kleine Hand wieder in die große schwielige Hand der Mutter. Ein warmer Strom tiefen Glücksempfindens entquillt ihrem Herzen und ihr Mund spricht wieder zuversichtlich und heiter:

„Wir zwei werden ihn schon packen, du und ich, den bösen Wald."

„Er ist nicht bös", sagt das Kind, "er ist schön und es gibt dort viel zu sehen. Doch diesmal will ich ihn anzünden, nicht immer der Emil. Ich will das Feuer machen."

„Ja, diesmal darfst du den Wald anzünden."
Hatten die alten Bäume, die zähen dicken Schlingpflanzen, das wirre Gestrüpp je ein solches Konzert vernommen?
Sonst lauschten sie dem Rauschen der Baumkronen, dem Rascheln und Rieseln der Blätter, dem Knacken der Äste, dem Aufprall eines mürben Stammes; dem Brüllen der Affen, dem Zirpen und Summen der Insekten, dem Gleiten einer Schlange, dem Ruf der Vögel, dem sanften Schritt eines Jaguars und dem Todesschrei eines geschlagenen Tieres. Urlaute, eintönige Melodien, in der heißen Sonne ein Schlummerlied, bei anbrechender Nacht eine anschwellende Ouvertüre, dann wieder das Brausen eines tobenden Gewitters, rasender Stürme oder wochenlang das eintönige Tropfen des Regens. Doch immer war es die ureigene, ewige Symphonie des jungfräulichen Urwaldes.
Jetzt klingen fremde Töne von Baum zu Baum und erschüttern ihr Wesen in jäher Angst. Sie erzittern in dumpfem Weh und in machtloser Wut. Was sie wahrnehmen ist der Schlachtgesang ihrer Vernichtung.
Der Wald hält den Atem an und lauscht.
Jetzt geht ein Raunen von Stamm zu Stamm. War es die viele hundert Jahre alte ‚Peroba', die den Befehl gab?
Sogar die heimtückischen Schlingpflanzen wispern es ihren Ernährern zu und sinkende Blätter teilen es den Gräsern und Farnen mit: Wir wollen uns rächen! Sie sollen nicht ungestraft unsere Herrlichkeit vernichten. Und ein krummer verästelter Baum, der unter seinen Genossen wenig Achtung genießt, lacht hämisch und niederträchtig: „Ich werde den Racheakt ausführen."
Die Riesen nicken Beifall.
„Fällt mich nur," frohlockt der verkrüppelte Baum. „Ich sterbe eines leichten Todes. Denn ich räche den Wald."
Er wartet gespannt, bis die Axt ihn berührt und blickt wählend hinunter auf Vater, Mutter und Kinder. Kalt und abschätzend folgt er jeder Bewegung. Jetzt spürt er die Schlingen und Stricke, die ihn in die Tiefe ziehen sollen, in die vorgeschriebene Richtung.
Erwartungsvolle Spannung liegt in der Luft. Auch die Menschen sind von ihr ergriffen. Gleich wird er stürzen.
Noch einmal ächzt der Baum, spöttisch und grausam und dann sinkt er um.
Doch nicht dorthin, wo Mann und Söhne ihn ziehen, sondern eigenwillig in eine andere Richtung, und erschlägt mit seinem krummen Knie die Mutter. Sie sah ihn sich neigen, spürte seinen Luftdruck, wollte entweichen, doch im Schreck erstarrt, erhält sie den wuchtigen Schlag, der sie hinstreckt und sie der Sinne beraubt.
Der Wald hält den Atem an und lauscht.
Dann braust er jubelnd auf. Doch sein Lied wird übertönt von dem schrecklichen Schmerzensschrei, der wie aus einer einzigen Brust heraus, sich elf Kehlen entringt.
Vater und Söhne heben mit Aufwand aller Kräfte den Baumstamm von dem zuckenden Körper. Ihr Schweiß mischt sich mit dem Blut der sterbenden Mutter. Der weiche Humus saugt alles gierig auf.
Sie schlägt noch einmal die Augen auf und blickt in die grünen Kronen ihrer Feinde, die ihr noch im Sterben den geliebten Anblick des blauen Himmels rauben.
„Es waren immer meine Feinde," die blutleeren Lippen bewegen sich kaum. „Ich ahnte, sie würden mich töten."
Und lebhafter fährt sie fort: „Laßt den Kleinen den Wald anzünden. Ich habe es ihm versprochen."

Langes, banges Schweigen, indem der Todesengel sie zärtlich umarmt. „Halte mich fest, Mann, es wird dunkel. Ach, und es wird Ruhe."

Fontes:
Serra-Post- Kalender, Ijuí, Ulrich Löw, 1955, p. 107-110.
Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 31-34.

Texto disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschiksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 06 de junho de 2009 às 10h

8.3 Anexo 3

1

DIE MUSTERREITER SIND DA

Hilda Siri

„Ah, ist das hier schön warm." Georg Schmidt streift die Holzpantoffeln ab und schlüpft in die weichen Schlappen. Hände reibend steht er am warmen Ofen und schaut aufmerksam zu, wie seine Tochter den Kaffee aufbrüht.

„Gleich ist der Kaffee fertig, nur die Milch muss noch aufkochen." Die Mutter hat sich heute etwas mit dem Melken verspätet. „Es war schön warm in den Federn, nicht Mutter?" Sagt der Vater lachend und augenzwinkernd zu seiner Frau, die eben in die Küche tritt.

„Ach, es ist auch eine Schande, dass man bei der Kälte so früh heraus muss. Als ich Feuer anmachte, lag im Wassereimer noch eine Eisdecke. Buh, wie müssen nur die armen ‚Caboclos' in ihren Lemhütten frieren!"

„Da mach dir keine unnötigen Sorgen! Die machen mitten in der Hütte ein Feuer und legen sich rundum; und einer wärmt den anderen." Die Tür geht auf und mit Peter, dem Knecht, kommt ein kalter Luftzug herein.

„Mach doch die Tür zu, du Blödel, du lässt ja die ganze Kälte ins Haus."

„Kälte, Patrão? Mir ist es nicht kalt."

„Erzähle uns nur noch, dass du schwitzt!" sagt Frieda ärgerlich.

„Schwitzen, wäre ein bisschen zu viel gesagt, aber heiß ist mir's. Bis ich die störrischen Biester von ‚Mulas' eingefangen und an den Wagen gezäumt... Es gibt nichts Widerspenstigeres, als diese Esel! Die Weiber ausgeschlossen!" Der Blick, den Frieda auffängt, spricht Bände.

„Setzt euch an den Tisch, der Kaffee ist fertig. Emilie, Schorsch, João, der Kaffee ist fertig!"

Die beiden Jungen stürmen herein, mit roten Nasen und roten Händen und schmieren sich in Eile ein Maisbrot mit Honig und Kässchmier. Auch Emilie kommt aus der Waschküche. „Ein Kessel voll Wäsche kocht schon." Emilie ist ein fleißiges Dienstmädchen, sie besorgt nicht nur den Haushalt, sondern bedient auch noch in der ‚Vende' wenn's not tut und zur Pflanz- und Erntezeit geht sie mit in die ‚Roça'.

Dann herrscht Schweigen. Man hört nur noch das Klappern der Kaffeetassen und eifriges Schlürfen. Draußen klatscht es.

„Noch nicht einmal in Ruhe Kaffee trinken kann man, da hat doch bestimmt wieder jemand vergessen ‚Erva' zu kaufen, dass er in dieser Herrgottsfrühe in die Vende muss."

„Bleibe sitzen, Georg, ich werde nachsehen."

Dona Clara, die niemals müßige, immer muntere Vendistenfrau, erhebt sich und eilt in die Vende, die im vorderen Raum des Wohnhauses eingerichtet ist.

„Guten Morgen! Immer nur hereinspaziert!" hört man sie fröhlich rufen. Neugierig lauschen die anderen.

„Da kommen Sie ja gerade recht. Wir sind eben beim Kaffee trinken." „Damit hatte ich im Stillen gerechnet," sagt eine wohllautende Männerstimme.

João stößt den Schorsch in die Seite und beide blicken erwartungsvoll auf Frieda. „Hum, hum," räuspert sich Peter, was ihm einen ärgerlichen Blick von Frieda einträgt.

Vater Schmidt erhebt sich schnell und geht eilig dem Gast entgegen, der eben die Küche betritt. „Guten Morgen, Herr Sattler, so früh schon unterwegs?"

„Ja, was soll man sonst tun. Beim Schneideremil, wo ich die Nacht verbrachte, da habe ich elendig gefroren, und da habe ich mich früh, noch lange vor Tag, auf den Weg

gemacht. Ich glaube, selbst meinem Esel hat es in der Logis nicht gefallen. Er hat es eilig gehabt, von dort fortzukommen und mich im schnellsten Trab hierher gebracht. Ja, auch er kennt seinen guten Stall. Musterreiterschicksal! Morgen, Friedel. Schön wie der junge Morgen, aber hoffentlich nicht so frostig."

Alle lachen, Frieda erhebt sich errötend und stellt dem Gast eine dampfende Tasse Kaffee hin. Die blonden aufgesteckten Zöpfe fallen ihr schwer in den Nacken und die blauen Augen können so freundlich aber auch so zornig blitzen. Für ihre siebzehn Jahre ist sie schon sehr fraulich und auch ein wenig selbstbewusst

Alle setzen sich wieder um den Tisch, nur Peter, der sich durch den frühen Gast nicht hat stören lassen und seinen Kaffee getrunken hat, steht auf und sagt verabschiedend: „So, ich fahre jetzt in die Mühle. Ist sonst noch etwas zu besorgen?" Da nicht sogleich Anwort kommt, stülpt er seinen verbeulten Hut auf und geht.

Auch Emilie begibt sich wieder an ihren Waschtrog.

„Was gibt's Neues?" Ein Musterreiter muss immer etwas Neues wissen. Er kommt aus der Hauptstadt, von Porto Alegre, und dort muss doch irgendetwas los sein. Auch kommt er überall in den Kolonien herum, kennt alle Leute, weiß, wer alles geboren und gestorben ist, wer sich mit wem verlobt oder verheiratet hat, und ihm sind auch viele kleine Geschehnisse bekannt, von denen man nur im Flüsterton spricht. Auch kann er viele neue Witze und spaßige Geschichten erzählen, auf welche die Vendisten-familie, die in ihrer Ortschaft wie auf einer Insel lebt, immer besonders neugierig ist. Doch Herr Sattler schmunzelt nicht wie sonst bei dieser Frage, sondern sagt ernst und jedes Wort betonend: „Es ist Revolution ausgebrochen. Es ist weniger eine richtige Revolution, zwischen Föderalisten, und ‚Maragaten', sondern eher... wie soll ich es sagen... ein Heckenkrieg. Dieser Krieg gibt vielen Dieben und Mördern die Gelegenheit zum Brandschatzen und Morden. Die Maragaten die in Horden von der ‚Serra' kommen, haben ein Mordsystem eingeführt, das jeder Beschreibung spottet. Wer nicht freiwillig mit ihnen zieht, wird gefangen, in ein Wäldchen getrieben und dort wird ihm kurzerhand die Kehle durchschnitten. Sie haben auf ihrem Weg nach dem Süden grauenhaft in den Kolonien gehaust."

„Ach, wie schrecklich, wenn sie nur nicht hier vorbeikommen!"

„In ihren Reihen befinden sich viele unserer Deutsch-brasilianer. Sie können nicht anders, sie müssen mit, denn sonst wird kurzer Prozess mit ihnen gemacht."

„Und die Föderalisten?"

„Das ist auch ein gefährlicher Haufen. Keinen Deut besser."

„Gott bewahre uns vor solchen Übeln!" Dona Clara bekreuzigt sich, „Doch jetzt an die Arbeit!"

Beim Herausgehen dreht sich der Musterreiter noch einmal nach dem Mädchen um. „Was kochst du heute Gutes, Friedel?"

„Ach ich schütte halt noch etwas Wasser an die Bohnen."

„Nein, bitte keine Bohnen. Die esse ich täglich seitdem ich von Porto Alegre fort geritten bin."

„Dann brate ich halt ein paar Eier und ein Kilo Wurst," sagte sie schelmisch.

„Mit Eiern und Wurst kannst du mich jagen. Weißt du nichts besseres? Pass' auf! Wenn du mir heute nichts Gutes kochst, werde ich heute Abend nicht mit dir tanzen."

„Das ist ja eine furchtbare Strafe. Da muss ich mich ja wirklich anstrengen."

Den vordersten Teil des Hauses nehmen zwei große Räume ein. Der erste, den man von der Küche aus erreicht, ist die Vende; der zweite, anschließend, das ‚Armazém'. Dort liegen Vorräte für die Vende gestapelt: Säcke mit Reis, Bohnen, Zucker, Mehl, Salz und Kisten mit Streichhölzern, Zigaretten, Seife, Getränke, Konserven... Im Hof

befindet sich noch ein großer Lagerraum. Dort lagern die Kolonialprodukte bis zum Abtransport.

An den Wänden des Geschäftsraumes stehen hohe Regale, die vom Boden bis zur Decke reichen. Schön aufgeteilt und geschichtet liegen auf einer Seite die Stoffballen: Kattun, ‚Riscado', ‚Pelúcia' und auch einige Stücke Seide und Wolle, ferner Schuhe und ‚Capas'. Auf der anderen Seite lagern die Lebensmittel, und in der Tonbank, dem Eingang gegenüber, in Schubladen und hinter Glas, die Kurzwaren: Knöpfe, Zwirn, Fingerhüte, Spitzen und Besätze, auch billiger Schmuck. Ein Fach ist für die Apotheke reserviert. Gegen Bauchweh und Husten, Schnittwunden und vereiterte Sandflöhe sind dort Mittelchen vorhanden.

In den Ecken steht noch allerhand herum: Pflüge und Hacken, Sattelzeug und Eisenkessel. Von der Decke baumeln lustig: Regenschirm und Lampen, Sägen und Körbe. Ein großes Sammelsurium, doch alles, was ein Bauernherz begehrt und auf dem Lande benötigt wird.

Der erste Kunde kommt. Ein halbwüchsiger Junge steigt von seinem ungesattelten Gaul und schlingt den Zügel um den Balken, der vor der Vende zu diesem Zweck angebracht ist.

„Meine Mama ‚mecht' ein Päckchen ‚Bleh' (Waschblau) und mir gibst für ein ‚Vintém' ‚Zuckabala'." Es kommen weitere Kunden. Die meisten haben es nicht eilig. Während sie aussuchen wollen sie auch etwas erzählen, wissen, und Neuigkeiten an den Mann bringen. Mancher sucht einen Rat, und die Männer trinken mitunter einen Schnaps.

Der Musterreiter ist mittlerweile nicht untätig. Er hilft bedienen und sieht sich dabei den Warenbestand schon auf das Fehlende an.

Als der Andrang vorüber ist, setzt er sich mit der Hausfrau und zugleich Geschäftsfrau, die rechte Hand des Mannes, diejenige, die in Stoffen und Kurzwaren am besten Bescheid weiß, an einen Tisch und beginnt zu arbeiten. Er packt seine Taschen aus, große Ledertaschen mit Riemen verschnürt, die er auf der Reise dem Maultier über den Rücken hängt. Er breitet die Muster über den Tisch und auch der Vendist und die Tochter kommen herzu, um die Muster anzusehen.

„Kauf nicht zuviel, Frau. Man kann nicht wissen, wie heuer die Ernte ausfällt und ob sie in der Stadt die Preise nicht wieder drücken. Dann liegen nachher die ganzen ‚Prateleiras' voll und finden keinen Absatz und die Duplikate werden fällig."

Von diesem Kattun müssen sie unbedingt nehmen. Es sind ganz neue Musterungen. Der Stoff kam erst vor einem Monat aus Deutschland. Von diesem englischen Kasemir darf Ihnen auch nicht fehlen. Sie haben ja nur noch einige Stücke, und wovon sollen die Leute die Konfirmanden- und die Hochzeitsanzüge machen, wenn bei Ihnen der Kasimir ausgeht?

„Aber nicht zu dem Preis. Der Schneiderhannes im Tal hat denselben Stoff um einen Vintém billiger verkaufen können."

„Nehmen Sie fünf Ballen, dann kann ich Ihnen einen größeren Unterschied machen." Das Handeln geht hin und her.

„Haben Sie nicht eine schöne Spitze oder Besatz?" „Natürlich, hier sind die Muster." „Und, dass Sie mir nicht wieder von allem das Doppelte schicken, wie beim letzten Mal." Der Geschäftsmann droht halb ärgerlich, halb freundschaftlich mit dem Finger.

„Das war ein Freundschaftsdienst. Ich erfuhr unterwegs, dass der Preis des Kattuns gestiegen war, und da habe ich mir eben erlaubt, die Bestellung zu verdoppeln. Und Sie haben auch alles verkauft?!"

„Ja, das schon... Aber was ist denn da draußen los. Ach, du lieber August, da sind ja der Springerkarl und der Heuberger! Na, jetzt wird's lustig."

4

Alle laufen vor die Tür. Frieda streicht sich die Haare glatt und beißt sich auf die Lippen, damit sie recht rot werden.
Wirklich. Noch zwei Musterreiter binden ihre Esel an den Balken.
„Nicht erst anbinden!“ ruft Herr Sattler. „Gleich abschirren!“
„Nun, bist du auch hier Sattler! Gestern sagtest du zu mir du reitest zuerst zum Schmidtgeorg, damit ich glauben soll, du reitest in die Reuterpikade. Und jetzt bist du doch nicht zum Schmidtgeorg geritten. Warum lügst du mich so an, du Gauner?“
„Kein langes Palaver!“ unterbricht ihn Heuberger und unternehmungslustig sein Bärtchen zwirbelnd fährt er fort: „Lassen sie ein Dutzend ‚Fogetten‘ los, Herr Schmidt, damit die Leute wissen, dass wir hier sind. Und heute Abend machen wir einen Ball.“
Die Jungen, die auch herbeigeeilt sind, laden die Maultiere ab, treiben sie ins ‚Potreiro‘ und werfen ihnen dort ein paar Maiskolben und etwas Kleeheu hin. Dann schießen sie die Fogetten ab. Das ist immer ihr Sondervergnügen, wenn die Musterreiter kommen.
In der Vende wird es lustig und laut. „Bier her, Schmidt. Aber nicht euer Wald- und Wiesenbräu, Schweinebier wollen wir trinken!“ (Das englische Bier trug als Markenzeichen einen Schweinskopf.)
Es finden sich auch gleich ein Paar Männer aus der Ortschaft ein, Kolonisten sind nicht dabei, denn es ist Pflanzzeit. Ein Tischler, ein Schmied und der Doktor, von dem niemand weiß, ob er wirklich Arzt ist. Man munkelt so allerlei.
„Ich kann von Glück sagen, dass ich unter euch bin,“ sagt der Springerkarl. „Ach, was heißt hier Glück...Allein meiner Intelligenz, habe ich es zu verdanken, sonst läge ich jetzt wohl als erfrorene Leiche auf dem ‚Kamp‘.“
„Intelligenz? Sollte das nicht ein Irrtum sein?“
„Du meinst wohl, nur du hättest die Weisheit mit Löffeln gefressen? – Also ich ritt wohlgemut und nichtsahnend meinen Weg, und wollte vor Abend noch zu Mutter Bertha, da ich weiß, dass da ein gutes Bett auf mich wartet.“
„Hum, hum!“
„Ich verbitte mir anzügliche Zwischenrufe! Da bleibt doch plötzlich meine Liesel stehen. Ich rede ihr gut zu. Ich versuche es zuerst im guten, dann drohe ich ihr. – Wenn du jetzt nicht gehst, kriegst du heute abend nichts zu fressen. Sie dreht den Kopf nach mir um und ihre schönen, großen Augen sehen mich traurig und vorwurfsvoll an. Fressen... Das arme Tier. Jetzt denke ich erst dran. Sie hat, genau wie ich, seit dem frühen Morgen nichts bekommen. Ach, ich habe kein Futter mehr. Ich steige ab und krame im Futtersack. Welch ein Glück. Ich finde noch einen einzigen ‚Milhokolben‘. Doch meiner Liesel nur einen Kolben vorzulegen, käme einer Beleidigung gleich, sie würde sich nur noch bockiger stellen. Was tun? Ich halte ihr den Kolben vor die Nase und schreite voran. Wirklich, das hungrige Tier geht mir nach um den Kolben zu haschen. Ja, soll ich wirklich 10 km zu Fuß gehen, den Grauen hinter mir her lockend... Nein... Ein Königreich für eine Idee. Ich schlage am Wegesrand eine ‚Taquara‘ ab, binde mit einer Schnur den Kolben dran, damit er lustig herab baumelt und besteige mit dieser Ausrüstung den Esel. Ich halte die Stange so, dass der Milhokolben der Liesel gerade vor der Nase baumelt. Mit dem wilden Wunsch, aus hungrigem Magen geboren, läuft sie schneller und schneller, um doch endlich den Kolben zu schnappen. In der halben Zeit kamen wir ans Ziel.“
„Ach, hast du solch einen dummen Esel, dass der noch auf den alten Trick hereinfällt,“ hänselt ihn Sattler.
„Du willst damit doch nicht sagen, dass der Trick schon alt ist?“ Alle lachen. „Dein Esel mag ein gutes und gefälliges Tier sein, aber er ist halt dumm,“ sagt Sattler. „Mein Esel aber ist ein ganz besonders Tier.“ Und heimlichtuerisch, jedes Wort betonend, fährt er

im Flüsterton fort. „Mein Sepp hat okkultistische Veranlagungen, vielleicht sogar mediale. Er sieht das Unsichtbare."
Gespanntes Schweigen. Die Männer rücken neugierig zusammen, um zu hören, was kommt; nur die Kollegen, die schon gewitzter sind, lächeln nachsichtig und täuschen Gleichgültigkeit vor.
„Es geschah neulich, als ich in Sapiranga war. Beim Vendisten Dreiher in Sapiranga sattelte ich ab und führte meinen Sepp ins ‚Potreiro'. Bald war ich mit den Geschäften fertig und wollte weiter reiten. Ich rief nach meinem Sepp, er kam nicht. Ich suchte ihn und fand ihn nicht. Der Knecht half mit und meldete schließlich, das mein Sepp im Wäldchen unten am Bach stehe und überhaupt nicht auf sein Rufen reagiert habe, sich auch nicht vom Fleck rührte, als er ihn heim treiben wollte. Er machte direkt einen seltsamen Eindruck. Ich möchte doch selbst einmal nachsehen, was das Tier habe. Wie beschrieben fand ich den Sepp im Wäldchen. Er stierte vor sich hin. Ich sah, wie ihm Tränen aus den Augen tropften, große, klare Tränen. Er scharrte mit den Hufen in der losen Erde und sah mich traurig an. Wie ich genau hinschaue, stelle ich fest, dass er einen großen Knochen unter seinen Hufen hat, den er zärtlich hin und her wälzt und die Tränen topfen paarweise auf das weiße Gebein."
„Ach, nun wußte ich plötzlich, was geschehen war. An diesem Platz hatten wir vor einem Jahr seine treue Gefährtin bestattet; und jetzt hatte er das Grab gefunden, ohne vorher gewusst zu haben, wo es sich befand. Ich tröstete Sepp, selber mit Tränen in den Augen und führte ihn fort."
Die Leute vom Dorf sehen den Erzähler mit großen Augen an und wissen nicht, ob sie die Geschichte glauben sollen oder nicht. Als die beiden anderen Musterreiter herzlich lachen, geht ihnen ein Licht auf.
Unter den Gesprächen ist es Mittag geworden und Frieda ruft zu Tisch. Die Reisenden werden auch zu Tisch geladen. Es gibt ein einfaches und kräftiges Essen, aber sehr schmackhaft: Hühner im Ofen gebacken, hausgemachte Nudeln, ‚Mandioca' und Reis. Dazu eine große Schüssel grünen Salat, süßsauer angemacht. Heuberger hat heuer die Spendierhosen an und da er schon einen leichten Stich hat, gibt er groß an. Außerdem hat er es auf die Vendistentochter abgesehen und will imponieren. „Ich sammle Altertümer", sagt er wichtig. „Ich habe schon ein kleines Museum beisammen, darunter Indianergegenstände und Fossilien." Unter Fossilien meint er Indianerknochen und Ochsenschädel. Aber das Wort klingt gut. „Ich bin immer darauf heraus die Sammlung zu bereichern. Wenn jemand von einem alten Stück weiß..."
„Was haben Sie eigentlich in dieser alten Truhe, Herr Schmidt?" fragt Springer.
„Ach," antwortet statt seiner die Hausfrau, „Da liegt nur alter Krempel drin."
„Sollte nicht etwa?" Heuberger ist schon ganz in seinem Element. Sattler zwinkert dem Hausherrn zu, der hat ihn verstanden.
„Von der Urahne sind dort Gegenstände verwahrt. Aber niemand rührt gern die alte Kiste an. Es heißt es wäre ein Spuck oder ein Fluch damit verbunden."
Die Familienmitglieder machen große Augen, aber keiner wagt, dem Vater zu widersprechen.
Nach dem Mittagessen arbeitete das Vendistenpaar mit den beiden hinzugekommenen Musterreitern. Nun hat Sattler endlich Zeit und Gelegenheit zu tun, worauf er schon den ganzen Vormittag brennt: - Frieda allein zu sprechen. Er schlägt vor gemeinsam in den Garten zu gehen und dort Orangen zu essen. Will sie auch in seiner Nähe sein?
Doch aus dem Alleinsein wird vorerst nichts. Schorsch und João schließen sich an, und erbieten sich, auf die Bäume zu klettern und Früchte herunter zu holen. „Halt die Schürze auf, ich werfe die Orangen herunter," schreit João. Im Gipfel angelangt,

wispern die beiden und lachen. „Frieda," ruft João, „willst du nicht auch heraufkommen?" „Blödel."
„Frieda, du bist doch früher immer hinaufgeklettert!..."
„Halt deinen Mund!"
„Frieda, weißt du noch?" die Jungen lachen. „Weißt du noch, als wir noch klein waren und wir drei ständig in den Bäumen saßen, haben wir immer von oben herunter..."
„Jetzt bist du aber still. Kein Wort mehr."
„Was habt ihr von dort gemacht?" Sattler will jetzt den Rest wissen. „Sag's, João..." Er zwinkert ihm zu und greift erklärend in die Nickeltasche.
„Ja, gemacht", schreit Schorsch, denn er will sich den Vintém auch nicht entgehen lassen und sagt's. Frieda kriegt einen roten Kopf und läuft davon. Als Sattler sie einholt, weiter im ‚Pitangagebüsch', bemerkt er, dass ihr Tränen der Wut und der Scham in den Augen stehen. Er hätte sie gern noch etwas aufgezogen, aber er traut sich nicht.
„Freust du dich, dass ich gekommen bin, Friedel?"
„Warum sollte ich mich nicht freuen?" Antwortet sie herb. „Ich freue mich immer, wenn's Betrieb gibt."
„Ich will wissen, ob du dich jetzt freust, dass du mit mir allein bist." Er greift nach ihrer Hand.
„Lassen Sie mich los!" Jetzt springen die verhaltenen Tränen doch aus ihren Augen.
„Friedel, geh, weine doch nicht. Wegen so einem Blödsinn. Komm her!" Sie will sich losreißen, gibt dann nach und weint an seiner Schulter. Er streichelt ihre blonden Locken, bis sie sich beruhigt, er küsst ihr leicht das Haar, doch als er ihre Lippen sucht, reißt sie sich los.
„Nein, das nicht."
„Und warum nicht?" fragt er lachend.
„Du meinst es doch nicht ernst mit mir, und nachher erzählst du den anderen, dass du mich geküßt hast."
„Ja wieso denn?"
„So machen es doch alle Musterreiter. Ich habe es selbst schon gehört, wie sie damit prahlen. Und vielleicht bist du sogar schon längst verheiratet?"
Er ist erschrocken. Wenn er ernstlich darüber nachdenkt, hat sie gar nicht so unrecht. Möglich, dass er auch schon so gehandelt hat. Aber mit Friedel ist es anders. Er hat sie wirklich gern. Sie ist so lieblich, so fraulich. Nein, das ist kein Mädel mit dem man spielt. Es ist ein Mädel.... Er malt sich aus, wie sie am Herd steht, und er sieht sie, wie sie sich mit einem mütterlichen Lächeln über eine Wiege beugt, und in der Wiege liegt ein Kind. Sein Kind? Ja, er wünscht, dass es sein Kind sein möge.
Jetzt sieht er plötzlich Friedel mit ganz anderen Augen an.
„Komm," sagt er, „laß uns nicht länger im Garten stehen. Wir setzen uns auf die Bank hinter dem Haus, dort scheint die Sonne warm und der Wind weht nicht so stark."
Nun sitzt er neben ihr auf der Bank und erzählt von seiner Kindheit, von seiner Arbeit, seinen Wünschen und Hoffnungen von der Zukunft. Auch sie wird aufgeschlossen, erzählt von ihrer Schulzeit, den Streichen, die sie verübt haben, von ihren Freundinnen und auch ein bisschen Klatsch. Während sie sich erzählen, halten sie sich an den Händen, sind beide froh und unbekümmert. Einer geht auf die Worte des anderen ein und es ist nichts mehr Fremdes zwischen ihnen.
In der Vende aber geht es hoch her.
Das Aussuchen ist beendet, die Bestellungen abgeschlossen. Die Musterreiter geben wieder Bier aus und auch die Kameraden vom Vormittag stellen sich wieder ein.
„Gib noch einen aus, Heuberger. Du hast doch solch ein Haufen Geld. Kannst du es überhaupt noch zählen?"

„Einmal habe ich es versucht. Jetzt gebe ich mir aber nicht mehr die Mühe. Seitdem ich die Geldpresse habe, brauche ich mich damit nicht mehr abzugeben,"
„Eine Geldpresse? Du willst doch wohl nicht sagen, dass du dein Geld selber druckst?"
„Ja, was glaubst denn du, woher ich sonst so viel Geld nehmen soll? In Porto Alegre hat jeder, der etwas auf sich hält und das nötige Köpfchen hat, eine Geldmaschine."
„Diesen Bären kannst du einem anderen aufbinden, aber mir nicht." sagt der Schmied, der das meiste Interesse daran hat.
„Ihr Neunmalschlauen, glaubt ja nur, dass 1 kg Fleisch eine gute Suppe gibt. Überlegt doch einmal gut. Hier zirkulieren nur alte, abgegriffene Scheine. Kommt aber einer aus der Stadt, dann bezahlt er nur mit glatten, nagelneuen, fast noch feucht von Druckerschwärze. Wie ist das möglich? Nur, weil der, der sie ausgibt, sie gerade erst neu gedruckt hat."
„Und so eine Maschine kann man kaufen?"
„Nicht nur kaufen! Du bist ja Schmied, du kannst dir selbst eine bauen und sogar noch für gutes Geld an andere verkaufen."
„Tatsächlich?"
„Die einzige Schwierigkeit liegt in der Besorgung der Clichées. Da muss man halt Beziehungen haben. Und die habe ich."
Der Schmied hat angebissen, möchte aber nicht sogleich die Katze aus dem Sack lassen. Heuberger lässt ihn noch ein Weilchen zappeln. Sie reden vom Wetter, von der Aussaat, doch der Schmied kann es sich nicht länger verkneifen zu fragen: „Könntest du nicht mal solch eine Maschine mitbringen, nur zum Ansehen? Es täte mich schon nur aus fachmännischen Gründen, interessieren, wie so ein Ding funktioniert."
„Nicht nur zum Ansehen. Ich kann dir sogar eine besorgen, aber..."
„Ja?"
„Anzahlen müsstest du schon etwas. Weißt du, so ganz allein auf mein Risiko... Nachher willst du sie am Ende nicht behalten?"
„ Bestimmt! Aber ich habe leider nur 100 ‚Milréis' bei mir. Wenn das genügt..."
„Es ist etwas wenig, aber... Ach, laß das mal. Du bist mein alter Freund und jeder kennt dich hier und ist Zeuge. Gib halt einen aus, und der Kauf ist perfekt."
Der Schmied lässt auffahren. Jetzt wird es erst richtig lustig. Die anderen haben natürlich das Spiel schon längst durchschaut, aber sie gönnen dem Schmied den Reinfall. Er ist einer von jenen Genossen, die gerne mittrinken aber ungern etwas ausgeben.
Nur dem Vendisten hat der Spaß nicht recht gefallen. Der Schmied ist schließlich sein Kunde und einer lebt vom anderen. Außerdem ist er dem Heuberger nicht gut gesinnt, weil er so furchtbar angibt und auch weil er seiner Frieda nachstellt, auf einer Weise, die ihm nicht gefällt.
Er vermisst Sattler bei der Gesellschaft, geht hinaus, und findet ihn auf der Bank hinter dem Haus mit Frieda.
„Herr Sattler, was hatten sie heute mittag im Sinn, als sie von der Truhe sprachen?"
„Oh, ich dachte so bei mir, wir könnten den Heuberger mal nach einem Schatz suchen lassen. Er wird ein bisschen üppig, unser Heuberger, dem würde ein kleiner Dämpfer nicht schaden."
„Haben Sie einen festen Plan?"
„Noch nicht, aber es wird sich schon finden. Wichtig ist, dass Sie dem Grünschabel die Truhe recht schmackhaft machen. Es muss sie ein Geheimnis umweben, auf das er neugierig wird."

8

„Gut, wo sind die Jungs. Sie sollen für Musik sorgen. Und du, Frieda, musst noch einen Streuselkuchen backen. Wurst und Brot sind doch genügend da? Heute Abend ist Tanz."

Tabaksqualm und Bierdunst quellen ihnen am Eingang der Vende entgegen. Es haben sich nun auch Kolonisten und Jungvolk eingefunden, die den Spaß mit den Musterreitern nicht verlieren wollen. Mancher, der den ‚Patacão' sonst zehnmal umdreht, legt ihn nun unbekümmert auf den Schanktisch, um auch ein Runde auszugeben. Es wird auch gewürfelt und Wetten werden abgeschlossen. Doch die Meistzahlenden, sind immer die Musterreiter.

Springer hat sich mit dem Doktor in eine Ecke gesetzt, wo sie ungestört sind. Sie haben herausgefunden, dass sie alte Bekannte sind.

„Aber nicht weiter erzählen," bittet der Arzt. „Sonst bin ich hier verratzt," bittet der Arzt. „Nachdem ich damals, wie Sie wissen, wegen Weibergeschichten von Porto Alegre weg musste, ging ich auf die Serra. Das war ein langer Ritt. Das erste, was ich unterwegs ablegte, war das ‚von'. Leider kann ich das mit meinen Offiziersallüren nicht so leicht. Dort traf ich zufällig auf eine Bande Revolutionäre, die auch mit mir kurzen Prozess machen wollte; Halsabschneidern und so... Nichts Angenehmes. Was? Sagte ich ihnen, mich wollt ihr morden, mich, den berühmten Arzt aus Europa, der extra herbeigeeilt ist, um eure Verwundeten zu retten? Das zog, aber es war doch ein Misstrauischer unter ihnen, der wollte wissen, wo ich denn meine Instrumente hätte. Die habe ich in meiner Satteltasche, aber die zeige ich euch nicht, sonst klaut sie mir noch einer, denn ihr seid ja eine Räuberbande, eine ganz erbärmliche, und ich sollte besseres zu tun haben, als euch am Verrecken zu hindern. Ich hatte den richtigen Ton getroffen. Mein Glück war, dass ich eine Unmenge Aspirin und Chinin bei mir hatte, und auch Rizinusöl. Die Schmerzen vom Nabel aufwärts behandelte ich mit Tabletten und die abwärts mit Öl. Doch auch mit diesen Medikamenten musste ich sparsam umgehen. So braute ich aus ‚Cachaça' und Zitronen einen heißen Punsch und wenn der beim Kranken Wunder gewirkt hatte, machte ich Verbände und kleine Eingriffe, wie es die Not verlangte. Jedenfalls fanden meine Heilmethoden großen Anklang."

„Doch starben dabei nicht viele?"

„Natürlich, aber die wären ohne mich auch gestorben. Einer mehr, einer weniger, macht bei der Gesellschaft nichts aus. Ein Menschenleben gilt dort nicht viel. Mittlerweile eignete ich mir auch Kenntnisse und Erfahrungen an. Besonders lernte ich viel in der Verwendung von Wurzeln und Heilkräutern. Sie verachten mich vielleicht wegen meiner Kurfuscherei, aber sie müssen bedenken, wo kein Arzt weit und breit ist, können meine kleine Dienste von großem Nutzen sein."

„Herr Schmidt, halten Sie mit. Hier ist ein volles Glas." Heuberger tritt nahe an den Vendisten heran und spricht mit bierseliger Stimme auf ihn ein. „Sie müssen mir noch die Schätze zeigen, die in der Truhe verborgen sind."

„Blödsinn! Es liegen keine Schätze darin."

„Heute mittag haben Sie es aber behauptet," widerspricht er eigensinnig.

„Schreien Sie doch nicht so. Es sollen wohl noch alle erfahren?"

„Ha, jetzt habe ich Sie festgenagelt. Heraus mit der Sprache."

„Wie käme ich dazu, gerade Ihnen das Geheimnis zu erzählen..."

„Kommen Sie, Her Schmidt, wir müssen das unbedingt allein besprechen."

„Sie gehen zusammen ins anliegende ‚Armazém'. Heuberger ist schon nicht mehr ganz sicher auf den Beinen.

„Also, die Sache mit der Truhe ist so..."

„Herr Schmidt, lassen Sie bitte mich zuerst sprechen. Sie sollen sehen, dass Sie Ihr Vertrauen keinem Unwürdigen schenken. Sie müssen wissen, ich liebe Ihre Tochter.

Schon lange. Ich möchte sie heiraten. Und ich habe es mir folgendermaßen gedacht. Passen Sie auf: Ich habe mir etwas erspart und könnte in Porto Alegre ein ‚Atacadogeschäft' aufmachen. Genau so wie mein Chef. Die Kunden kenne ich alle. Die würden alle von mir kaufen, denn sie betrachten ja sowieso den Musterreiter als den Inhaber des Geschäfts, für das er reist. Und wenn Sie mir noch Ihre Tochter zur Frau geben, und noch, wie soll ich sagen, etwas klingende Münze hinzu gäben, dann kann ich Ihrer Tochter eine glänzende Zukunft bieten. Und sie bleiben mit Ihrem Geld Sozius im Geschäft. Feine Sache, nicht?"

Herr Heuberger ist eitel Freude und Zuversicht. Er lässt sich schwer auf einer Kiste nieder, die prompt unter ihm zusammenbricht.

„Feine Sache," sagt Herr Schmidt, nicht ohne Schadenfreude. Und wäre wirklich eine feine Sache, wenn der Kerl nicht so ein Schlot wäre. Fast zu fein. Ein Mädchen könnte sich leicht davon beeindrucken lassen. Plötzlich fragt er misstrauisch: „Haben Sie schon mit meiner Tochter über den Plan gesprochen?"

„Nein, noch nicht. Doch das lassen Sie nur meine Sorge sein. Mit dem Mädchen werde ich schon einig. Da weiß ich den rechten Ton. Da habe ich meine Erfahrungen." Das gefällt dem Vendisten nun wieder nicht, doch er ist froh, dass der forsche Mann noch nicht mit der Frieda angebandelt hat. Dessen Siegessicherheit bekräftigt ihn in dem Entschluss, ihn mit der Truhe reinzulegen.

„Ich wollte es vor den anderen nicht sagen... Die Sache mit der Truhe hat einen großen Haken. Ich weiß selber noch nicht lange darum. Ich habe die Nachricht in einem alten Brief gefunden. Meine Großmutter, Gott hab sie selig, war eine gebildete Frau aus reichem Hause, doch etwas abergläubisch Sie hat in diese Truhe ein Geheimfach einarbeiten lassen, das man nur um Mitternacht öffnen kann, das Schloss gibt nur in der Zeit zwischen 12 und 1 Uhr nach. Wenn nicht diese blöde Klausel mit der Uhrzeit wäre, hätte ich es schon längst geöffnet. D.h. wenn ich auch wüßte, wo es angebracht ist. Aber so um Mitternacht, zur Geisterstunde...Da traue ich mich nicht so recht. Ich bin selbst neugierig, was darin versteckt ist."

„Nichts einfacher als das, da machen wir uns heute nacht an die Arbeit."

„Es ist aber noch eine Klausel vorhanden: Nur einer allein darf versuchen, das Schloss zu öffnen. Es ist eine mystische Angelegenheit, es muss sich da um eine Reliquie oder ähnliches handeln. Die Leute hatten früher so seltsame Ideen."

„Lassen Sie mich's versuchen. Es würde mir eine große Freude bereiten, Ihnen damit einen Gefallen zu erweisen, wo wir doch demnächst in verwandtschaftliche Beziehungen treten."

„Das hängt ganz vom Mädchen ab. Sie allein wird entscheiden." Bei sich selbst aber denkt er: Der wird der Geschmack schon vergehen heute nacht. Und außerdem, wenn mich nicht alles täuscht, hat sie ihren Blick schon auf jemand anderen geworfen.

Die Jungen haben in einer Ecke die Säcke aufgestapelt. Die vollen Kisten dienen zum Teil als Sitzgelegenheit. Außerdem haben sie noch ein paar Bänke hineingestellt und die Ecken mit Palmenzweigen ausgeschmückt.

Die Frauen sind in der Küche tätig. Der noch warme Streuselkuchen wird in Scheiben geschnitten und auf Teller gefüllt. Die frische Wurst wir bereit gelegt, um gesiedet zu werden, wenn es an der Zeit ist. Auf dem Küchentisch stehen auch schon Teller mit geschnittenen Scheiben Brot und dicke Klumpen Butter. Das Sauerkraut in den Töpfen muss nur heiß gemacht werden.

Das Vieh ist gefüttert, die Kühe sind gemolken. Es ist Feierabend. Die Frauen waschen sich in einer Holzbütte und ziehen ihre Festtagskleider an, bunte Kattunkleider die Mädchen, ein schwarzes Alpakakleid Dona Clara.

Es dunkelt. In der Vende sitzen nur noch der Arzt und Herr Springer. Sie sind beim Philosophieren angelangt. Vor ihnen steht eine halbleere Schnapsflasche. Der Arzt stößt schon mit der Zunge an.

„Alles habe ich abgetan, alles über den Haufen geworfen, wie Lumpen, die man fortwirft. – War ich wirklich einmal Offizier in der kaiserlichen Armee? Habe ich wirklich einmal daran Gefallen gefunden, im Ballsaal und auf dem Rennplatz die erste Rolle zu spielen? Lieber Freund, das muss in einem anderen Leben gewesen sein. Meine Weltanschauung, meine Begriffe über Religion und Ethik, auch sie habe ich geändert. In diesem weiten Raum, auf diesem endlosen Kamp, den dichten Wäldern, habe ich das, was wir Gott nennen, anders kennen gelernt. In dieser Unendlichkeit, wo man stundenlang reitet, ohne einer Menschenseele zu begegnen, da haben keine Kirchengötzen Platz. Da hat nur ein Geist berechtigtes Dasein, der über allem schwebt, in allem ist."

„Oh, unser Wissen ist so klein, und je größer die sogenannte Intelligenz ist, um so kleiner ist der Raum, den sie für diesen allumfassenden Geist übrig hat. Geist, Herr Springer, das ist nicht Intelligenz, das ist nicht Seele, das ist nicht Empfinden, noch Gut noch Böse. Nein, ich kann den Geist nicht erklären, aber ich habe sein Wirken verspürt. Bei einfachen ‚Caboclos', die weder lesen noch schreiben können, die ihren Kopf nicht mit Schulweisheiten belasten. Ich habe sie die Hände auf Sterbende legen sehen, und sie sind genesen. Der Geist..."

„Es wird Nacht, lieber Herr von Strehe, oder wie ich Sie nennen soll. Und ich möchte mich vor dem Tanz noch etwas ausruhen."

„Gehen Sie nur, es ist das Recht der Jugend, sich zu amüsieren."

Er sitzt noch lange dort, über sein Glas gebeugt, der ehemalige Offizier, jetzt Wald- und Wiesendoktor. Als die ersten Burschen kommen, erhebt er sich schwerfällig und wankt hinaus.

Der Tanzsaal, das Armazém, ist mit Gästen gefüllt. Auf den Bänken sitzen die Mädchen und Frauen, die Mädchen trotzt der Kälte, in dünnen Katunkleidern. Die jungen Männer stehen in einer Ecke beisammen, die Älteren an der Theke. Nur mit List oder Gewalt werden sie wohl dazu zu zwingen sein, einen Walzer mit ihrer besseren Hälfte zu tanzen. Die jungen Mütter sind damit beschäftigt, ihren Säuglingen zu trinken zu geben, und auch die Kleinkinder auf einem breiten Bett im Nebenzimmer einzuschläfern. Es liegt dort eines neben dem anderen mit roten Bäckchen und geballten Fäustchen. Fängt aber eines an zu schreien, schreien alle anderen mit.

Ha, jetzt knallt 's. Eine Rakete nach der anderen steigt in den sternklaren Himmel und birst, einen Funkenregen streuend. Die Musik ist angekommen. Gleich drei Mann. Jetzt kann's los gehen.

Aber noch rührt sich nichts, obwohl die Musik schon drei Stücke gespielt hat Die jungen Männer sind zu schüchtern und die älteren stehen immer noch an der Theke. Die Musterreiter treten mit Dona Clara und Frieda ein. Die Musik spielt einen Tusch.

„Auf zur ‚Quadrilha' ", ruft Springer schallend und bietet Dona Clara den Arm. Der Bann ist gebrochen. Herr Sattler holt die sich sträubenden Ehegatten und führt sie ihren freudig überraschten Ehehälften zu. Jetzt trauen sich auch die Jungen. Selbst die halbwüchsigen Kinder, meist die kleinen Mädchen, mischen sich paarweise unter die Tanzenden und nehmen es nicht übel, wenn sie manchmal einen Schubs oder einen Tritt abbekommen.

Nach dem dritten Tanz sind die Männer schon nicht mehr zu halten. Damit sie nicht in Ungnade fallen, bringen sie den Frauen und Töchtern eine ‚Gasosa'. Doch die Frauen sind nun, nachdem sie wenigstens einmal getanzt haben, auch zufrieden und friedlich und haben nun auch mit sich selbst zu tun: Die Jüngeren, nach den kleinen Kindern zu

sehen, die mittlerweile alle auf einmal zu schreien beginnen und die älteren, um auf ihre jungen Töchter aufzupassen. Es soll schon vorgekommen sein... Ja, es gibt so allerhand zu tuscheln und zu reden. Besonders hat man Frieda heute im Auge, um die sich Sattler und Heuberger sichtlich reißen. Kaum hat sie ein paar Runden mit einem getanzt, kommt schon der andere und spannt sie ihm aus. Die Sache nimmt schon bald einen kritischen Charakter an. Doch, wie die Zeit fortschreitet, scheint Sattler Sieger zu sein, er hält sein Mädel fest im Arm, und Friedel legt ab und zu, wie ungewollt, ihren Kopf an seine Schulter. Man bemerkt, dass Heuberger immer unruhiger wird und immer öfter auf die Uhr schaut. Hat er den Kampf um Friedel aufgegeben oder ist er nur des Tanzens überdrüssig.

Von der Musik hört man nur noch die Bassgeige, die den Rhythmus angibt.

Um elf Uhr gehen die ersten Gäste. Es ist Wochentag und am nächsten Tag muss jeder frühzeitig heraus. Da kann man nicht so lange bummeln. Springer und Sattler, die auch in den geplanten Streich, der Heuberger gespielt werden soll, eingeweiht sind, sorgen dafür, dass um halb 12 Uhr der Saal leer ist. Die Frauen legen sich schlafen und auch Springer geht in sein Zimmer. Sattler schlägt dem Hausherrn einen Spaziergang vor. Die fiebrige Spannung die Heuberger erfasst hatte, lässt ein wenig nach, denn nun ist er glücklich allein, und kann in Ruhe und Sammlung die Geisterstunde abwarten. Ärgerlich nur, dass er wieder etwas mehr getrunken hat, als er vorhatte.

„Ist alles vorbereitet?“ fragt Sattler, als er mit ihm das Haus verlässt. „Ich habe die Jungen damit beauftragt, es wird für sie ein Mordsspaß sein.“

„Kann auch nichts passieren?“

„Nein, ich habe an alles gedacht.“

Der Frost steigt aus der Niederung, aber es ist windstill. In die weiten Ponchos gehüllt, spüren die Männer auch keine Kälte. Sie gehen eine lange Strecke schweigend zusammen. In den Häusern der Umgebung erlöschen die Lichter.

„Herr Schmidt,“ beginnt Sattler das Gespräch. „Ich habe Sie ins Freie gelockt, um ungestört ein paar Worte mit Ihnen zu reden.“

Ha, jetzt kommt's, denkt Georg, man muss das Gras nicht wachsen hören, um zu wissen, was der junge Mann auf dem Herzen hat.

„Ich möchte Sie bitten, mir Ihre Tochter zur Frau zu geben. Ich kann ihr wohl ein Häuschen einrichten, und ihr das Leben angenehm gestalten, doch zu Reichtümern werde ich es wohl kaum bringen. Trotzdem bin ich überzeugt, dass ich Ihre Tochter glücklich machen könnte.“

Schweigen. „Sie lehnen meinen Antrag doch hoffentlich nicht ab?‘

„Durchaus nicht. Ich habe Ihnen aber auch ein Angebot zu machen. Ich habe etwas Geld beiseite gelegt, nicht viel, aber für den Anfang dürfte es reichen. Sie eröffnen mit diesem Geld in Porto Alegre ein Atacadogeschäft und verkaufen zu gleicher Zeit die Kolonialprodukte, die ich hier aufkaufe. Man könnte auch hier Waren lagern lassen, um sie leichter und schneller an die Venden zu vertreiben.“

„Ach, das wäre ja wunderbar! Gar nicht auszudenken. Oh, wie bin ich Ihnen dankbar.“

„Keine Ursache. Vergessen Sie nicht, dass es sich um ein Geschäft handelt, ganz unabhängig von unseren zukünftigen verwandtschaftlichen Beziehungen. Hier meine Hand. Schlagen Sie ein: Auf eine gute Teilhaberschaft“

„Und auf eine gute Verwandtschaft.“

„Ich glaube, es ist jetzt Zeit heimzugehen, wenn wir den Spaß nicht versäumen wollen.“

Sie gehen schweigend zurück und kommen gerade zur rechten Zeit... Im Haus ist es still und dunkel. Heuberger steigt aus seiner Kammer in die Vende hinab. In einer Hand hält er die Kerze und mit der anderen schützt er sie vor dem Luftzug. Noch fünf Minuten. Er schleicht sich in die Küche und stellt die Kerze auf den Tisch. Bald wird er wissen, was

das Geheimfach der Truhe birgt. Hoffentlich lässt Herr Schmidt es ihm ab, falls es sich für seine Sammlung eignet. Blöd, das alles mit so seltsamen Klauseln verbunden ist. Oder sollte etwa der Vendist... Nein, das traut er ihm nicht zu. Ja, die Leute hatten früher noch Phantasie. Vielleicht sind es nur Liebesbriefe der Ahne? Das wäre schade. Nur noch eine Minute. Ach, wie die Zeit langsam dahintröpfelt! Jetzt muss er aufpassen. Jede Sekunde zählt. Geht die Uhr auch richtig?

Jetzt. Fünf Sekunden wird er brauchen um den Deckel zu öffnen. Hoffentlich findet er das Geheimfach gleich, damit keine kostbare Zeit verloren geht. Als er auf die Truhe zugeht, ist ihm recht feierlich zumute. Schließlich ist er doch ein Held, der etwas nicht Alltägliches wagt. Er öffnet die Truhe. Jetzt schnell die Kerze aus löschen. Er beugt sich über die Truhe, und um keine Zeit zu verlieren, wirft er alles, Lumpen und Plunder hinaus. Die Truhe ist nun leer. Er tastet die Wände ab. Hoffentlich hat ihn niemand gehört. Es waren auch Schuhe darin, die laut aufknallten, als sie auf den Boden fielen. Und wieder tastet er den alten Kasten ab. Er ist uneben und wurmstichig. Wie das täuscht. Hier, ist das die Stelle, auf die man drücken muss, damit das Geheimschloss aufspringt? Nein, hier kann's nicht sein. Aber wo nur?

Was fällt für ein seltsamer Schein in die Truhe? Was ist das nur. Es ist heller geworden. Er blickt auf und prallt erschreckt zurück. Was er sieht, lähmt ihn vor Entsetzen. Über ihm, hinter der Truhe, blicken ihn feurige Augen böse an. In panischem Schrecken stolpert er einige Schritte zurück. Über einem weißen Gewand sitzt ein Schädel, aus dessen Augenhöhlen flammende Blicke ihn unverwandt anstarren. Geist der Ahne, durchzuckt ihn die Erkenntnis. Er rennt betäubt aus der Stube und klammert sich, fast besinnungslos an Herrn Schmidt, der eben die Vende betritt.

Das ganze Haus wird nun lebendig.

Was lachen sie alle so blöd, denkt Heuberger, der langsam wieder munter wird. João und Schorsch betreten die Vende. Sie tragen eine lange Stange; über der Stange hängt ein weißes Laken und über dem Laken thront ein ausgehöhlter Kürbis.

„Ich hab's ja gewusst," brüstet sich João. „So wie ich den Schädel aus dem Kürbis schneide, kann das niemand. Das musste ihn umschmeißen." „Mach keine Sprüch' du Hammel," empört sich Schorch. „Wenn ich das Zündhölzchen nicht so leise angestrichen hätte und die Kerze nicht rechtzeitig in Brand gesetzt hätte, wäre der Spaß missglückt."

„Frau, bring ein paar Flaschen Moselwein, von dem guten, du weißt schon. Wir müssen auf Verschiedenes anstoßen. Und nichts für ungut, Herr Heuberger."

Alle lachen. Herr Heuberger anfangs etwas ärgerlich und verschämt, doch dann steckt ihn die allgemeine Heiterkeit an und er denkt im Stillen: Wartet nur. Ein andermal kriege ich euch dran.

Fontes:

Serra-Post-Kalender, Ijuí, Ulrich Löw, 1956, p. 251 - 265.

Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 59-75.

Texto disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_dierachedesurwalds.eineeinwanderungsschiksaalauseinerfamilienchronik_pdf acesso em 28 de agosto de 2009 às 20h

8.4 Anexo 4

DAS PREISAUSSCHREIBEN

Hilda Siri

„Wie ist es, beteiligst du dich auch am Preisausschreiben?"
„Ich habe die Absicht."
„Hast du schon etwas geschrieben?"
„Nein, mir fällt nichts ein."
„Oh, das ist doch ganz einfach. Du schreibst eine Liebesgeschichte mit einem Happyend."
Das war der gute Rat einer Freundin. Mein Gevatter meinte:
„Wenn du etwas schreibst, ‚Comadre', dann muss es etwas Bodenständiges sein. Du musst Land und Leute schildern, wie sie hier sind, und die ganze Geschichte muss sich in der brasilianischen Landschaft abspielen, am besten auf der Kolonie."
Ich folgerte: Also eine Liebesgeschichte, Liebesgeschichten entwickeln sich auf der ganzen Welt nach denselben Gesetzen, und jeder glaubt, das seine eigene einzigartig dasteht. Eine Liebesgeschichte mit brasilianischem Hintergrund, Ort und Handlung – Kolonie.
Soweit hatte ich meine Geschichte vorbereitet, als noch ein guter Freund mit guten Ratschlägen kam. Sie waren sogar sehr gut gemeint, das sind Ratschläge guter Freunde immer, aber sie brachten meine Pläne ins Wanken.
„Schreibe bloß nichts von der Liebe, dieses alte, kitschige Gefasel. Humor muss hinein und Spaß und eine Pointe. Die Pointe ist die Hauptsache. Die Handlung muss sich langsam steigern, bis dann zum Schluss die Bombe platzt."
„Also, du kannst schreiben was du willst," sagte meine alte Lehrerin. „Aber eine Geschichte muss immer eine Moral in sich bergen oder einen höheren Sinn, der die Menschen über sich selbst erhebt."
„Und vergiss mir nicht die Philosophie," sagte mein alter Großpapa, „ganz fein hingerieben; jeder muss sie verstehen können, aber der Feingeistige muss seinen Genuss daran haben."
„Streich die Frauen heraus und gib den Männern Saures, war der Rat einer Freundin, die immer noch vergeblich auf einen Mann wartet. „Und schreib etwas über die reife Frau, die jungen sind so blöd."
Das ist noch nicht alles. Ganze Romane wurden mir erzählt, mit der ausdrücklichen Erlaubnis den Stoff zu verwenden.
Hier sitze ich nun vor einem Stapel weißer Blätter, den frisch gefüllten Füller in der Hand. Die Schreibmaschine ist auch gereinigt und frisch geölt. Ein neues Farbband ist eingezogen und Durchschlagpapier habe ich gleich hundert Blatt gekauft. Geräusche, wie Radio, Kindergeschrei und Geschirrgeklapper habe ich abgestellt. Nun könnte ich anfangen zu schreiben, aber es fehlt mir die geringste Vorstellung von einer Geschichte, die sämtlichen Anforderungen entspricht.
Die Vorstellung war übrigens immer schon meine Erzfeindin. Nicht nur eine erbitterte sondern auch eine hinterlistige. Bis vor einigen Jahren habe ich nichts von ihrer Feindschaft gewusst. Ja, ich hatte noch nicht einmal eine Ahnung von ihrem Vorhandensein. Aus dem Hinterhalt hat sie mich tyrannisiert und versklavt, ohne dass ich es merkte. Doch als ich hinter ihre Schliche kam, habe ich vollständig mit ihr gebrochen Alle Streiche, die sie mir spielte, kann ich nicht aufzählen, aber einen muss ich herausgreifen,
Ich zählte ungefähr 13 Jahre, als ich zum ersten Mal ein Konzert besuchen durfte. Ein

2

Geigenvirtuose hatte sich in unsere kleine Stadt verirrt, und das Programm versprach köstliche Kunstgenüsse. Ich durfte meine Eltern begleiten und meine Freundin Lotte auch. Wir bereiteten uns auf das große Ereignis vor, nicht nur äußerlich, sondern auch innerlich. Da Lotte ein Jahr älter war als ich und ihre Mutter ausgezeichnet Klavier spielte, sah sie sich verpflichtet mich in das Reich der Musik einzuführen.

„Es wird in diesem Konzert nur klassische Musik geboten. Kennst du klassische Musik?"

„Das ist wohl die, die in der Kirche gespielt wird?"

„Ja, aber besonders Sonaten von Mozart und Beethoven sind klassisch. Beethoven hat sogar eine Monatscheinsonate komponiert. Stell dir vor, eine Mondscheinsonate! Der Geigenkünstler wird auch die ‚Träumerei' von Schumann spielen".

„Ist die ‚La Cumparsita' auch klassisch?"

„Wo denkst du hin? Das ist Tanzmusik. Etwas ganz gewöhnliches."

Ich war ob meiner Unwissenheit sehr niedergeschlagen, aber ich musste unbedingt mein Wissen erweitern. Obwohl ich es als eine Schande empfand, so dumm zu sein, fragte ich mutig:

„Woran erkennt man, dass ein Musik klassisch ist?"

Die Frage kam Lotte unerwartet, aber sie war jeder Situation gewachsen. Sie sagte:

„Weißt du, Hilda, das ist so – bei der klassischen Musik kann man sich etwas vorstellen. Du siehst den Mond scheinen und die Pärchen lustwandeln. Du hörst die Rosse traben, die Quellen sprudeln und die Ströme rauschen. Und bei der Träumerei z.B. musst du dir vorstellen, was Schumann geträumt hat. Jedes Musikstück will etwas sagen, und du musst gut lauschen, dass du es verstehst.„

Ich war Lotte an diesem Tage sehr dankbar, aber so ganz überzeugt war ich nicht, ob ich der klassischen Musik gewachsen war.

Unser liebes, altes Vereinshaus, das als Konzertsaal diente, leuchtete in festlichem Glanze. Aber die ganze Umgebung lenkte mich ab und riss mich aus meiner Sammlung. Meine guten Bekannten waren alle anwesend, die Nachbarn und Verwandten, alle in Festtagsgewändern und Festtagsstimmung. Alle waren irgendwie feierlich, der Bäcker, der Schuster, der ‚Vendist' und der Arzt von nebenan. Ich fühlte mich ihnen zugehörig, denn ich war ja schon so groß, dass ich auch in ein Konzert gehen konnte. Meine Lehrer waren auch dort, und sie kamen mir an diesem Abend gar nicht so entfernt und respektheischend vor. Was meine Stimmung etwas mäßigte, waren die alten ‚Italienerstühle' und der schreckliche Bühnenvorhang, auf dem Zypressenhaine und Säulenhallen zum Wandeln einluden. Mich störte auch die laut geführte Unterhaltung des Publikums. Endlich war es soweit. Der Vorhang hob sich. Mein Klavierlehrer saß schon am Klavier, und dann verneigte sich der junge Geigenvirtuose.

Ob das Konzert gut, schlecht oder mittelmäßig war, kann ich nicht sagen. Ich weiß nur, dass es für mich sehr anstrengend war. Ich hörte klassische Musik und stellte sie mir vor. Für jede Musik erfand ich eine neue Geschichte: Ich sah die Pärchen Arm in Arm im Mondschein wandeln, (das Mädchen war selbstverständlich ich und der Jüngling ein Prinz, ein Held) Ich stellte mir vor, wie die trabenden Rosse uns entführten und was Schumann träumte Zu jedem Titel erfand ich eine neue Geschichte. Aber ich hatte dabei sehr viel Kummer, denn häufig war die Musik beendet und die Geschichte hatte noch keinen Schluss. Schwere Sorgen bereiteten mir die Sonaten und andere Stücke, deren

Titel ich nicht verstand, und das Opus mit der Nummer wirkte auch nicht aufklärend. Sie brachten mich sehr in Verlegenheit, denn ich konnte mir gar nichts darunter vorstellen. Doch ich war hartnäckig und gab 's nicht auf. Wo der Name mir keine Geschichte eingab, ließ ich in meiner Phantasie Elfen und Kobolde tanzen und bei traurigen und schwermütigen Partien sah ich Zypressenhaine und Friedhöfe und bei lustigen Hochzeiten und Kindtaufen.

Es war wirklich sehr anstrengend und ich bewunderte die Leute, die mit verzückten Mienen dasaßen und lauschten. Ich hätte gerne gewusst, wie sie die klassische Musik in ihrer Vorstellung verarbeiten. Zum Schluss war ich sehr müde, und nur die ‚Italienerstühle' verhüteten, dass ich einschlief.

Jetzt fällt mir wieder ein, dass ich eigentlich eine Geschichte schreiben wollte... „Geehrte Herren Preisrichter, die Sie diese Geschichte lesen werden, die eigentlich gar keine Geschichte ist, zu Ihrem Trost möchte ich Ihnen sagen, dass ich wenigstens von Ihnen eine sehr genaue Vorstellung habe. Ich sehe Sie auf der viel zu kleinen Redaktion sitzen, Ihre Köpfe rauchen (Gottseidank ist es nicht der Geist der verraucht, sondern der Tabak dicker Zigarren und schmächtiger Zigaretten), Ihre Stirne kraus ziehen und die Nase rümpfen. Ich sehe Sie von einem zum anderen blinzeln, um den Eindruck zu erspähen den meine Geschichte hinterlassen hat. Ich höre Ihr verhaltenes Lachen und erbostes auf den Tisch schlagen." Ich hoffe nur, dass der Schreibtisch vorher aufgeräumt wurde, damit die kostbaren Briefe und Manuskripte, die dort friedlich und mannigfaltig ruhen, nicht in die Luft fliegen. Ein Beherzter wird aufstehen und sagen: „In den Papierkorb mit dem Zimt. Wir wollen ein Geschichte. Und das ist keine Geschichte!!!" Jetzt, da ich mir die Folgen meiner Unzulänglichkeit ausgemalt habe, bin ich erschossen. Regelrecht erschossen. Was werden meine guten Freunde sagen und meine Verwandten? „Hilda," werden sie sagen, „ist dir denn nichts besseres eingefallen? Wir haben dich doch so mit Rat und Tat unterstützt. Konntest du denn nichts Vernünftiges schreiben? Etwas Bodenständiges?"

Es tut mir furchtbar leid, und ich bitte um Entschuldigung. Außerdem habe ich gerade erst erklärt, warum ich es nicht konnte.

Fontes:

Serra-Post-Kalender. Ijuí, Ulrich Löw, 1952, p.197-204.

Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 137-140.

Texto disponível em
www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_daspreisasuschreiben_pdf
acesso em 06 de junho de 2009 às 18 horas

8.5 Anexo 5

1

EIN SCHULEXAMEN

Hilda Siri

Es war im Jahre 1924 an einem Dezember morgen in einer Kleinstadt auf der ‚Serra'. Ein lichtblauer Himmel, dunstige Nebelschleier in den Tälern, glitzernder, tropfender Tau und die warmen Strahlen der aufgehenden Sonne verhießen einen heißen Tag. Die frische, reine Luft war erfüllt vom Duft der Blüten und Kräuter der nahen Gärten und vom Gezwitscher der Vögel in den Bäumen, welche die Straßen der kleinen Stadt einfaßten. Es war ein Morgen, der sich durch seine offensichtliche Schönheit in das Gedächtnis einprägte und durch Empfindungen und Stimmungen, die er hervorrief.

Doch auf den jungen Schullehrer, Konrad Berghöfer, machte weder das Spiel der Sonnenstrahlen auf den taufeuchten Blättern, noch das Gezwitscher der Vögel einen Eindruck. Das einzige, was er als wohltuend empfand, war die frische Luft, die seine heißen, hämmernden Schläfen kühlte. Mit gespreizten Fingern fuhr er sich durch das wellige dunkelblonde Haar und warf mißmutig den Kopf zurück. Die Helle schmerzte seine unausgeschlafenen Augen und der Druck im Kopf wurde durch die ärgerlichen Gedanken noch verstärkt. Er achtete nicht auf das glatte, rote Band der ungepflasterten Straße, an dem einfache, kleine Häuser standen. Doch als er an der ‚Vende' vorbei kam, knirschte er wütend mit den Zähnen und wandte sich verärgert und trotzig ab. Wut und Scham stritten in seinem Herzen. Die Wut siegte und er ballte die Hände in den Hosentaschen. Er unterdrückte die Schimpfworte, die ihm auf der Zunge lagen, doch er spürte, dass ihm wohler wäre, wenn er sie heraus schreien könnte: Bürgerliche Bonzen, Emporkömmlinge, Neureiche, niederträchtige Gesellschaft. Das waren nur die zartesten, mit denen er den Vorstand der deutschen Vereinsschule bedachte..

Drei Jahre hatte er sich als Lehrer an der Schule geplagt, die Schule ausbauen helfen, die Schülerzahl verdoppelt, der Schule nicht nur die Stunden des Tages gewidmet, sondern auch seine freien Abende geopfert, indem er Theaterstücke einübte, Feste organisierte und den gemischten Chor dirigierte. Unzählige Gänge hatte er gemacht, um für den Bau zu "betteln", zu sammeln; und jetzt, da das Gebäude fertig war und der Schulbetrieb einen Fortschritt zu verzeichnen hatte wie nie zuvor; jetzt, da er mehr verdienen und heiraten wollte, versagte ihm der Vorstand die erwünschte Gehaltserhöhung und der Obmann, Ruprecht Schmidt, seine Tochter. Solange er aufbaute und schuf, kamen sie ihm entgegen, doch nun war er plötzlich der ‚hergelaufene Schullehrer', ‚der verkrachte Student', ‚der Hungerleider', alles Namen, mit denen ihn sein Schwiegervater in spe bedacht hatte, als er um seine Tochter anhielt. Und sie, die Auserwählte, die Gertrud, saß dabei, steif, wie ein Posaunenengel aus Gips, guckte blöd aus ihren sanften Kuhaugen und schwieg. Nun... als er sie auf dem Heimweg vom Vereinsball küßte, hatte sie auch nichts gesagt. Aber beim Küssen schweigen wohl alle Mädchen... Aber, dass sie gar nichts sagte, als er um ihre Hand anhielt und ihr Vater ihn beschimpfte, weil er seine Tochter nur einem reichen Mann geben wollte, das konnte er ihr nicht verzeihen.

Das waren ungefähr die unerfreulichen Gedanken, die dem Lehrer Berghöfer durch den Kopf zogen, als er an jenem Dezembermorgen den Weg von seiner Junggesellenwohnung zur Schule zurücklegte, um das Schulexamen abzuhalten. *Sein* Examen, wie er es spöttisch nannte: Denn ich prüfe ja nicht die Kinder, was die können oder nicht können, weiß ich zur genüge. Ich werde geprüft, das ist der Sinn des Examens. Die Eltern wollen von mir hören, was ich kann und ob ich das Jahr über meine Pflicht erfüllte, und ihren Sprößlingen etwas beibrachte. Sollen sie es haben, das Examen. Aber es ist das letzte. Ich mache nicht länger mit. Ich habe genug. Ja, ich bin

kein Doktor der Philosophie geworden. Das stimmt. Warum? – Nebensächlich. Aber deshalb bin ich mir doch zu schade, hier zu versumpfen. Ja, versumpfen. Er hielt in seinem bitteren Selbstgespräch inne und wurde plötzlich tiefsinnig.

„Kulturdünger sind wir alle, die frisch von Deutschland kommen, vollgepfropft von erlerntem Wissen, geschliffen von fortgeschrittener Zivilisation, durchdrungen von Idealen und Abenteuerlust, überschäumend von Lebensdurst. Wir geben, pumpen uns aus und sehen, dass es zu nichts führt. Denn Kultur braucht Zeit, man kann sie einem Volk nicht einfach schenken, es muß sie selbst schaffen. Nein, es führt zu nichts, nicht einmal zu persönlichem Wohlstand oder Ruhm. Und dann, wenn wir erschöpft und ausgehöhlt sind und eine gewisse Trägheit über uns kommt, dann geben wir es auf, Kultur zu übermitteln und zu erstreben. Dann wollen auch wir reich werden, nutznießen. Und es gelingt. Jeder erwirbt sich hier Wohlstand und Besitz, der arbeiten will, nicht auf den Kopf gefallen ist und nicht lange wählt. Brasilien ist groß und Gott ist Brasilianer. Doch vorher muß der Ballast des falschen Stolzes, der Vorurteile und Überlieferungen abgeworfen werden. Auch ich, Konrad Berghöfer, werde alles abstreifen, was mich behindert, werde seßhaft und werde Geld verdienen und gegen Geistiges abstumpfen. Es werden andere, jüngere kommen, geben und geben, bis aus dem jungen Land eine Jugend sproßt, die an Universitäten studiert. Dann werden wir aufhören Kulturdünger zu sein."

Er bemerkte, dass er in seinen Gedanken zu weit ging und gab sich einen Ruck. Er strich sich wieder durch die Haare, doch diesmal beschwichtigend, beruhigend und zwang sich, die bösen Gedanken abzuschütteln und den Blick der Natur zu öffnen, die ihm förmlich entgegen jauchzte. Er atmete tief die erfrischende Luft ein und seine Augen bekamen einen frohen, fast übermütigen Glanz. „Nein, mich kriegt keiner so schnell unter. Ich werde es ihnen zeigen, dem Vorstand, den Eltern und ihnen ein Examen vorführen, wie sie noch keines gesehen haben. Und dann - Adieu! Ich will leben, erleben. Brasilien ist groß und Gott ist Brasilianer!"

Er schritt jetzt kräftig aus. Festlich gekleidete Kinder holten ihn ein und gesellten sich zu ihm. Sie schritten an einem Bambushain vorüber, der von geschwätzigen Vögeln bevölkert war, bogen dann um die letzte Ecke und schon standen sie vor dem Schulhaus. Vor seiner Schule.

Das weiß gekalkte, zweiräumige Backsteingebäude stand von einigen Schattenbäumen umgeben in der Mitte eines großen mit Rasen bewachsenen Hofes. Wie sah es heute sauber und festlich aus! Türen- und Fensterrahmen waren mit Blumengierlanden und Palmenreisern umgrenzt. Am Bretterzaun waren schon Pferde angebunden, mit denen die Kinder von der Kolonie gekommen waren. Auch Wagen und Einspänner standen im Hof oder am Straßenrand. Am Reck und an den Ringen turnten oder schaukelten Kinder. Sonst kamen sie barfuß zur Schule, doch heute hatten sie zur Feier des Tages Schuhe oder Schlappen angezogen. Man merkte, dass das ungewohnte Schuhzeug sie behinderte. Als sie ihren Lehrer erblickten, liefen viele Kinder auf ihn zu und schrien: „Guten Morgen, Herr Lehrer!" Kleine Mädchen drückten ihm Blumen in die Hand, versuchten seine Hände zu erhaschen und sich an ihn zu hängen. Dem Lehrer wurde das Herz weich und Tränen drängten sich in seine Augen, als er die kleinen Liebesbezeugungen entgegennahm. Um seine Gefühlserregung zu verbergen nahm er eines der kleinsten Mädchen auf den Arm, das sich sofort ein wenig verlegen an ihn schmiegte, und betrat mit ihm die Schule.

Vor den sonnenbestrahlten Fenster hingen grobe Gardinen. Der Raum lag im milchigen Dämmerschein. Zu dem herben Geruch der schwarzen Seife, mit der die Kinder gestern Bänke und Tische gescheuert hatten, gesellte sich der süßliche Duft der Blumen und des welkenden Laubes von Girlanden und Sträußen. Die Kahlheit des Raumes deckte der

Schmuck der Palmenreiser. Jedes Bild, jede Landkarte war mit Blumenbüscheln geschmückt. Die Blicke Hindenburgs, Bismark und Borges de Medeiros ruhten wohlgefällig auf drei langen Reihen zweisitziger Bänke, einem Pult. Einer schwarzen, kleinen Wandtafel und auf den Kranz der Stühle, die an der Wand entlang für die Besucher, die dem Examen beiwohnen wollten, aufgestellt waren. Sie ruhten auch wohlgefällig auf einem jungen Mädel, das ordnend hin und her schritt, und es schien fast, als ob Bismark ihr neckend zuzwinkerte.

„Guten Morgen, Fräulein Ilse," sagte Berghofer und stellte das Kind auf den Boden.

„Guten Morgen, Herr Berghöfer." Die Kinder drängten in die Klasse und legten die mitgebrachten Blumen auf den Tisch. Ilse versuchte, sie in Gefäßen unterzubringen, doch das war bei der reichen Fülle unmöglich. So ging sie von Bank zu Bank und legte überall ein paar Blüten hin.

„Geht hinaus, Kinder, und kommt erst herein, wenn ich schelle. Paßt auf, dass ihr euch nicht schmutzig macht." Einige zögerten, doch Berghöfer drängte sie, fast zärtlich hinaus. Als die Klasse leer war, legte er seine Bücher auf dem Pult zurecht, prüfte die Kreide und stellte sich dann wartend ans Fenster. Es war früh und würde noch eine Weile dauern bis die ersten Gäste kämen.

Er spürte plötzlich eine unbändige Lust zu sprechen. Sich den ganzen Ärger und Kummer von der Seele zu reden, seine Beschämung und Wehmut. Es fiel ihm überraschend ein, dass er mit seiner jungen Kollegin noch nie ein persönliches Gespräch geführt hatte. In den Pausen oder auf den gemeinsamen Heimwegen, hatten sie gewöhnlich geschwiegen oder sich über berufliche Dinge unterhalten. Manchmal hatten sie sich auch kleine Erlebnisse mit den Kindern erzählt. Es kam ihm plötzlich ganz deutlich zum Bewußtsein, dass er sie nie als Frau sondern immer nur als Kollegin gesehen hatte und dabei noch nicht einmal als gleichgestellte. Er hatte nie nach ihrer Meinung gefragt und war nun neugierig, zu wissen, ob sie überhaupt eine eigene hatte. Er versuchte, sich an ihre Worte zu erinnern, aber es fiel ihm kein einziges ein. Er bemühte sich, ihr Bild ins Gedächtnis zu rufen und stellte fest, dass er nicht einmal richtig wußte, wie sie aussah.

Er drehte sich brüsk um und betrachtete sie von Kopf bis Fuß. Ein schlichtes, weißes, fließendes Kleid schmiegte sich an ihren fast kindlichen Körper. Sie war mittelgroß, zierlich und beweglich. Als sie seinen prüfenden Blick bemerkte, wurde sie unsicher und ein leichtes Rot stieg in ihre farblosen Wangen. Doch ihre dunklen, tief liegenden Augen senkten sich nicht. Sie hielten seinem Blick stand.

Wie schön sich das Haar an ihre Schläfen schmiegt, dachte Konrad und es kribbelte ihm in den Fingern, dieses Haar zu streicheln, den Knoten im Nacken zu lösen. Aus einem jähen, zärtlichen Impuls ging er auf sie zu, besann sich aber und blieb einige Schritte vor ihr stehen. Er wollte etwas sagen, aber es fiel ihm nichts passendes ein. Doch schon sprach sie:

„Ist es wahr, Herr Berghöfer, dass sie uns, die Schule, verlasen wollen?"

„Ja, es stimmt."

„Ja, und...", begann sie, wurde verlegen und stockte, „Ihr Werk?... Sie haben doch die Schule zu dem gemacht, was sie heute ist... Und ihre Schüler?" Sie blickte ihn hilflos und forschend an. „Ist es wahr?" Sie wurde noch verlegener.

„Ja, es ist wahr," gab er zu und empfand Lust daran sich zu quälen. „Ich wollte heiraten, doch damit ist es Essig. Nein, ich werde nicht heiraten. Dieses Mädchen nicht."

Ilse verspürte Lust zu lachen. Weshalb... war ihr nicht klar. Ihre Augen strahlten und ein Lächeln zuckte auf ihren leicht geschwungenen Lippen. Sie suchte nach einer Begründung ihrer Freude und platzte heraus:

„Herr Berghöfer, ich habe heute einen Heiratsantrag bekommen."

Er sah sie scharf an und fühlte, dass das, was sie sagte, ihm nicht behagte. „Ja, vom kleinen Emil. Es war heute morgen. Er überreichte mir ein paar schöne reife Orangen und sagte todernst: „ ‚Professora', wenn ich groß bin, dann werde ich dich heiraten. Entweder dich oder meine Mutti. Besser dich, denn meine Mutter hat schon einen Mann."

Konrad atmete erleichtert auf. Diese Frauen! - Nie weiß man bei ihnen, was Berechnung ist, was Harmlosigkeit. Er ärgerte sich im Stillen, dass sein Herz heute so empfindsam war. Man meint fast, man sei verliebt... Oder ist es etwa gar der aufkommende Nordwind, der das Gemüt umwühlt?...

„Warum sind sie eigentlich Lehrerin geworden?" fragte er unvermittelt.

„Tja," meinte sie nachdenklich, „was kann eine ‚bessere Tochter', die gezwungen ist, auf eigenen Füßen zu stehen, für einen Beruf ergreifen? Sie wird Lehrerin. Eine andere Verdienstmöglichkeit hat sie nicht. Ist sie eine wenig ‚bessere Tochter' kann sie noch zwischen Verkäuferin, Schneiderin oder Putzmacherin wählen. Doch Lehrerin ist vornehmer; es ist ein ‚studierter Beruf' ".

„Füllt ihr Beruf Sie aus?"

„Darüber habe ich noch nicht nachgedacht. Besonders bei den Kleinen macht mir das Unterrichten großen Spaß." „Später werde ich heiraten", sagte sie spitzbübisch und fügte nachdenklich hinzu. „Dann werde ich selbst Kinder haben, und..."

Er unterbrach sie lachend: „Sind Sie denn so fest überzeugt, dass jemand Sie heiraten will?"

„Warum nicht?" gab sie schnippisch und herausfordernd zurück.

So ein kleines Biest, dachte er belustigt und fügte laut hinzu: „Wie muß er denn aussehen, der Auserwählte?"

„Aussehen? Er muß gar nicht Aussehen; d.h. es ist mir ganz egal, wie er aussieht. Er muß nur so sein, wie...ja, wie?..." Sie streifte ihn mit einem scheuen Blick. „Er muß so Aussehen, dass ich ihn lieben kann."

„Nun bin ich noch so schlau wie vorher", sagte er lachend. „Wenn es auch an der Vorstellung Ihres zukünftigen Gatten mangelt, so scheinen Sie von der Liebe eine genaue Vorstellung zu haben. Gibt es denn keine männlichen Eigenschaften, die Ihnen besonders gut gefallen?"

Sie dachte nach und sagte dann ausweichend: „Welche Eigenschaften müssen denn bei Ihrer Auserwählten unbedingt vorhanden sein?"

„Ach", antwortete er, „Ich bin nicht gerade anspruchsvoll und doch ist das, was ich verlange, nicht bei jedem Mädchen in harmonischer Ergänzung vorhanden. Ich verlange schmiegsame Weiblichkeit, Mütterlichkeit und einige Hausfrauentugenden. Besonderen Wert lege ich auf Sauberkeit und Ordnung in ihrem Wesen und in der von ihr geschaffenen Umgebung."

Er verstummte, denn plötzlich kam es ihm überwältigend zum Bewußtsein, dass alle diese aufgezählten Eigenschaften in großem, aufeinander abgestimmtem Maße bei Ilse vorhanden waren, verbunden mit einem angenehmen Wesen und einem lieblichen Aussehen. Er war durch diese Feststellung so bestürzt, dass er sein Herz laut pochen hörte. Eine Woge von Zärtlichkeit drängte ihn, Ilse etwas Liebes zu sagen. Doch es war zu spät. Die ersten Gäste kamen. Konrad und Ilse gingen ihnen entgegen, begrüßten sie und nötigten sie Platz zu nehmen. In geraumer Zeit waren alle Stühle an der Wand besetzt und einige Gäste suchten unter Lachen und Scherzen auf den Schulbänken Platz.

Unter Ilses Leitung marschierten nun die Kinder, zwei und zwei, in den Raum. Die kleinen voran. Die vier Klassen wurden gleichzeitig geprüft und es galt die vielen Kinder auf den Bänken unterzubringen. Die stolzen Eltern suchten natürlich ihre Sprößlinge heraus und verglichen sie mit den anderen Kindern. Berghofers Blick

umfaßte liebevoll die kleine Schar und blieb auf den einzelnen Gesichtern haften. Stadt- und Landkinder unterschieden sich wenig voneinander. Alle waren braun gebrannt und einfach gekleidet.

Nur einzelne vertraten typisch ihren Stand. Da war die kleine Irene, die zierlich und stolz wie eine kleine Dame daher schritt. Es schien Berghöfer, dass sie mit Mutters Puderschwamm einmal über die Nase gefahren sei. Auch der kleine Georg mit seinen geschneiderten Hosen und einem weißen Hemd, verleugneten nicht, dass er im gesicherten Wohlstand aufwuchs. Ein Kontrast bildete der hochaufgeschossene Johann, dessen muskulöse Arme darauf schließen ließen, dass sie schon mit dem Pflug umzugehen wußten. Hinter ihm stapfte der blasse, schmächtige Peter, der immer den Eindruck machte, als sei er müde. Kein Wunder. Er mußte früh aufstehen und immer den weiten Weg zur Schule zu Fuß zurücklegen. Es fehlte auch nicht der durchtriebene Schalk, der sich von der Feierlichkeit des Augenblicks nicht beeinflussen ließ, sondern seinem Vordermann auf die Schlappen trat und ihn fast zu Fall brachte. In all den blauen und braunen Augen, den besinnlichen und den munteren, lag ein Glanz erwartungsvoller Freude, denn nach dem Examen begannen die großen Ferien. Angst vor dem Examen kannten sie nicht. Ihr Lehrer würde sie sicher hindurch führen.

Die Väter der Kinder schienen fast ausnahmslos die Verkörperung ihres Berufes zu sein. Den Schneider erkannte man an seinem zierlichen, schmächtigen Körper; den Schlachter an seinem roten, fleischigen Gesicht und den glatten Händen; den Bauer an seinen von Sonne und Wind gegerbten Zügen und den schwieligen, braunen Händen; den Tischler an seiner Art, wie er die Dinge abwägend ins Auge faßte. Was einem fremden Besucher aufgefallen wäre, war die Ähnlichkeit der Kinder mit ihren Eltern. Ohne einen Mißgriff befürchten zu müssen, hätte er jedem Vater sagen können, welches sein Kind sei.

Auf dem Ehrenplatz saß der Pfarrer, der von den anderen Herren durch seinen schwarzen Anzug, schwarze Krawatte, seine asketischen Züge, mit einem Anflug von wissender Heiterkeit, abstach. Ihm zur rechten saß der Arzt des Städtchens, den jeder kannte und dessen besonderes Merkmal ein furchterregender Vatermörder war, der seinem gütigen Gesicht eine gewisse Strenge und Unnahbarkeit verlieh. Zur linken Seite des Pfarrers saß der Obmann des Schulvorstandes, ein Kaufmann. Man sah ihm den Wohlstand an, doch machte er den Eindruck, dass mit ihm nicht gut Kirschen essen sei.

Männer und Frauen saßen in bunter Reihenfolge an den Wänden entlang. Die Frauen waren meist etwas rundlich und hausbacken doch ihre Festtagsgewänder ließen sie madonnenhaft erscheinen. Verarbeitete Hände lagen ruhevoll im Schoß. Viele der heiteren, erwartungsvollen Antlitze verrieten Energie und Lebenserfahrung, ein offenes Verständnis für die Freuden und Leiden des Alltages. Man sah kaum ein gelangweiltes Gesicht. Lebendigkeit und Empfänglichkeit für Neues und Überraschendes prägten sich auf herben und weichen Zügen.

Das Examen begann. Konrad Berghöfer fühlte sich wie ein Schauspieler, der einen besonders guten Tag hat. Da er seine Schulkinder genau kannte, stellte er für jedes die Frage so, dass es antworten konnte. Die schwierigeren Fragen legte er den Gescheiteren vor und jede Klippe wurde mit Geschick umschifft. Ein kleines Dummerchen, von dem schwerlich eine richtige Antwort zu erwarten war, durfte ein Liedchen singen und es schmetterte: "Wenn der Topf aber ein Loch hat?" Durch beifälliges Gemurmel zollten die Gäste Beifall.

Plötzlich bemerkte Berghöfer, wie sein Feind der Obmann, dem Pfarrer etwas ins Ohr flüsterte. Jetzt kommt es, dachte Konrad, irgendetwas wird er mir einbrocken.

Der Pfarrer erhob sich und sagte gemessen: "Der Vorstand bittet, dass Sie jetzt das Examen in der Landessprache weiterführen." Der Obmann wußte genau, dass der junge Deutschländer ein holpriges Portugiesisch sprach und wollte ihn bloß stellen und demütigen.

Berghöfer bekam einen roten Kopf, doch zwang der sich zur Ruhe. Wenn seine Aussprache auch nicht Akzent frei war, und seine Ausdrucksweise ungeschliffen und schwerfällig, so konnte ihm doch in der Grammatik niemand etwas weiß machen. Er griff nach seinen Büchern und suchte nach einem geeigneten Stoff. Plötzlich erhob er erschrocken den Kopf. Ilses frische, junge Stimme drang durch den Raum. Freundlich in einem reinen, geschliffenen Portugiesisch erklärte sie den Gästen, dass der portugiesische Unterricht ihr obliege und dass sie nun mit der Prüfung in den Fächern: Grammatik, Geographie und Heimatkunde beginnen würde.

Berghöfer bebte vor verhaltenem Zorn. Er hatte dem Angriff des Obmanns parieren wollen, ihm beweisen wollen, dass er auch dieser Aufgabe gewachsen sei. Nun war ihm die Waffe aus der Hand genommen worden und er stand tatenlos und unbeachtet da. Die Zuhörer hatten sich Ilse zugewandt und lauschten gespannt ihren spielerischen und doch sicheren Ausführungen. Ein Unterton in ihrer Stimme verriet ihm, dass sie nicht so ruhig war, wie sie sich gab. Einmal warf sie ihm einen fragenden und um Verzeihung heischenden Blick zu. Sie war sich ihres eigenwilligen, nicht seinem Sinn entsprechenden Handelns voll bewußt. Doch die Berechtigung in ihren Unterrichtsfächern zu prüfen und der Wunsch, ihm in einer schwierigen Situation zu helfen, zerstreute ihre Bedenken. Es kam ihr nicht in den Sinn, ihn in seiner männlichen Eitelkeit und seinem Stolz verletzt zu haben. Und doch erfaßte sie instinktiv, dass sie ihn irgendwie gekränkt haben mußte.

War es Schlauheit oder unbewußtes Erfühlen der Lage, was ihr den Weg zeigte, Berghöfer zu versöhnen und das Examen zu einem harmonischen, allgemein zufriedenstellenden Abschluß zu bringen?...

In ihrer ungezwungenen Art brachte sie den Unterricht auf das Kopfrechnen und bat den Lehrer auch Fragen an die Kinder zu stellen. Widerwillig folgte er ihrer Führung, doch ließ er sich bald mitreißen.

Da das Examen zu Ende ging, forderte sie ihn auf, einige brasilianische Weisen zu dirigieren. Er konnte sich der frohen Stimmung der Kinder und Gäste nicht entziehen und Ilses Begeisterung aus den Kindern das beste herauszuholen, riß auch ihn mit. Den Liedern folgten Gedichte und ein fröhliches, ungezwungenes Rede- und Antwortspiel zwischen Lehrern und Schülern. Als die Kinder zum Abschluß die Nationalhymne sangen und die Besucher, teils gerührt, teils heiter, in ehrfürchtiger Haltung dem feierlichen und begeisterten Klang aus jungen Kehlen lauschte, sahen sich Konrad und Ilse einen Augenblick zufrieden und glücklich in die Augen. *Ihre* Prüfung war erfolgreich überstanden.

Der Pfarrer sprach noch einige abschließende Worte und ein Gebet. Dann füllte sich die Klasse mit dem Jubel kindlicher Stimmen, dem Getrampel der aufbrechenden Schar und mit abgerissenen Sätzen der Älteren. "Auf Wiedersehen! Auf wiedersehen im nächsten Jahr! Frohe Ferien!" hallte es durch den Raum und die Kinder, von den zügelnden Banden der leidigen und doch so geliebten Schule entledigt, stürmte die Ranzen schwingend ins Freie, hinaus in die Ferien, in den Sommer, in die Ungebundenheit und die kindlichen Spiele.

Der Vorstand, die Eltern, der Pfarrer drückte den beiden Lehrern gratulierend die Hände. Der Raum leerte sich. Eine gütige, rundliche Frau klopfte als letzte den Lehrer auf die Schultern und sagte anerkennend; „Das haben Sie gut gemacht, Herr Lehrer. Es war das schönste Examen, das ich erlebt habe."

7

Berghöfer hätte es zu einer anderen Zeit witzig gefunden, dass die Frau gesagt hatte, ein Examen erlebt zu haben. Jetzt fand er es richtig, denn er hatte dieses Examen auch erlebt. Es war für ihn ein Erlebnis gewesen. Es hatte etwas in den Grundtiefen seines Seins aufgewühlt. Er wußte nun, dass er die Kinder nie im Stich lassen würde. Sein Herz hatte sich der Jugend verschrieben.

Er sah sich nach Ilse um. Sie saß in der ersten Bank und lachte. Es war ein kleines verhaltenes Lachen, das plötzlich in Weinen überging. Sie legte die Arme auf das Pult und schluchzte bitterlich.

Berghöfer wunderte sich nicht darüber. Ihm war selbst zum Lachen und Weinen zu Mute. Er setzte sich neben sie und streichelte behutsam ihren Arm.

„Was ist, Ilse?"

„Ach, gar nichts. Nur... Jetzt ist alles aus, alles zu Ende."

„Nein, nichts ist aus, nichts ist zu Ende." Er legte seinen Arm um sie und flüsterte so dicht an ihrem Ohr, dass seine Lippen ihre Haare berührten: „Es fängst ja alles erst an, Ilse. Dein Leben, meines, unser gemeinsames Leben. Alles!"

Als sie ins Freie traten, brannte vom azurblauen Himmel die glühende Sonne auf die rote, gleißende Straße, auf grüne Bäume und weiß gekalkte, mit blendenden Zinktafeln gedeckte Häuser. Ein nervenzermürbender, den Willen lähmender, heißer Nordwind wirbelte den Staub auf und legte ihn wie einen roten, zarten Schleier über die ausgedörrte, gesprungene Erde, über Häuser, Pflanzen, Menschen und Tiere. Wind, Staub, Hitze, nichts störte Konrad und Ilse, denn sie gingen auf Wolken.

Fontes:

Serra-Post-Kalender. Ijuí, Ulrich Löw, 1953, p. 213-228.

Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 48-57.

Texto disponível em www.martiusstaden.org.br/files/rellibra/autores/hildasiri_einschulexamen_pdf acesso em 20 de maio de 2009 às 20 horas